

SHIRLEY VALERA RIALTO SESARINO

**CONSTRUÇÃO DO MASCULINO NA CURITIBA
DAS DÉCADAS DE 1940 E 1950
*TORNAR-SE HOMEM***

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História para a obtenção do grau de Mestre. Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Andreazza

CURITIBA

2001



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação da candidata Shirley Valera Rialto Sesarino, sob o título "Tornar-se homem: construção do masculino das décadas de 1940 e 1950", para obtenção do grau de Mestre em História, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela aprovação com conceito "A" sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de Mestre.

Curitiba, 20 de setembro de 2001.

Prof. Dr. Wania Inez Quadagno
Presidente

Prof. Dr. Mário Szilbe MS
1º Examinador

Prof. Dr. Ana Paula Viana e Costa
2º Examinador

*A Jorge Sesarino,
porque não há nenhuma realização que dispense o amor.*

AGRADECIMENTOS

À Maria Luiza Andreazza, pelo acolhimento desde o primeiro momento e dedicação ao longo de todo o trabalho, por ensinar o caminho das pedras a alguém que veio de outra área.

Aos meus depoentes, uma vez que sem sua atenção e generosidade este trabalho não poderia se tornar realidade.

Aos colegas e aos professores do curso por terem compartilhado o que sabiam contribuindo com o andamento do meu projeto.

Às colegas Regina Celina Cruz, Mariita Bertassoni Silva e Mari Ângela Calderari Oliveira que ocupando postos de chefia, na PUC-PR souberam compreender minha ausência em momentos cruciais.

À Marisa Schmidt da Silva, pelo incentivo e pelo apoio efetivo em momentos difíceis.

Às minhas irmãs Vayne e Eliana, por suportar tantas negativas aos convites para passeios, almoços, companhia...

Aos meus pais Ana e Antonio, pela contínua aposta e torcida.

À Antônia Schwinden pelo empenho e superação na revisão do texto e, principalmente, pela amizade, pelas dicas, pela força, enfim.

À Isabel Marie Sesarino, por me mostrar tão docemente que eu havia trabalhado o domingo inteiro e precisava me 'divertir' um pouco.

SUMÁRIO

RESUMO	v
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - DO TERRITÓRIO DA MÃE AO MUNDO DO PAI.....	16
1.1 UM MUNDO DE MENINOS.....	16
1.2 NEM CRIANÇAS, NEM ADULTOS... 'MOCINHOS'	38
1.3 OS RAPAZES E O MUNDO DA EFETIVA INICIAÇÃO SEXUAL.....	52
CAPÍTULO 2 - O MUNDO DOS HOMENS: ESPAÇOS DA RESPONSABILIDADE.....	93
2.1 A FORMAÇÃO ESCOLAR.....	93
2.2 TORNAR-SE HOMEM ATRAVÉS DO TRABALHO	106
2.3 A FAMÍLIA COMO PÓLO DE MASCULINIZAÇÃO	116
2.3.1 A Sociabilidade dos Jovens: os Rapazes e as 'Moças de Família'	135
2.3.2 Namoro 'Sério'	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
BIBLIOGRAFIA	174

RESUMO

Considerando dados da memória, colhidos através de depoimentos – técnica do universo metodológico da história oral – este trabalho trata da construção da masculinidade para rapazes que viveram sua juventude na cidade de Curitiba nas décadas de 1940 e 1950. A construção da masculinidade – aqui discutida como um tempo de passagem da infância à idade adulta –, de acordo com os aspectos rememorados e a teorização de alguns autores, se faz gradativamente e por etapas. Num primeiro plano apresentam-se as etapas vividas entre jovens num espaço caracterizado como um campo de aventuras, provas e diversão. Num segundo plano estão os aspectos relacionados à aquisição de valores societários assimilados através das instituições tradicionais daquela sociedade: escola, trabalho e família.

INTRODUÇÃO

Partindo do tema 'adolescência',¹ a idéia inicial para o desenvolvimento da pesquisa era abordar a iniciação sexual do jovem do sexo masculino. No decorrer das discussões para aprimoramento do projeto, uma direção mais precisa desembocou na questão central: 'o que era ser um jovem rapaz nos anos 40 e 50 na cidade de Curitiba?' Decidiu-se ouvi-los. Ia-se então entrevistá-los, levando a eles essa questão. Assim, a partir da memória de homens que contam atualmente com 65 anos ou mais, buscou-se reconstruir as vivências e os espaços de sociabilidades da juventude masculina na cidade de Curitiba. Ao escutá-los, no entanto, percebeu-se que seus discursos giravam em torno de uma questão central e eminentemente masculina: 'tornar-se homem'.

Na primeira parte desse percurso, quando ainda se procurava contemplar questões relativas à iniciação sexual e sociabilidades de uma juventude de rapazes, foi necessário considerar algumas possibilidades analíticas que os estudos de gênero vêm descortinando na atualidade: a masculinidade e a feminilidade como

¹"Nas últimas décadas, a adolescência vem sendo considerada um momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias, mas com uma psicologia e até mesmo uma sociologia peculiar. (...) embora alguns considerem a PUBERDADE (do lat. *Pubertate* – sinal de pêlos, barba, penugem) como a primeira fase ou momento da ADOLESCÊNCIA (do lat. *Adolescere* – crescer), a tendência universal é reservar o termo PUBERDADE para modificações biológicas dessa faixa etária e ADOLESCÊNCIA para as transformações psicossociais que as acompanham". OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.10-11. "Puberdade é um processo biológico que inicia, em nosso meio, entre nove e quatorze anos aproximadamente e se caracteriza pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os chamados 'caracteres sexuais secundários'. A adolescência é basicamente um fenômeno psicológico e social. (...) A palavra 'adolescência' tem dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando a condição ou o processo de crescimento, em resumo o indivíduo apto a crescer. Adolescência também deriva de *adolescer*, origem da palavra adoecer. Dupla origem etimológica: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa etária)". OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**: Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.5-6.

resultantes de uma construção historicamente determinada. É o que se pode ter claramente contemplado na produção de MATOS, quando diz que:

Na realidade, existem muitos gêneros, muitos “femininos” e “masculinos”, e temos que reconhecer a diferença dentro da diferença. Desse modo, mulher e homem não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, etnia, geração e ocupação devem ser ponderados e inter cruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, por meio de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevém a preocupação de desfazer noções abstratas de “mulher” e “homem”, como identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações.²

Percebeu-se, assim, que é todo um arcabouço discursivo, sustentado em uma série de variáveis que estão determinadas em um dado contexto histórico-cultural, que possibilita um ‘vir-a-ser’ da masculinidade em um homem. Ao nos afastarmos de uma posição essencialista, não faz mais sentido sobrepor masculinidade e feminilidade, respectivamente, a homens e mulheres. Como diz ALMEIDA, essas “são metáforas de poder e de capacidade de ação e, como tal acessíveis a homens e mulheres. (...) ...tanto o corpo sexuado como o indivíduo com gênero são resultados de construção histórica e cultural”.³ Assim, para homens e também para as mulheres, a masculinidade e a feminilidade são apreendidas nas inter-relações vividas.

Desde o final do século XVIII e o início do XIX, no entanto, convive-se de maneira naturalizada com o modelo da diferença sexual, e assim, segundo BIRMAM,⁴ perdeu-se de vista sua relatividade histórica. Depois de superada a concepção de sexo único – na qual os sexos eram concebidos de maneira hierárquica, sendo sempre regulados pelo modelo masculino, que era figurado como

²MATOS, Maria Isilda S. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros - percursos e possibilidades. In: **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997. p.107.

³ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: ANUÁRIO Antropológico/95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.162.

⁴BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.34.

o sexo perfeito – o discurso sobre a diferença sexual, acontecimento bastante recente na história do Ocidente, dá à mulher o lugar que, segundo as novas concepções, ‘naturalmente’ lhe caberia: a maternidade.

No novo paradigma da diferença sexual, o postulado era a diferença radical de fundamentos entre o ‘ser do homem’ e o ‘ser da mulher’. Estes teriam essências diferentes, e então homem e mulher passaram a ser concebidos como matrizes da natureza, plenamente diferenciadas e absolutamente inconfundíveis. O substrato essencial desta concepção estaria na ordem biológica. A biologia nos seus aspectos anatômico e fisiológico funcionaria como um divisor de águas na natureza. A partir dessas diferenças essenciais se esboçariam os horizontes possíveis para a inserção do macho e da fêmea nas suas inscrições no espaço social.

Na mesma linha de pensamento, para LAQUEUR,⁵ a igualdade de direitos dos cidadãos, propagada ao longo do século XVIII, possibilitou a subversão definitiva do modelo hierárquico do sexo único imperante no Ocidente desde a Antigüidade. Vale dizer que a hierarquia entre os sexos não deixou absolutamente de existir, mas foi deslocada e passou a se fundar no registro biológico da natureza. Para BIRMAN,⁶ os poderes hierarquizados entre os sexos ganharam agora novo contorno, fundando-se numa caução biológica, legitimados, pelo discurso da ciência.

Fica claro assim que o discurso sobre a igualdade de direitos não se transformou logo em normas sociais capazes de legitimar a igualdade de condições entre os sexos. Muitas idas e vindas, progressões e retrocessos se passaram desde a conquista do direito ao voto e à educação para as mulheres. Alguns estudiosos⁷ consideram que somente os anos 60 do século XX marcaram um momento crucial de ruptura, quando o feminismo rompeu de vez com as amarras tradicionais da condição da mulher no Ocidente.

⁵Citado por BIRMAN. Op. cit.

⁶BIRMAN, op. cit., p.36.

⁷Entre eles Nolasco, Heilborn, Badinter.

Mesmo considerando as condições sociais, éticas e políticas que possibilitaram a emergência do discurso da diferença sexual, no final do século XVIII e início do XIX a mulher teria que ocupar o lugar daquela que, em essência, em função da natureza do seu organismo, estaria destinada a ser uma mãe prestimosa. Alguns estudiosos da masculinidade⁸ vão atribuir a manutenção do mesmo *status quo* na relação entre homem e mulher à resistência dos homens que, para a época, não podiam deixar de assegurar sua masculinidade mantendo a mulher longe do seu espaço de ação: a esfera pública.

No final do século XIX, esperava-se que o homem desse forma à sociedade e protegesse as mulheres de seus perigos, na medida em que ambos enfrentavam condições sociais que podiam conduzir à degeneração. Essa ameaça a um ideal de masculinidade é tratada por MOSSE, que nos dá fundamentos para entender a valorização da masculinidade na virada do século.

Fosse símbolo público ou ideal privado, a imagem masculina se acentuou, tenha ela enfrentado inimigos reais ou imaginários, e nisso o *fin de siècle* foi um período crucial. A masculinidade fornecia um anteparo contra o caos e as forças da dissolução que pareciam tão ameaçadoras na época, na medida em que os inimigos da sociedade estabelecida tornaram-se cada vez mais visíveis e numerosos. Que inimigos eram esses que davam à masculinidade uma urgência tão particular no fim do século XIX? A crise econômica, as agitações trabalhistas e a nova tecnologia, que pareciam acelerar ainda mais o tempo, forneciam o pano de fundo. Temores de despovoamento e, na França, o choque da derrota para a Alemanha também tiveram repercussão nisso. Entrementes ameaças à saúde individual, como a sífilis, a tuberculose e a histeria estavam se tornando uma obsessão geral. Na mesma época, as chamadas 'novas mulheres', lésbicas e homossexuais, estavam emergindo das sombras e desafiando a divisão tradicional entre gêneros, símbolos tangíveis de épocas fora dos eixos.⁹

⁸MOSSE, George L. Masculinidade e decadência. In: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (Org.) **Conhecimento sexual, ciência sexual. A história das atitudes em relação à sexualidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (UNESP/Cambridge). HEILBORN, Maria Luiza. Corpo, sexualidade e gênero. In: DORA, Denise Dourado. **Feminino/masculino: igualdade e diferença na justiça**. Porto Alegre: Sulina, 1997. NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

⁹MOSSE, op. cit., p.293.

Seguindo esse rumo, enquanto o pai (paternidade) assumia as qualificações de um herói distante e ao mesmo tempo temido, a maternidade servia como compensação para a baixo *status* social a que ficava referida a mulher. Assim, para uma mulher impedida de exercer sua dimensão profissional e política, existia a representação da mãe, que a engrandeceria.¹⁰

Se a mulher ainda não tinha acesso ao trabalho, signo de independência para os homens, e nem podia usufruir sua sensualidade, restava-lhe, como um sentido que encontrava sustentação na cultura, o lugar da 'mãe amorosa'. Deste modo, o amor e o carinho dedicados aos filhos dão à mulher um lugar de valor na cultura. A legitimidade de sua condição de mulher valorizada se dá pela via da maternidade.

Sendo assim, é da 'mãe carinhosa', cujo sentido da própria vida é dado pela dedicação aos filhos, que um menino deve afastar-se para 'tornar-se homem'. É ao pai austero e distante, que com a revolução industrial passa a ser mais conhecido pela palavra da mãe do que pela proximidade de convivência, que o filho homem deve buscar como pólo de identidade. Deve deixar uma relação de proximidade que viveu com a mãe no interior da casa, para dirigir-se ao distante mundo dos homens.

ACOSTA, que também desenvolveu uma pesquisa com homens, lembra de sua surpresa ao escutar o que um deles disse: "Homem para mim é ser forte" e complementa: "Porque eu tive que me fortalecer contra a parede de mulheres que me educaram".¹¹ Podemos compreender, então, que para 'tornar-se homem', há todo um esforço.

¹⁰NOLASCO, *O mito...*, op. cit., p.155.

¹¹Fernando ACOSTA, faz uma intervenção no debate: Sexualidade e ciências sociais: perspectivas e paradigmas no fim do milênio. Coordenado por Jane Russo. In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.67. Ps. O autor faz uma pequena participação neste debate e, não esclarece sobre a natureza da pesquisa na qual trabalha, mas está se referindo a uma colocação sobre 'homens competitivos'.

Como já mencionado, é consenso entre estudiosos atuais sobre a masculinidade que 'tornar-se homem' implica um percurso a ser construído. Para BADINTER, a identidade masculina resulta de um empreendimento:

Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. É mais raro ouvir 'seja mulher' como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao adulto masculino é lugar-comum na maioria das sociedades. Sem ter plena consciência disso, agimos como se a feminilidade fosse natural, portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada, e a alto preço. O próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhe exigem provas de sua virilidade. 'Prove que é homem', é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente. (...) *Dever, provas, provações*, estas palavras dizem que há uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem.¹²

Ao considerar dados etnográficos, a mesma autora diz que o objetivo comum dos ritos de iniciação para os meninos é mudar o estatuto de identidade do menino para que ele renasça homem. O que comportaria três etapas, para ela, cada qual mais dolorosa que a outra: "a separação da mãe e do mundo feminino; a transferência para um mundo desconhecido; e a passagem por provas dramáticas e públicas".¹³ Também para NOLASCO, que considera vários planos teóricos ao estudar masculinidade (biológico, antropológico, psicológico e sociológico), a análise de diferentes culturas permite a inferência de que é comum em todas elas três estágios pelos quais o menino deve passar até tornar-se um homem:

O primeiro deles refere-se ao esforço a ser empreendido para cortar a relação com a mãe, ou ainda afastá-lo da força dela. No estágio seguinte, considerado de transição, ele é isolado do contato com as mulheres e deixa de ser considerado um menino, porém também ainda não é um homem. No terceiro estágio ele deverá provar ser merecedor da aquisição de sua masculinidade e se tornar um homem.¹⁴

¹²BADINTER, op. cit., p.3.

¹³BADINTER, op. cit., p.71.

¹⁴NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização da violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p.99.

Essa 'passagem', demarcada em três tempos por BADINTER e NOLASCO, é igualmente trabalhada por VAN GENNEP,¹⁵ quando estuda os 'ritos de passagem' e as provas aí envolvidas. 'Liminalidade' é o termo por ele introduzido para nomear o lugar de 'passagem' de um lugar a outro que virá na seqüência. Para ele, a 'liminaridade' é o lugar onde se está quando já se processou uma 'separação' em relação a um lugar ocupado anteriormente, mas ainda não aconteceu a 'reintegração' em um outro lugar. Conforme esse autor, o 'rito de passagem' é um conjunto de ações que compreende três tempos denominados separação, liminaridade e agregação.

Essa tríade parece descrever o conjunto de ações praticadas em todas as sociedades, por jovens no início, durante e após a adolescência. Para tornar-se homem um menino passa por uma separação do mundo da infância e das relações ali estabelecidas, vive um tempo de liminaridade, quando já não pode ocupar o lugar da criança que foi, mas tampouco pode se fazer reconhecer como adulto, para chegar ao tempo de reintegração ao novo lugar, no caso, o mundo dos homens. Este tempo de 'liminaridade' caracteriza-se por provas e mostrações, cuja finalidade é reconstruir e sedimentar um lugar ainda difícil de garantir.

No processo de construção da masculinidade, para as sociedades ocidentais na era moderna, encontra-se um trabalho no sentido de afastamento da força que os 'cuidados maternos'¹⁶ – que foram recebidos pelo bebê de forma passiva – exercem sobre o menino. Assim, nas culturas em que essa função 'protetora' inicial está a cargo de mulheres, esse período de transição é marcado por um isolamento em relação a elas. Entende-se que para tornar-se homem o menino

¹⁵VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, Vozes, 1977.

¹⁶O que deve ser entendido no plano de uma 'função', ou seja, trata-se dos cuidados com as necessidades básicas (alimentação, higiene...) que uma criança inevitavelmente deve receber de um adulto (mulher ou homem) ao nascer, dada sua condição de imaturidade neurológica.

deve passar por um processo de separação. Menos da mãe do que desse lugar de 'menino cuidado'.

Mesmo considerando a tradição patriarcal,¹⁷ em que o referencial para homens e mulheres está no homem, muitos autores¹⁸ consideram que 'tornar-se homem' implica uma reação a uma posição de base feminina. Depois que historicamente as crianças passaram a ter um lugar privilegiado para os adultos,¹⁹ e que o bebê passa a ser um importante pólo para o valor que uma mulher encontrava na 'maternidade', meninos gerados, amamentados e cuidados por uma mulher, inevitavelmente passariam por um processo de identificação com ela. Desse modo, para tornar-se um menino seria necessário um esforço no sentido do distanciamento dessa posição inicial, onde além da relação estreita e inaugural ter se dado com uma mulher, esteve ali numa posição passiva, a posição de bebê.

Se nas sociedades de tradição patriarcal o mundo das mulheres estabelece-se em torno dos afazeres da casa, o menino, para tornar-se homem deve liberar-se desse mundo das mulheres. HEILBORN afirma que "as mulheres dão origem a homens e mulheres e o que seria o imperativo do simbólico é a necessidade de marcar, de deslocar a identidade masculina dessa produção que passa pelo feminino. É imperativo que a masculinidade seja instituída e marcada como diferente".²⁰

Essa expressão de oposição ao mundo feminino também vamos encontrar em HARLEY,²¹ que diz que, para serem masculinos, os machos aprendem em geral

¹⁷Para ALMEIDA, é a "definição de uma ordem de gênero específica na qual a masculinidade hegemônica define a inferioridade do feminino e das masculinidades subordinadas". ALMEIDA, M. V. de, op. cit., p.164.

¹⁸Heilborn, Nolasco, Birman, Malinowski, Badinter.

¹⁹Ver: ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

²⁰HEILBORN, M. L., Corpo, sexualidade..., op. cit., p.53.

²¹Citada por BADINTER, op. cit.

o que não devem ser, antes de aprenderem o que podem ser. Assim muitos meninos definem a masculinidade dizendo: 'o que não é feminino'. Corroborando com tal afirmação BADINTER diz que nascido de uma mulher, acalentado num ventre feminino, o menino, ao contrário da menina, está condenado à diferenciação... Ele só pode existir opondo-se à sua mãe, à sua feminilidade, à sua condição de bebê passivo. "Por três vezes, para afirmar sua identidade masculina, deve convencer-se e convencer os outros de que não é uma mulher, não é um bebê e por fim, de que não é um homossexual".²² Ou seja, ele deve dar mostras de que se afastou de uma identificação inicial com a mãe, de que cresceu e de que se virilizou.

Assim, se a masculinização passa por um processo de diferenciação ou oposição daquilo que é do campo do feminino, consideremos como também o fez BADINTER, os trabalhos de ERIKSON,²³ pois ele assinala que a construção de uma identidade (social ou psicológica) é um processo extremamente complexo, que comporta uma relação positiva de inclusão e uma relação negativa de exclusão. E complementamos com uma reflexão de BADINTER a esse respeito: "Nós nos definimos pelas semelhanças com algumas pessoas e as diferenças com outras. O sentimento de identidade sexual também obedece a esse processo".²⁴ Ou seja, a masculinidade e a feminilidade se definem em um caráter relacional.

²²BADINTER, op. cit., p.34.

²³ERIKSON, Eric. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

²⁴BADINTER, op. cit., p.33. E agrega-se aqui uma nota citada por BADINTER, junto ao termo 'identidade sexual': "Para descrevê-lo, o americano dispõe de um vocabulário mais preciso que o francês. Robert Stoller, especialista em transexualidade, aconselha desde 1963 que se distinga o sexo, o gênero e o núcleo de identidade do gênero. A palavra *sexo* (condição de macho ou fêmea) remete ao domínio biológico. Para determinar o sexo, é preciso analisar cromossomos, órgãos genitais externos e internos, gônadas, o estado hormonal e os caracteres sexuais secundários. O *gênero* tem conotações psicológicas ou culturais. A '*identidade do gênero*' começa com a percepção de que se pertence a um sexo e não a outro. O '*núcleo de identidade do gênero*' é a convicção de que a atribuição de seu sexo foi correta. 'Eu sou macho' se impõe antes dos dois anos de idade e em geral persiste de modo inalterável".

Para FREUD, segundo BADINTER, a identificação era a chave do conceito de identidade, múltipla por definição.²⁵ FREUD, porém, não tomava o 'masculino' como uma reação ao campo do feminino, numa simples dualidade. Ao contrário, ele defendia a idéia de um monismo sexual em sua 'premissa universal do falo', fazendo notar uma diferença entre a 'organização genital infantil' e a organização genital final do adulto: "Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo".²⁶ Assim, para ele, a criança ao perceber a diferença sexual anatômica considerava apenas a *presença* ou a *ausência* em relação ao órgão sexual masculino. Não se inscrevendo a diferença entre órgão sexual masculino e feminino, a criança percebia os meninos como detentores do órgão sexual e as meninas como privadas do mesmo. Assim, se a percepção girava em torno da presença ou ausência, ele dizia que a questão central na sexualidade gravitava em torno da primazia do falo,²⁷ descolando-a dos órgãos genitais.

Por esse viés, a masculinidade passaria pelo encargo que o homem receberia de sustentar-se como o detentor imaginário do falo, representado simbolicamente pela presença do pênis no corpo. A partir daí, a feminilidade seria secundária pois estaria significada pela ausência ou pela privação do falo. É BIRMAM que, ao retomar FREUD, vai dizer que, em verdade, "feminilidade foi concebida como presente no fundo de ambas as modalidades de ordenação sexual, numa posição de

²⁵Não cabe aqui uma discussão sobre o conceito de identidade/identificação em FREUD, uma vez que sua complexidade extrapola os objetivos deste trabalho, mas ressalta-se que, também para ele, a identidade é produto de uma construção e neste processo também está implicada uma face de assimilação e uma de expulsão.

²⁶FREUD, S. **A organização genital infantil (1923)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras Completas). O 'falo' deve ser entendido como o representante de um objeto.

²⁷"Diversas palavras são empregadas para designar o órgão masculino. Se a palavra pênis fica reservada ao membro real, a palavra falo, derivada do latim, designa esse órgão mais no sentido simbólico". ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.221.

latência contra a qual as sexualidades masculina e feminina se organizariam”.²⁸ O que significa dizer que o feminino é o campo que está antes²⁹ da inscrição de uma referência fálica – como ‘presença’ de um objeto. Mas que seria somente a partir da inscrição de uma referência fálica que se ordenariam as sexualidades feminina e masculina. Desta forma, volta-se à masculinidade como um modo de reação ao campo do feminino, mas agora não mais centrada no que pode ser entendido como o mundo das mulheres. Pois, voltando à concepção inicial de gênero, conforme apresentado em MATOS e em ALMEIDA, a feminilidade e a masculinidade não devem ser tomadas como sobreponíveis a homens e mulheres ou a macho e fêmea. Assim, se a identidade masculina se constrói como uma defesa em relação a uma feminilidade originária, também a identidade feminina assim se dá.

* * * *

Do universo metodológico da história oral, escolheu-se como técnica de entrevista³⁰ trabalhar com depoimentos. De acordo com SANTOS, “o depoimento requer que o investigador recorte antecipadamente o assunto que lhe interessa e

²⁸BIRMAN, op. cit., p.224.

²⁹É por isso que Lacan denomina a mulher de ‘não-toda’, ou seja, o que é do campo do feminino é o que está antes (originário) de que se inscreva qualquer significante como símbolo de uma presença. No homem representado no real do corpo próprio, o pênis, o que o convoca a sustentar uma posição de quem é o detentor do falo, enquanto emblema de poder. Pois, enquanto o que é do masculino remete a uma presença, o que é do feminino remete a uma ausência. Por isso o homem se positiva para ser homem, mas para sustentar uma posição fálica, pois, fazendo representar a ‘presença de uma presença’ em seu corpo próprio, ele precisa mostrar que apreendeu essa premissa. Ou seja, o homem se faz homem porque deixa claro que sabe que é homem (sustenta a premissa fálica) e não porque é portador de pênis, que apenas caracteriza o sexo.

³⁰Tomou-se aqui, assim como o fez SANTOS, ‘entrevista’ como um procedimento genérico, presente na base de toda a investigação orientada pelos pressupostos da história oral. Neste trabalho o termo entrevista é empregado para designar o momento em que o entrevistado e o entrevistador estavam frente a frente. “Na verdade, a entrevista está presente em todas as formas de coleta de relatos orais”. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’. In: SANTOS, Antonio César de Almeida. **Memórias e cidade, depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)**. 2.ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p.16.

dirija o 'colóquio' na direção pretendida, ou seja, aquela que ele tem para si como a que oferece os elementos para a resolução do problema investigado".³¹

Dessa perspectiva, a posição junto aos entrevistados seria, ao mesmo tempo, manter vivo o foco da pesquisa e deixar que a partir da memória³² eles reconstruíssem sua juventude. As lembranças seriam assim revividas.

As lembranças não vivem no passado, ao contrário, precisam de um tempo presente de onde sejam projetadas e ancoradas por um sentido. Elas também jamais se apresentam isoladas, são de ordem relacional e envolvem outros indivíduos. (...) a memória individual ou coletiva, é necessária à atualização da percepção da realidade, e é o que torna possível a compreensão das transformações operadas na sociedade. Um relato fundado na memória, é uma forma de superar esquecimentos, de reelaborar significações e (re)estabelecer relações com o passado.³³

Na expectativa de que essa reconstrução tomasse seu rumo próprio, desconhecido *a priori*, propôs-se o 'tema', mas se decidiu não formular um roteiro prévio para a entrevista. A questão lhes foi colocada: 'como era ser jovem no seu tempo?' Alguns se punham a falar imediatamente, outros perguntavam sobre o que

³¹SANTOS, Antonio César de Almeida. **Memórias e cidade, depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)**. 2.ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p.17. Pode-se distinguir também 'entrevista', 'depoimento' e 'história de vida', como técnicas da história oral. De acordo com QUEIROZ, citada por SANTOS, "A diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador. (...) a entrevista pode esgotar num só encontro, os depoimentos podem ser bem curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças com relação às histórias de vida. (...) Toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos". Para verificar um trabalho feito a partir de 'história de vida', ver: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1987.

³²Tem-se como suporte para esse conceito o trabalho de Maurice HALBWACHS: "(...) a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada". HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p.71. Assim não foram tomadas como fatos as declarações obtidas junto aos depoentes. Michael HALL, citado por SANTOS, entende "que as entrevistas da história oral mostram menos a experiência direta dos informantes do que o resultado do trabalho que a memória faz com essa experiência".

³³SANTOS, A. C. de A. **Memórias...**, p.20-21.

deveriam falar, ou a partir de qual idade, ou se podiam falar sobre qualquer coisa... geralmente se reformulava a questão: 'Sim, sobre qualquer coisa que possa me contar sobre seu tempo de juventude', 'a partir da idade que você considera que começou sua juventude...', 'qualquer coisa que você possa contar sobre o seu tempo de juventude vai me interessar muito' etc. A partir daí não teriam mais dificuldade em começar. As intervenções eram raras e quase sempre se faziam no sentido de elucidar um pouco mais sobre aquilo de que já estavam falando. Como HALBWACHS, tomou-se a memória individual dos entrevistados como "um ponto de vista sobre a memória coletiva".³⁴ Assim, considerando que a manifestação das memórias individuais refletiam o campo de significados no qual estavam inseridos, suas rememorações foram utilizadas como elementos que permitiam a reconstrução e a demarcação de gênero nas décadas em estudo. Neste caso, especial atenção foi dada ao que emergia como aspectos da afirmação da masculinidade no que se caracterizou como um 'tempo de passagem' da infância à vida adulta.

Dos treze homens ouvidos, a entrevista-piloto foi realizada em julho de 1999 e as doze restantes foram realizadas em fevereiro de 2000. Cada depoimento foi realizado em apenas um encontro, com duração média de duas horas e meia. A entrevista mais curta foi de uma hora e a mais longa teve duração de quatro horas e meia. O local e a hora da entrevista eram previamente agendados com o entrevistado. Todas as entrevistas foram gravadas e foram posteriormente transcritas.

Seus relatos geralmente começavam pela idade escolar, desde os primeiros anos; na seqüência seria lembrado todo um mundo vivido entre amigos, conhecidos e colegas. Os entrevistados, quando rememoravam seu tempo de menino ou jovem não lembravam de vivências relacionadas ao mundo da casa, suas

³⁴Ver HALBWACHS, op. cit., p.51. Ele retoma a discussão sociológica entre indivíduo e sociedade para o campo da memória, considerando que esta seja um fenômeno social.

lembranças referem-se ao que viveram no mundo da rua.³⁵ Um processo de afirmação da 'masculinidade' ia se fazendo enunciar a cada entrevista.

'Tornar-se homem' aparecia como uma conquista gradativa de um mundo representado como exterior à casa dos pais, sinônimo de conquista de autonomia. Ou seja, no percurso em direção ao que, para a época, era considerado o mundo dos homens, eles passavam por um processo de afastamento da posição que ocupavam como criança na convivência com os pais. Como, para as camadas médias, o homem passava o dia fora da casa trabalhando para sustentar sua posição de 'provedor', e à mãe cabia ficar 'tomando conta da casa', para os meninos 'tornar-se homem' era sinônimo de 'sair de casa'.

A inserção gradativa no mundo adulto que se fez presente na memória dos entrevistados e no pensamento de alguns autores, orientou a construção dos capítulos. Num primeiro plano está a rememoração das etapas vividas entre rapazes e num segundo plano, o mundo das responsabilidades.

Assim, o primeiro capítulo do trabalho apresenta as várias nuances ou as várias etapas da conquista desse mundo exterior à 'casa'. Dos banhos de rio aos prostíbulos, pode-se perceber, na memória desses homens, um menino e depois um rapaz que 'ganha o mundo' ancorado na convivência com amigos. O grupo de amigos, nesta fase, torna-se um importante pólo de sedimentação da identidade masculina. Deste modo, 'ser um jovem rapaz' é trazido como um mundo de convivência entre rapazes e fora de casa. Para as décadas em estudo, enquanto o universo feminino estava relacionado ao aprendizado com os cuidados dedicados aos afazeres de uma casa; o universo masculino implicava aventuras, provas de coragem, força física, poder... prática sexual. Este capítulo é apresentado em três tempos que correspondem aos tempos de ampliação do universo que o menino descortinava fora de casa. Na primeira parte estão 'os meninos' que ainda circulam nas redondezas da casa, entre uma vizinhança de 'conhecidos'. Na segunda parte, 'os mocinhos', nem

³⁵Entendendo-se por 'rua' todo o universo exterior à casa.

crianças nem adultos, são os representantes legítimos de um tempo de liminaridade, mas já exploram um território mais amplo na cidade. Na terceira parte apresentam-se 'os rapazes' que, iniciando sua vida sexual, exploram um universo que inclui o mundo da sexualidade ilícita, um mundo para os homens.

Além das aventuras e da conquista de uma vida sexualmente ativa, um homem também afirmava-se homem implicando-se com 'responsabilidade'. É o que se discute no segundo capítulo. Para 'tornar-se homem' os rapazes deveriam criar os instrumentos e as condições para 'tornar-se um provedor'. Assim, apresentam-se meninos e rapazes no universo da escola onde, além dos primeiros namoricos, adquiriam as condições para uma carreira profissional promissora; no mundo do trabalho, que desde cedo significava um espaço para a masculinização; e nos espaços de diversão reconhecidos e freqüentados pela família: os cinemas e os bailes. Finaliza-se apresentando os espaços e as normas para o namoro, que 'vigiado' pela família se concluía com a fundação de uma nova família. Com o casamento marcava-se o que seria o final da juventude para um rapaz.

CAPÍTULO 1

DO TERRITÓRIO DA MÃE AO MUNDO DO PAI

1.1 UM MUNDO DE MENINOS...

A partir da memória dos depoentes, o espaço fora da casa aparece como um universo a ser descoberto e explorado com os amigos da vizinhança. Entre os 11 e 13 anos, a cidade rememorada restringia-se aos arredores de suas casas. Ainda meninos exploravam um território limitado, de uma vizinhança onde todos eram conhecidos ou parentes. Na passagem da infância para a puberdade, eles faziam sucessivas conquistas. A companhia de outros meninos e a rua representariam um espaço de segurança para a construção de sua masculinidade. “Você brincava na rua... nós morávamos no centro. Na Presidente Faria com a Marechal. Bem na esquina ali, em frente ao correio por ali. E toda a brincadeira era na rua...”

É bastante evidente a memória de que, para esse tempo, as possibilidades de convivência, para os meninos, estava circunscrita à vizinhança o que, muitas vezes, significava parentela.³⁶ “...nós tínhamos muitos primos, então as nossas brincadeiras era muito entre os parentes, entre os primos, os primos dos primos...”³⁷ Para eles, era um mundo onde todos pareciam se conhecer e grande parte da vida cotidiana se passava no interior desses núcleos de convivência. “Tudo era ali, num círculo de 10 quadras... Morava quase todo mundo ali. Então era uma vida simples e entre pessoas conhecidas”.³⁸

³⁶Ver MACHADO, Cacilda da Silva. **De uma família imigrante: sociabilidades e laços de parentesco**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

³⁷Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

³⁸Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

Mesmo num espaço que era percebido como circunscrito à proximidade da casa, e entre ‘conhecidos’ – *tudo era perto... já te conheciam*³⁹ – pareciam descobrir uma forma de autonomia, pois um dos entrevistados enfatiza que na rua eles ‘podiam’ várias coisas: “...*porque você podia correr, podia brincar, podia jogar bola na rua, sem muito problema com o trânsito, essas coisas... Seja de pessoas, seja de carros*”.⁴⁰ Era como se começassem a perceber que os domínios masculinos se estendiam para muito além da esfera de suas casas.

A cidade é descrita, assim, como um espaço a ser desbravado. O mundo para essas primeiras vivências é retomado nos traços de uma cidade ainda permeada pelas características do campo: muitas ruas sem calçamento, capoeiras entremeadas às regiões de moradia, rios a céu aberto convidando ao lazer dos finais de semana e aos banhos da molecada... As características interioranas, que geralmente são utilizadas para ressaltar uma certa precariedade na realidade da cidade de então, podem ser pensadas como metáforas das dificuldades encontradas – e vencidas – na conquista do novo território e da nova identidade.

Um dos entrevistados, que, em 1942, morava a uma quadra da principal avenida da cidade, conta que sua rua “*era calçada, asfaltada até a avenida na primeira quadra, e depois na subida tinha paralelepípedos, mas a nossa quadra ali era macadame (...) ali era como se fosse um bairro!*”⁴¹ Para outro entrevistado, a cidade também era pacata, “*tinha muito pouca gente nas ruas, né? A cidade tinha sei lá, 100, 150.000 habitantes...*”⁴²

Mesmo para os que moravam no centro a cidade parecia pequena e pacata: “*meu pai e minha mãe [moravam] na Ermelino de Leão, onde hoje é o cine*

³⁹Entrevista 6, Curitiba, 13 fev. 2000.

⁴⁰Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁴¹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁴²Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

Lido. Exatamente ali... Só que veja, é centríssimo ali, mas naquele tempo... foi quando eu entrei para o ginásio, então, em 1942, ali era como se fosse um bairro! Fica a uma quadra da avenida mas era tão tranqüilo como se fosse um bairro".⁴³ Neste caso, ele percebia que sua casa ficava a uma quadra da principal artéria da capital, mas não se dava conta de que a cidade estava crescendo sob o influxo da modernização daquela época.⁴⁴

Fora da casa, mesmo em grupo sentiam-se 'andando sozinhos', o que comprova a hipótese que viviam esse espaço como um lugar de liberdade e autonomia. Não eram mais tão crianças que não pudessem explorar uma parte do 'mundo' entre amigos: "...naquele tempo não tinha ladrão, bandido, como tem hoje. Naquele tempo a gente andava sozinho..." conta um entrevistado.⁴⁵

Se o deslocamento para os meninos do centro ou do bairro se dava num território delimitado, havia, no entanto, uma diferença em relação à percepção desses diferentes espaços. Enquanto para aqueles que moravam no centro este parecia um bairro;⁴⁶ a descrição dos bairros, para os que neles viviam, aparece marcada por belos espaços verdes, onde era possível subir em árvore e caçar passarinho a qualquer momento. *"Eu saía da aula de manhã, à tarde eu ficava*

⁴³Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁴⁴Curitiba passava, na época, pela segunda onda de modernização – a primeira acontecera no auge da economia ervateira e chegada de grandes levas de imigrantes, no início do século – quando acontecia, de fato, uma renovação no panorama urbano: "A edificação se desenvolve em cadência ligeira, surpreendente (...), e a aparência geral da construção recente dão a Curitiba a fisionomia de cidade nova" O crescimento da capital era evidenciado não só pelos edifícios que brotavam do centro, como também pelos novos planos administrativos para a cidade. Além da proposta de criação do centro cívico, também foram concebidos, naqueles anos, marcos arquitetônicos como a Biblioteca Pública e o atual Teatro Guaíra. Na época oito casas eram erguidas diariamente na cidade. Os curitibanos viviam orgulhosos! PUPPI, Ildefonso. A cidade paranaense: a evolução urbana. In: **1.º centenário da emancipação política do Paraná (1853-1953)**. [Curitiba]: Câmara de Expansão Econômica do Paraná, 1953. p.66 e 86.

⁴⁵Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000. Morava na Rua Salgado filho, na juventude (perto do matadouro).

⁴⁶Comparado à cidade atual.

*matando passarinho... com cetra...*⁴⁷ Onde hoje está a cidade havia, ainda, chácaras com muito espaço aberto convocando a pitorescas descobertas de sua 'natureza'. Os arredores do bairro Guabirota foram assim bucolicamente descrito: *"...tinha o Jôquei Clube ali. Aquele campo ali em cima era bonito, a gente passeava, ia comer aração... Tinha aração no chão que era a coisa mais linda!"*⁴⁸ Já os lados do Seminário... *"Na época aí era tudo campo e mato... Era uma chácara da minha avó"*.⁴⁹ Ou ainda: *"Quando eu era jovem eu morava no Seminário, nessa chacinha... Ahhh, quando eu vim morar aqui, era tudo campo não tinha casa aqui"*.⁵⁰

Longos percursos a pé constituíam o recurso para explorar esses vários espaços, contam os entrevistados. Mas, para uma cidade não tão pequena, o alcance das linhas do bonde era uma importante demarcação. O bonde chegava nos 'arrebaldes', porém, segundo alguns depoimentos, a 'civilização' ia apenas até onde chegava o bonde.

*Naquela época, em 42, 43, eu tinha 10 anos... [o bairro do Seminário] era um arrebalde de Curitiba, mas nós dizíamos... meu pai tinha um bar – naquele tempo a gente não chamava 'bar', chamava 'boteco'. Era no ponto do bonde do Seminário. Então nós dizíamos que a civilização ia até a esquina de baixo. Porque o ponto do bonde ia mais uma quadra para baixo e depois não era mais civilização.*⁵¹

Um entrevistado detém lembranças detalhadas da época dos bondes e do alcance de suas linhas. Conta que os pontos centrais eram na praça Zacarias e na Tiradentes. Já nos bairros... *Tinha o bonde que vinha até a pracinha do Batel, e no Seminário...* Um bonde voltava da 'pracinha do Batel' e outro, que utilizava a mesma linha, ia até o Seminário. Descreve ainda sobre outros trajetos: *"o Juvevê; Água*

⁴⁷Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁸Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

⁴⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁵⁰Entrevista 2, Curitiba, 04 fev. 2000.

⁵¹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

Verde; Portão, que ia pela Iguaçu, 24 de Maio e acho que vinha da Praça Tiradentes ou Zacarias, aí a Emiliano Pernetá até a 24 de Maio, ali na Praça Rui Barbosa, pegava a Iguaçu até o final da Kennedy – o Portão. Acho que essa era a mais longa”.

O bonde e suas linhas são freqüentes nos depoimentos. Um dos depoentes ia para a piscina do Country Clube, em suas férias escolares, de bonde: *“nós pegávamos o bonde ali de frente a prefeitura... onde era a prefeitura, onde hoje tem o Museu ali na Riachuelo, ia de bonde até em frente ao Clube”.*⁵²

Sobre a época de transição, quando o bonde foi sendo desativado e foram surgindo as primeiras empresas de ônibus, outro entrevistado, filho de um dos fundadores de uma das primeiras empresas de ônibus da cidade, é detentor de reminiscências peculiares: *“depois da Guerra em 46, 47, 48 eu não sei... Teve um cidadão que comprou os bondes por 1000 réis, 2000 réis, não me lembro. A família era inglesa. Os ônibus eram da própria Força e Luz. E depois... acho que venceu o contrato da companhia, e venderam. Quem comprou foi Aurélio Fressato! ...pôs mais ônibus e os bondes foram se diluindo”.*⁵³

Logo após veio a falência dessa empresa e por dois ou três anos as condições do transporte coletivo, ao que parece, deixaram muito a desejar: *“Aí começaram as lotações fazendo o transporte nas linhas que eram de ônibus ou de bonde. Então tinham aquelas cominhonetes Ford baixinhas... que a gente vinha arcadinho, enchia de gente, e não tinha outro transporte!”*⁵⁴

A caótica situação do transporte coletivo teria demandado do então prefeito Ney Braga⁵⁵ uma solução urgente. *“Aí quando o Ney Braga foi prefeito ele organizou*

⁵²Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁵³Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000. Era morador da Rua 7 de Setembro, próximo à Rodovia do Café.

⁵⁴Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000. ‘Lotações’, eram quaisquer carros de particulares credenciados na prefeitura para fazer o transporte coletivo.

⁵⁵BRAGA, Ney Aminthas de Barros. **Ney Braga tradição e mudança na vida política**. Curitiba: Ed. do Autor, 1996. p.75-77. Entrevista a Adherbal Fortes de Sá Jr.

*as empresas de transporte, de lotação, os grupos de cada região e formou uma empresa. Tinha 2 ou 3 licenças... aí ele dividia essas caminhonetes maiores, você já tinha lugar para sentar... até se organizarem e colocar ônibus no lugar de linhas".*⁵⁶

Como o pai desse entrevistado estava diretamente envolvido no empreendimento, ele guarda em sua memória ricos detalhes: *"Meu pai era motorista de táxi na Praça Zacarias e eles reuniram um grupo de motoristas e formaram uma empresa dos motoristas da Água Verde. Se organizaram e compraram ônibus – caminhonetes grandes, no início, tipo veraneio, tinha um prazo para colocarem ônibus".* Isso acontecia na década de 1950: *"Em 54 meu pai era um dos sócios da empresa, eram cinco sócios, motoristas de táxi da Praça Zacarias que se uniram e formaram essa empresa, e o primeiro ônibus que eles compraram foi em 55 – me lembro bem porque o meu pai, ele estava doente, acamado e eles trouxeram o ônibus novo – marca Fargo para mostrar para o meu pai".*⁵⁷

Os dados da memória resgatam uma cidade que se faz representar no 'boteco', no táxi ou no ônibus do pai. E as ocupações do pai significavam 'coisas de homem', principalmente quando se referiam a trabalho. Assim, em sintonia com a experiência de seus pais, esses meninos poderiam estar construindo um referencial importante para o percurso de transformação e afirmação da masculinidade.

Porém, o modelo de masculinidade era incorporado à distância pois a relação pai e filho era estabelecida pela autoridade. Esses meninos tiveram sua memória marcada pela austeridade que se fazia representar nos adultos: *"Havia pouca liberdade... as crianças tinham que obedecer".*⁵⁸

Segundo um depoente, diante dos pais, a opinião 'da criança' não contava.

Havia muita autoridade dos pais. As crianças não tinham muita liberdade, porque tinham que obedecer. O relacionamento com os pais era em geral mais ou menos formal.

⁵⁶Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁵⁷Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁵⁸Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

Difícilmente alguém chamava o pai de você. Então chamava de 'senhor' ou 'senhora'. Criança era mandada. Quer dizer, por exemplo, os pais, os mais velhos falavam 'fulano vai fazer isso...', e você tinha que fazer. ...podia fazer reclamação mas ia. E a criança não tinha... ninguém queria saber muito a opinião da criança, né?⁵⁹

Era visivelmente um tempo de vivências carregadas de ambigüidade. Por um lado, já eram crescidos e autônomos para algumas explorações, descobertas e provações no universo exterior à casa; por outro, ainda viviam sob a austeridade do poder dos pais. Enquanto da mãe o menino precisava se afastar, do pai ele não podia se aproximar, já que na época a paternidade assumia um caráter majestoso, pautado no modelo de deuses ressentidos.⁶⁰

A importância do grupo de 'pares'

Considerando que o afastamento da infância faz parte do percurso de aquisição da masculinidade para o menino, o exercício para tornar-se homem se dará, em grande parte, na esfera pública, mundo dos homens. Nesse momento, torna-se importante a convivência com os pares – definidos aqui como aqueles que possuíam idades aproximadas e o mesmo sexo. Experiência que parece se repetir ao longo do tempo em muitas culturas. Por exemplo, numa pesquisa realizada na década de 1980 por LHOMOND, na França, ela identifica esse universo de convivência entre rapazes observando: As relações de amizade dos rapazes estão centradas em torno de um grupo de amigos do mesmo sexo. Com efeito, o tipo de rede citado com mais frequência entre os rapazes – especialmente entre aqueles que não têm a experiência do flerte – é composto unicamente por rapazes.

Ao criar seu círculo de amigos, esses meninos davam forma a uma necessidade de romper com uma cultura familiar feminina para criar outra,

⁵⁹Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁶⁰NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.151.

masculina. Em companhia de outros meninos, muitas vezes um pouco mais velhos, autorizavam-se a realizar coisas que sozinhos ainda não seriam capazes. Nesse exercício os pares funcionam como uma alavanca necessária, para o processo de travessia da infância à idade adulta, já que para toda a vida a masculinidade constitui-se mais numa reação do que numa adesão. O menino se faz menino pela oposição: eu não sou minha mãe, não sou um bebê, não sou uma menina.⁶¹

Segundo ERIKSON, para um jovem, a passagem da convivência pública exposta aos companheiros de sua idade, no curso normal dos acontecimentos, é contrabalançada “por aquela autocerteza que se caracteriza agora por um sentimento definido de independência da família...”⁶²

Também para ABERASTURY, o adolescente, em busca da identidade, recorre a uma certa uniformidade que pode lhe proporcionar segurança. “Aí surge o espírito de grupo pelo qual o adolescente se mostra tão inclinado. Há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um. As vezes, o processo é tão intenso que a separação do grupo parece quase impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar”.⁶³

Um menino não ficava sozinho na rua, estava sempre em companhia de amigos. Como já assinalado, quando ganhavam o espaço da rua, a inserção em um grupo de amigos tinha a função de um certo amparo, em relação a esse mundo a ser descortinado pelas novas explorações. Além da parceria para aventuras, o amigo tornava-se um confidente e companheiro para as coisas que não se dividiriam mais

⁶¹BADINTER, op. cit., p.58.

⁶²ERIKSON, op. cit., p.184.

⁶³KNOBEL, Maurício; ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. p.36.

com os pais.⁶⁴ Isso significava ganhar 'autonomia', credencial necessária no percurso para "tornar-se homem".

Este universo da 'rua', com suas variações de percurso e os seus locais de encontro, define-se de maneira característica como um reverso da família, da sua autoridade, evidentemente, mas também dos espaços que ela organiza e dos modelos que ela dispensa. Fechada sobre si própria, sentimentalizada e com certa medida confortável, a família não é o sítio que convenha a rapazes; é boa para as 'miudas' e para as raparigas.⁶⁵

Considerando os depoimentos colhidos, especialmente no primeiro momento em que 'ganham' a rua e constituíam seu grupo de convivência, os grupos de meninos e meninas estavam sempre separados. As meninas também brincavam nas ruas – "*As meninas, por exemplo, à noite, pulavam corda no meio da rua, na rua ali não havia calçada*"⁶⁶ –, mas há sempre um dado que diferenciava a 'liberdade': se estavam brincando na rua, geralmente estavam em frente de casa. "Da mesma forma que, se necessário, se mandam os rapazes desde muito cedo para a rua brincar, embora ao alcance da voz e do olhar, as meninas, essas, ficam em casa".⁶⁷ Pelos depoimentos, pode-se entrever que à época uma menina, e depois uma moça honesta, conquistaria dentro de sua casa a importância e o respeito que os rapazes adquiriam na rua.

⁶⁴"...na busca da identidade adolescente, o indivíduo, nessa etapa da vida, recorre como comportamento defensivo à busca de *uniformidade*, que pode proporcionar segurança e estima pessoal. Aí surge o espírito de grupo pelo qual o adolescente mostra-se tão inclinado. (...) Desta maneira, o fenômeno grupal adquire uma importância transcendental, já que se transfere ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente. O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta". KNOBEL; ABERASTURY, op. cit., p.37. "A descoberta de novas identidades, fidelidades e intimidades fora das costumeiras dependências familiares permeia o progressivo desenvolvimento da adolescência continuamente..." BLOS, Peter. **Transição adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.82.

⁶⁵LAFONT, Hubert. Os bando de jovens. In: FOX, Robin; FOUCAULT, Michel; VEYNE, Paul et al. **Sexualidades ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983. p.161.

⁶⁶Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁶⁷LAFONT, op. cit., p.164.

Entre os pares viveriam uma socialização paralela àquela que possibilitava a internalização de sólidos parâmetros sustentados pela família. Aprenderiam uns com os outros, e experimentariam coisas que só fariam e falariam entre si. Falar ‘palavrão’, por exemplo, significaria romper com um certo nível de submissão, que se mantinha no interior da família. Consistia num exercício para superar, crescer e se fazer escapar de um nível de ‘obediência’ – o da obediência infantil, pode-se dizer. É desde o lugar de menino-criança que o rigor da palavra do pai toma o estatuto de rigidez. *“Era muito rígido... cultural. Era falta de respeito falar palavrão perto dos pais”*.⁶⁸

Para cumprir esse exercício de superação, o palavrão tinha que ser dos ‘mais cabeludos’! *“A gente falava lá na rua com a gurizada, com os amigos – todos – os mais cabeludos que a gente sabia. Um aprendia com o outro”*. Ao ‘tomar a palavra’, eles explicitavam uma vivência dupla em relação à moral. A transgressão pode significar também assimilação de algo que carrega em si a ambigüidade. FOUCAULT diz: “Conhece-se a ambigüidade dessa palavra. Por ‘moral’ entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas ao indivíduo e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.” Na transmissão desses princípios, porém, uma complexidade de elementos entra em jogo permitindo compromissos e escapatórias:

... por ‘moral’ entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores.⁶⁹

⁶⁸Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁶⁹FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p.26.

Ora obedecendo, ora desobedecendo, nesse percurso de afastamento do mundo da infância e sucessivos avanços em direção ao mundo adulto, os meninos vivem numa zona de liminaridade,⁷⁰ própria da 'passagem'.

No universo deste estudo, nessa liminaridade, os meninos percebem que não pertencem mais ao universo das crianças, mas ainda não sabem qual é o seu novo lugar. Trata-se da vivência de um lugar ainda indefinido. Deste modo, as condutas rememoradas na fase entre 10 e 13 anos vão sofrer oscilações: ora indicavam brincar como crianças, ora mencionavam suas provas de coragem, como 'homens'!

A região de ruas ainda sem calçamento ou pouco habitadas constituía um palco para aventuras. Assim subir numa árvore ou escorregar num barranco eram atitudes reveladoras de um espírito inovador e inventivo. Eram meninos inventando seu mundo masculino fora de casa. *"...quem tivesse uma bola de futebol montava um time de futebol, quem não tinha fazia bola de meia".*⁷¹

Mostrar-se inventivos numa cidade cheia de desafios pode refletir o ideal de masculinidade que tinham que assimilar desde muito cedo. A exigência a que estavam submetidos os homens nos anos 40 e 50 sinalizava para eles que, as situações difíceis deveriam ser enfrentadas.

Por isso no grupo de amigos, onde conviviam os mais e os menos abastados, o que mais importava e que fundava a coesão do grupo eram os atributos de virilidade. O maior atributo era a "coragem". Em um tempo em que o mundo ainda era vivido por eles de forma inconseqüente, praticavam o 'exercício de aprender que podiam', assim atingiam o *status* de 'homens corajosos'!

⁷⁰'liminaridade' é um termo introduzido por VAN GENNEP, para dizer de um lugar de 'passagem'. De um lugar a outro. A liminaridade é o lugar onde se está quando já se passou por um momento de 'separação' mas, ainda não se sofreu uma reintegração em um outro lugar. Para VAN GENNEP, o 'rito de passagem' é um conjunto de ações que compreende três tempos denominados separação, liminaridade e agregação. Essa tríade parece descrever o conjunto de ações praticadas em todas as sociedades, pelos adolescentes, no início, durante e após a adolescência. VAN GENNEP, op. cit.

⁷¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

As diferenças sociais estavam presentes, mas não assumiam importância para a convivência entre meninos. Na própria vizinhança, algumas famílias detinham condições para adquirir bens industrializados, enquanto outras não. Um dos entrevistados, por exemplo, afirma que os bens de consumo eram, para sua família, inatingíveis, ao perceber que outras pessoas possuíam essa condição.

... nós morávamos numa esquina. Nós não tínhamos nada, para dizer assim em termos de coisas de criança: bicicleta, bola de couro... tudo era assim... inatingíveis. Agora o vizinho... tinha um vizinho duas quadras para cima que eram ricos. Mas, o que era o rico? O rico era que o pai tinha um automóvel, e que ele tinha uma bicicleta. Ou tinha uma mesa de pingue-pongue em casa.⁷²

Mesmo que diante das marcadas diferenças socioeconômicas os meninos brincavam juntos, partilhando experiências e descobertas. Para eles, como já assinalado, o mais importante era a convivência com outros meninos da mesma idade, constituir um mundo para meninos.

Nesse contexto, os seriados do cinema, em que o 'mocinho' e a 'mocinha' sempre acabavam em perigo, se adequavam ao gosto pela aventura e o interesse pelas atitudes que demonstram a coragem necessária diante do perigo.

... tinham uns filmes em série. No Cine Broadway, eu assisti o seriado completo que eram 15 ou 20 sessões que passavam na semana. Segunda ou terça mudava o capítulo. Passava o mesmo capítulo [durante] uma semana. Então a gurizada ia toda semana, até acabar, 15 semanas a fio! E sempre acabavam quando a mocinha ou o mocinho estavam em perigo! Tinha que ir a próxima semana para ver como ia salvar. Primeiro eu assisti o Capitão Marvel. Do início ao fim. E não perdi uma sessão, fui todos os domingos naquele lá.⁷³

Nesses atos, que muitas vezes são percebidos como 'marginais', meninos e rapazes experimentam a condição de uma nova aventura.⁷⁴ Através delas descobrem e reinventam um universo ao mesmo tempo 'novo' e 'velho', pois,

⁷²Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁷³Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁷⁴"A conduta do adolescente está dominada pela ação, que constitui o modo de expressão mais típico nestes momentos da vida, em que até o pensamento precisa tornar-se ação para poder ser controlado". KNOBEL; ABERASTURY, op. cit., p.55.

contando com a solidariedade dos pares, questionam e desafiam mas também repetem e revigoram as regras da sociedade constituída.

Desafios... aventuras... provações de meninos

Dar 'provas' e demonstrações de que já conseguem agir por si mesmos e como 'homens' faz parte da aventura de constituírem-se viris. O ato transgressivo é portador de um duplo valor: mostra a um só tempo o reconhecimento das regras instituídas e a capacidade para desafiá-los. Uma das transgressões mais rememoradas era o 'roubo'. Apropriar-se de algumas frutas com os amigos tornava-se, para os garotos, um importante desafio a ser vencido:

Juntava uma turminha para roubar uva. ...quando era tempo de uva, nós íamos roubar uva no padre, no colégio que era... no fim do Seminário... onde tinha um parreiral enorme... o padre fazia bastante vinho. E nós roubávamos uva... tinha vários tipos e nós já sabíamos, aqui é uva Terci, ali é uva Bergeranti, aí é uva branca.⁷⁵

Os homens maduros de hoje ainda vibram ao contar sobre sua aventura do 'roubo das uvas', uma forma de tornar visível uma dura conquista: 'tornar-se homem'. No simples ato de apropriar-se do que não era seu, mostram como assumiam atitudes ousadas! 'Prova de coragem' que o menino precisava dar mais a si mesmo do que aos outros. Uma forma de convencer-se de que já podia pertencer ao mundo 'dos homens'.

Desse modo, roubar frutas, insultar o cachorro, provocar o irmão, matar aulas são mecanismos que os meninos das décadas de 1940 e 1950 utilizavam para dar as 'provas' necessárias sobre sua masculinidade. Caso pedissem, a avó poderia lhes dar uva, mas, ainda assim, roubavam porque "...a satisfação era roubar". Ou exibir coragem: "*E as vezes até a gente segurava o cachorro para não avançar nos outros! Minha avó era sozinha... mas, nós tínhamos medo dela porque ela andava*

⁷⁵Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

armada... E ela dava tiro mesmo!"⁷⁶ Eles sabiam que a avó podia dar tiros, mas 'vencer o medo' fazia parte desse jogo. Era importante passar por uma prova de fogo! Um 'jogo', uma bravata!⁷⁷ Sua real função era aprender e interiorizar novas e arrojadas atitudes, praticadas durante o dia ou a noite. 'Bagunça' e 'atitudes audaciosas' faziam parte do exercício.

Com essas transgressões eles davam para si e para o grupo de amigos as 'provas', muitas vezes 'sacrificiais', para assim garantir que estavam prontos para romper com a infância. Roubar uvas da avó ou do padre tinha menos o significado do roubo ou da conquista do objeto do que do desafio vencido. Não era mais hora de afirmar-se como 'netinho' da vovó. Ao contrário, essa condição deveria ser superada.

Nomeio urbano da época em estudo, para os meninos, outra forma de 'ganhar o mundo' ou fazer 'estrepolias' era freqüentar com a turma os 'poeiras' – nome atribuído a alguns cinemas populares: *"era o apelido que se dava ao Brodway, ao Curitiba..."*⁷⁸

Nesses cinemas, a platéia *"batia o pé e fazia aquela bagunçarada. Quando acontecia – o que era comum – do filme cortar, quebrar... no cinema de classe média o pessoal ficava quietinho esperando consertar, e quando voltava até batia palma. No chamado 'poeira', era assobio, grito, batia o pé..."* E deixam bem claro: lá não era

⁷⁶Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁷⁷Atitudes que, mantidas as diferenças dadas pela temporalidade dos acontecimentos, eram bastante semelhantes às que descreve SCHINDLER de 'seus' jovens aldeãos, de Schaffhausen – atual Suíça – por volta de 1530: "A juventude era uma fase da busca do próprio papel, que malgrado todas as liberdades concedidas, ainda era firmemente dominado pelas expectativas dos adultos e nas quais – para retornar mais uma vez aos acontecimentos de Schaffhausen – não havia quase nada mais sério que cortar as árvores frutíferas ou então videiras, com 'ousadia' segundo a praxe dos charivaris". SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claud. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.266.

⁷⁸Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000. A expressão "poeira" traduzia a condição desses cinemas que exibiam, em sua grande maioria, filmes de banguê-banguê e a platéia, constituída essencialmente do garotos, acompanhava batendo o pé. Como o piso era de madeira, acumulava pó nas frestas e, com as batidas dos pés, a poeira subia.

lugar de família! Para os meninos esse era o mundo da rua, o mundo dos homens: *“nesses lugares ninguém levava a família. Muito difícil, iam, as vezes, na sessão da tarde, mas mesmo assim estavam sujeitos a gritaria, assobios, palavrões”*.⁷⁹

Os preços mais baratos desses cinemas funcionava praticamente como uma senha: *lugar para meninos!*

*... até quando a gente era mais moço, criança... Idade assim de uns 9, 10 anos, a gente ganhava uma mesada. Um real. Eu me lembro que eu ganhava um real, um “mirrés” por Domingo. Tinha dois cinemas aqui em Curitiba, populares. Era o Cine Odeon e o Cine Rex. (...) tinha o República também. Então, a gente fazia o seguinte... ganhava um “mirrés”, pagava 50 centavos de entrada, comprava trinta centavos de bala, e vinte centavos para o sorvete.*⁸⁰

Um dos entrevistados chama a atenção para essa hierarquização deste modo: *“a discriminação social se faz através do preço da entrada, até hoje!”*⁸¹

Os meninos que eram atraídos para esses cinemas mais populares – enquanto sonhavam e tentavam a oportunidade de “bulinar” uma coleguinha de escola – tinham que ficar atentos a alguns ‘marmanjos’: os “pederastas”!

*... tinha alguns cines assim, por exemplo o galinheiro do Luz, o do Palácio, o Cine Curitiba e o Broadway tinham uma coisa, os pederastas iam muito a esses cinemas, porque sabiam que ia muito a gurizada... e quando viam um rapaz sentado sozinho, sentavam do lado dele e ficavam querendo namorar o rapaz durante a sessão. Às vezes dava briga, se o rapaz não queria. O cara estava sentado de repente a mão boba do pederasta ali em cima dele... Até no Odeon, as vezes tinha esses pederastas... na época a gente chamava de outro nome... ‘veado’. A gente já conhecia, eles ficavam cuidando e quando viam alguém que achassem possível, iam atrás. Agora quando estavam em turma de 4 ou 5 eles não iam atrás.*⁸²

⁷⁹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000. Nesse depoimento podemos resgatar um pouco da memória dos cinemas da cidade: *“De elite eram o Avenida e o Ópera! O Odeon e o Luz eram mais populares, de classe média. E bem mais simplórios... Ah, tinha o Cine Palácio também, que ficava no Ed, Garcez, na Voluntários da Pátria. A entrada [principal] era pela ‘Boca’, ali no Braz Hotel. E tinha a entrada pelo ‘galinheiro’[pela Voluntários da Pátria], que era bem mais barato porque era banco, não cadeira. Era a mesma sala, o mesmo filme, só que mais barato”*.

⁸⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

⁸¹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁸²Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

A homofobia, cuja principal função é reforçar a heterossexualidade, devia aparecer de modo claro para os amigos desde cedo.⁸³ Na turma de amigos, a sexualidade “repousa no reconhecimento pelo grupo do vigor de cada um e afirma-se como masculina”.⁸⁴ Em companhia da ‘turma’ construía e sedimentavam uma confiança que iriam sustentar em si mesmos mais tarde. Assim passariam, gradativamente, a confiar que podiam fazer coisas que exigissem uma postura de ‘Homem!’ Trataremos mais detidamente desse tema na sequência.

Do mesmo modo aventurar-se pelas roças, no caminho para o rio, roubando milho verde para fazer seu próprio ‘churrasco’, além do desafio à lei, à autoridade, mostrava a peculiaridade do exercício da autonomia, de independência. Parece que significava uma dupla conquista: a transgressão em relação à ordem estabelecida e autonomia. Ser capaz de atitudes arrojadas para a obtenção do alimento também os remetia ao papel de homem provedor. *“Quando nós íamos tomar banho, já no caminho, na ida, já ia colhendo milho, época de milho, colhia o milho verde e, na beira do rio, fazia uma fritada! Fazia uma fogueira e comia o milho, ...num espeto comprido... tipo um churrasquinho de milho”*.⁸⁵

Banhos de rio... a descoberta do corpo

Outra dimensão da masculinização estaria relacionada às vivências em torno do ‘banho de rio’, para os meninos. Porém, apesar de recorrente em muitos depoimentos, nem todos conheciam o universo dos rios em Curitiba:

⁸³BADINTER, op. cit., p.120.

⁸⁴LAFONT, op. cit., p.166.

⁸⁵Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

Aqui não tinha rio. Aqui, onde tomavam banho era... no tanque do Bacacheri. Tinha lá um lago, um trampolim de madeira assim... uma coisa muito rústica, muito simples. (...) Mais no tempo de guri o que fizemos era ir ao Country. Nós fomos muito... na piscina do Country, no verão. Nós pegávamos o bonde ali... onde era a prefeitura, onde tem o museu ali, na Riachuelo. Ia de bonde em frente ao clube... nas férias íamos todos os dias... passar a tarde.⁸⁶

Na época, eram poucas as piscinas da cidade. A piscina do Colégio Estadual, inaugurado em 1950, ainda causava sensação. Havia piscina na Sociedade Duque de Caxias, na sede campestre no Bacacheri (onde só havia a piscina) e no Graciosa Country Clube, no Juvevê. *“Mas eu muitas vezes também, tomei banho no tanque do Bacacheri! ...eles arrendavam ali... parecia aqueles balneários europeus, de tábua... um chão de tábua... era o tanque do Bacacheri! A gente pagava entrada para ir nadar”.⁸⁷*

A piscina também aparecia como uma opção, na cidade:

Eu freqüentava o clube (Country), tinha piscina, férias era o dia todo na piscina! Nas férias, como a gente não tinha condições de viajar, eu fui conhecer, andar de avião e conhecer o Rio de Janeiro bem depois. Para a praia começaram a ir depois da Guerra, só íamos para a praia no inverno por causa da maleita. No verão não se ia à praia.⁸⁸

Um depoente afirma que, além dos banhos de rio, também freqüentava piscinas públicas: *“...no cassino do Ahú. Ali tinha uma piscina. Tinha a Água Mineral Ahú. Ali o proprietário instalou uma piscina... para o público. Então a gente aproveitava para ir tomar banho lá também... de vez em quando, sábado e domingo”.⁸⁹* As piscinas públicas, apesar de serem pagas, estavam ao alcance de uma determinada camada social que não tinha acesso aos poucos clubes com piscinas. Mesmo assim era diversão para o final de semana, quando se fazia um passeio diferente.

⁸⁶Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁸⁷Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁸⁸Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

⁸⁹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

Entre os freqüentadores do clube e do tanque do Bacacheri ou dos rios também marcava-se uma diferença de condição social. Eram os menos abastados que comumente se aventuravam pelas curvas do rio Barigui, à procura do melhor lugar para o banho: *“piscina era coisa para milionário!”*⁹⁰

Quanto aos rios... *“Eu ia muito pouco, não sabia nadar! Mas usava-se muito os rios para nadar, e eram muito limpos”*.⁹¹ Os que sabiam nadar, procuravam bons pontos para o mergulho. Ir para o rio tomar banho, geralmente escondidos da mãe, era uma aventura! Estavam aí implícitas, novas provas de masculinidade: explorar o rio e mentir para a mãe! Tudo indica que, à época em que esses jovens aprendiam os códigos de masculinidade do seu tempo, ainda cabia exclusivamente à mãe o controle do cotidiano dos seus filhos. Por isso, ampliar o próprio espaço social implicava, muitas vezes, omitir detalhes da ‘aventura’. Afastar-se da mãe era, em si, uma atitude importante para a afirmação masculina, como já se tratou, já que, para a época, eram as meninas que ficavam em casa com a mãe.

*Então juntava aquela tropinha de gurizada de 5,6,8, 10 – vamos para o Barigüi! – e tinham vários pontos que a gente ia tomar banho. Tinha para cima da Bispo Dom José, que ia até a ponte do rio Barigüi, ...tinha a olaria do Cecon, lugar bom para tomar banho, onde o rio era largo, normalmente com areia no fundo, não tinha pedra e não era muito fundo, a água ia... da cintura até o meio do peito, porque mais fundo tinha o risco de afogamento. Quando era mais fundo a gente escolhia para mergulho. Isso quando sabia nadar bem.*⁹²

Esses encontros para homens – “banho de rio só a gente tomava... só os homens” – aconteciam em outros pontos da cidade: *“Tinha um córrego, agora até está fechado. Era ali em frente o Colégio Cajuru. Tinha um córrego ali... aí você tomava banho lá... E tinha outro lago... aqui do lado... Lá para o lado de Araucária... Também tinha uma... Um lago lá que de vez em quando a gente ia tomar banho...”*⁹³

⁹⁰Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁹¹Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁹²Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁹³Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

Esses relatos, portadores do frescor da água do rio, ainda sem poluentes, cheirando milho sapecado e aventuras de meninos descobrindo o mundo e o corpo..., descortinam alguns espaços das vivências dos jovens quando ganhavam autonomia para se espriar para uma cidade mais ampla que aquela situada nos arredores de suas casas. Nessa retomada aparecem no cenário bairros como Batel, Seminário, Bigorrião, Cajuru, Bacacheri, Ahú...

Nos rios, os encontros com a turma de meninos eram também um momento propício para a exibição do corpo. Era o momento dos 'campeonatos de xixi' para ver quem atingia o ponto mais longe ou da masturbação coletiva para ver quem gozava primeiro. *“Mesmo aqui onde é a Artur Bernardes, ali passava um riozinho... Tomava banho nu ali com 12, 13, 14, 15 anos. E quando você reunia 5, 6 jovens ali... eles começavam a se medir, a se masturbar e mostrar pro outro lá”*.⁹⁴

Os meninos, na construção de sua identidade masculina, estão atentos às transformações que se operam em seus corpos pela emergência dos caracteres sexuais secundários. Dentre eles, atenção especial é dada ao tamanho do pênis.⁹⁵

RAMIREZ lembra que na sociedade porto-riquenha “o homem que demonstra força e valor tem *colhões*; aquele que não demonstra é um *fraco*”. E vai dizer de como a pregnancy fálica ficou associada ao pênis em muitas culturas:

O pênis, os testículos e o sêmen ocupam posição de realce nos discursos da sexualidade e se constituem no centro do qual emana o poder. Novamente, a história e a etnografia assinalam a diversidade de instâncias e a multiplicidade de formas para expressá-los nas sociedades humanas. Desde os cultos fálicos da Antiguidade (Vanggaard, 1972; Kleuls, 1985) até as práticas contemporâneas em Nova Guiné (Herdt, 1981) e na Andaluzia (Brands, 1980), os homens se exprimem como se o poder se situasse em seus órgãos genitais.⁹⁶

⁹⁴Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁹⁵FREUD, S. **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. A organização genital infantil**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972. (Obras Completas).

⁹⁶RAMIREZ, Rafael L. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.78.

Para esses meninos curitibanos de meados do século XX, segundo a memória, as coisas não se passaram de modo diferente. O pênis era um importante marco da masculinidade. Assim, desde cedo, o banho de rio entre os pares era um bom lugar para buscar no olhar de outros meninos o reconhecimento⁹⁷ de que seu corpo estava munido a contento da importante ‘ferramenta’,⁹⁸ o pênis. Isto equivaleria a uma reafirmação e garantia de masculinidade. *“Então a gente... tomava banho nu, pois era tudo campo... então a gente... saía do banho, se enxugava, então, um começava a se mostrar para o outro lá e tal, o meu é maior que o teu, vamos se medir aqui, tal... Então era a iniciação... a iniciação da vida sexual...”*⁹⁹

Na maioria das vezes, porém, a convivência entre garotos era apresentada de um modo amplo: *“Quanto à diversão, nesse tempo eu tinha amigos, lógico convivia com eles, íamos para a praia, acampar (11, 12 anos – 1945/46) (...) Nós tínhamos acomodação no Grande Hotel Caiobá, mas íamos dormir na barraca instalada em frente ao hotel!”*¹⁰⁰

Ao situarem nas vivências entre meninos a ‘iniciação sexual’, quando, segundo eles, *“naquele tempo, era impossível transar com uma menina...”*, pode-se inferir que um certo exercício da sexualidade se dava, por essa época, entre meninos ou com animais, o que estava à disposição para a satisfação das primeiras curiosidades em relação ao funcionamento de seu próprio corpo. No horizonte dos meninos, porém, estavam as meninas. *Então você fazia comentários, é... começava*

⁹⁷Para Lacan, “o que é de homem e o que é de mulher se aprende peça por peça com o outro”. LACAN, Jacques. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Livro 11.

⁹⁸O termo é de BADINTER. “Inúmeros homens que, obcecados pela virilidade, não mais consideram o sexo verdadeiramente como um órgão de prazer, mas como uma ferramenta, o instrumento da performance, uma coisa separada deles. Muitos chegam a confessar que conversam com seu pênis, o cortejam, pedem-lhe que fique ereto...” Op. cit., p.141.

⁹⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

¹⁰⁰Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000. “...o pai de um amigo que tinha uma barraca que nós chamávamos de 9 praças, no tempo do exército, que era grande e cabiam 8, 9 pessoas”.

*a imaginar. Mas ficava só na imaginação, né? ...imaginava estar com uma menina, né, estar beijando, agarrando a menina...*¹⁰¹

Nesse tempo de resignificação e definição de suas identidades sexuais, percebe-se que as ocasiões de exibição do corpo – fosse nas aulas de educação física da escola, nas piscinas ou no banho de rio – sedimentavam um novo sentido, um novo lugar para esse corpo. “Tornar-se homem”, “ser macho” passava por essa ‘iniciação’ entre garotos. A partir dessas experiências podiam reconhecer um corpo que não era mais o de criança: agora tinham prontidão para o exercício da cópula.

E se o pênis era uma marca de masculinidade, era inevitável a comparação: quem tinha o pênis maior? Nos depoimentos não são muitos os exemplos de ‘revelações’ dessas ‘intimidades’ desse tempo de iniciação. Afinal é perfeitamente justificável que disso não seja muito fácil falar a um mulher, considerando que, nos valores de sua ‘educação’, um homem jamais devesse falar ‘desses assuntos’ com uma mulher.

Com as meninas... fazer o quê?

Se na construção da masculinidade, ir ao rio servia como um espaço de reconhecimento público da transição que estava se dando, o surgimento dos caracteres sexuais secundários também fundavam hierarquia, já que alguns se desenvolviam mais cedo do que outros. Os mais desenvolvidos eram tomados pelos mais novos ou menos desenvolvidos, como um ideal a ser atingido. Os mais novos, por sua vez, poderiam ser tomados pelos mais velhos como um pólo de referência que lhes assegurava que já haviam efetivamente ‘crescido’!

O tempo de descoberta do corpo entre meninos anunciava o interesse em descobrir como fariam com as meninas. Nessa idade, alguns teriam a oportunidade

¹⁰¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999. Nenhum entrevistado dizia de uma escolha homossexual de objeto.

de ‘brincar de casinha’ com as vizinhas e as primas. Uma primeira oportunidade de experiência com o ‘outro’ sexo.

*Também nessa idade de 10, 11, 12 anos, tinha as primas... tinha as vizinhas... ia brincar de casinha. Mas esse brincar de casinha você aproveitava também... um é o médico, outro é mulher, outro é marido... então mandavam dormir. Esse dormir era... dormia agarradinho, sem malícia, sem nada, né? ...agora nós vamos brincar de fazer filho. Mas também a moça não... você não tirava tuas... nem a moça também... não deixava chegar muito perto... ficava de calcinha, mas só de calcinha. Não podia você realmente transar ou mexer no sexo dela, ou qualquer coisa, e ela também não... tirava o vestido, aí você também não podia tirar o membro fora da calça, né? Mas quando descobriam todo mundo apanhava... as vezes uma irmã menor contava, né?*¹⁰²

Se “naquele tempo... era impossível transar com uma menina...” não era impossível imaginarem-se “agarrando” e “beijando” uma menina. Inventar-se homem nessa fase era poder descobrir o que fazer com uma mulher. Assim, sempre no grupo de amigos, tentavam descobrir como se portava um casal mais velho. Um dos entrevistados conta de um casal que ele e os amigos foram ‘pesquisar’: *“Este casal, que eram já bem mais velhos que eu, tudo com 30 por aí... nós descobrimos que eles iam à Praia dos Amores – Caiobá, por volta de 1945 – à noite, eu tinha 12,13 anos, eu e meus amigos andávamos pelas pedras e ficávamos lá ‘frestando’ ali... O casalzinho lá nos colóquios né?”*¹⁰³

É o que aparece também num outro depoimento: “Quando você via que um casal estava junto, falava “*vamos seguir, ver onde é que eles vão*”. Porque naquele tempo tinha mato, tinha campo... você já começava a pôr a... memória, a idéia pra... a imaginação pra funcionar, não é?”¹⁰⁴

O cinema também era uma boa fonte para esse tipo de ‘inspiração’. Agora, o interesse pelos cinemas já tinha mudado de patamar: no filme, eles queriam ver “como faziam” o ‘mocinho’ e a ‘mocinha’:

¹⁰²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

¹⁰³Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

¹⁰⁴Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

... 13, 14, 15 anos. Depois dos 15 já era outro estilo de filme, o gosto se aprimorava, em vez de assistir banguê-banguê já tinha que ser um filme de amor! Porque a nossa condição, vamos dizer, mental, já estava se aprimorando nesse sentido. A gente estava pensando mais em moça, mulher. Agente já queria ver lá como era que o mocinho e a mocinha se portavam, para poder imitar. Para a gente fazer mais ou menos parecido.¹⁰⁵

Num tempo em que o que se fazia na esfera da sexualidade se dava no âmbito privado, descobrir e inventar as possibilidades para usufruir da nova sexualidade tornava-se, para os meninos, um mistério a ser desvendado aos poucos.

1.2 NEM CRIANÇAS, NEM ADULTOS... 'MOCINHOS'

Depois de se distanciarem um pouco das traquinagens e aventuras próprias da infância... Eles são ainda 'guris', mas, um passo à frente, sentem-se já 'mocinhos': *"Falava 'mocinhos'... Tá passando pra mocinho"*. Os caracteres sexuais secundários anunciavam no corpo, a chegada desse momento novo. *"...então... já está criando bigodinho, já tem uma barbinha e... outras coisas mais lá"*. Esses 'sinais' de transformação eram percebidos também nas 'mocinhas', que para essa idade, transformavam-se em alvos de cobiça: *"E a mocinha a mesma coisa também, já começava a ver aquela transformação na moça... de menina prá mocinha. Então a gente [os 'mocinhos'] ficava admirando as mocinhas... aquela lá tá mais peitudinha, mais repolhuda..."*¹⁰⁶

Num tempo em que já sabiam não serem mais crianças, mas tampouco tinham adquirido o *status* de adultos, passo a passo, iam ampliando seu território em direção à 'conquista do mundo' e afastamento do 'mundo das mulheres'. Assim aumentavam o espectro de suas atividades ou diversões o que representava um espaço de fruição diferente pela cidade. Nesse tempo de 'passagem', na memória dos entrevistados, as aventuras pelas ruas da dita 'próspera' capital representavam a conquista de territórios importantes. Mas não porque vissem ou percebessem a

¹⁰⁵Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

¹⁰⁶Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

cidade em si como importante, mas porque isso significava um passo dado em direção à autonomia a ser alcançada nessa trajetória em direção à vida adulta. Seus horizontes não mais estariam reduzidos aos arredores da casa.

Fazer parte da 'turma' era de vital importância. Representava a segurança e o apoio necessários para sedimentar o afastamento da convivência com o núcleo familiar.

Mesmo que a realidade dos centros urbanos tenham mostrado que a partir dos 11, 12 anos, respeitadas as diferenças socioculturais, os rapazes sejam compelidos a viver na rua, LAFONT, estudando o universo dos jovens europeus, observa que:

Nos anos sessenta, o bando propriamente dito, estruturado à americana, com regras, hierarquias e sistemas de aliança codificados e rígidos, não existia nos bairros. O suporte social da aprendizagem dos rapazes era mais uma espécie de rede de estreita solidariedade masculina, uma horda relativamente informal de 'copains' que passam a maior parte do tempo juntos, evoluindo num mesmo universo social e geográfico de referência, seguindo modas e costumes não codificados.¹⁰⁷

No universo da cidade de Curitiba encontramos realidade similar. Nossos entrevistados afirmam que na convivência entre os rapazes o grupo de amigos tinha uma certa constância, mas isso não significava segregação. Era comum uma convivência mais ampla, que ora se dava entre os amigos mais próximos, ora entre vizinhos, ora com colegas de escola. Esses grupos também se misturavam. Para ALMEIDA,¹⁰⁸ a convivência entre pares para os homens tem a função de sedimentar uma identidade masculina. Assim, um espaço de convivialidade entre os rapazes teria a função de reorganização e fortalecimento da masculinidade.

Com a turma iam construindo o que ainda não tinham a segurança de ser: homens! Algumas transgressões continuavam sendo tomadas como símbolos de autonomia em relação aos pais da infância, significam também um maior domínio do tempo e do espaço.

¹⁰⁷LAFONT, op. cit., p.162.

¹⁰⁸ALMEIDA, M. V. de, op. cit.

A cidade, palco para masculinização

A cidade onde viviam, Curitiba, crescia e se reorganizava no pós-Guerra, o ciclo cafeeiro impulsionava a economia e possibilitava novos investimentos e o planejamento de marcos arquitetônicos e 'comemorativos' aproveitando o ensejo das festividades do centenário da emancipação política do Estado, em 1953.

No ano do centenário do Paraná (1953), os curitibanos, orgulhosos, contabilizavam o grande número de edifícios que surgiram na cidade, o número de automóveis e auto-ônibus (como chamavam ônibus na época), o surgimento da infra-estrutura urbana e até o fantástico (para os padrões da época) consumo de energia elétrica da cidade. Não havia dúvida: Curitiba ingressava definitivamente no rol das metrópoles, marca registrada de progresso e de desenvolvimento nos anos 50.¹⁰⁹

PILOTO, referindo-se aos primeiros edifícios com mais de vinte andares, vai dizer que Curitiba se apresentava "risonha em suas largas avenidas e em seus alegres bairros residenciais, ao mesmo tempo que severa nas linhas verticais dos seus arranha-céus".¹¹⁰ Para GONÇALVES JR., "o ritmo frenético das grandes metrópoles era desejado pela maioria dos curitibanos dos anos 50, ansiosos pela materialização do grande progresso que se sucedeu à Segunda Guerra nos países desenvolvidos".¹¹¹

Os jovens das décadas de 1940 e 1950, apreendendo o ideal masculino da época, não deixavam de apresentar claros traços de identificação com os heróis de guerra, ou com os desbravadores da terra, ou com outros que, de alguma forma, implementavam e sustentavam empreendimentos que traziam o 'progresso' para a região e para o Estado.

No mapeamento de suas experiências de juventude, porém, os espaços da cidade que se modernizava ou o vigor econômico do Estado não são rememorados

¹⁰⁹GONÇALVES JR., Antonio. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, v.24, n.122, p.49, dez. 1997.

¹¹⁰PUPPI, op. cit., p.16.

¹¹¹O ritmo frenético das grandes metrópolis era desejado pela maioria dos curitibanos dos anos 50. Estavam ansiosos pela materialização do grande progresso que se sucedeu à Segunda Guerra nos países desenvolvidos. GONÇALVES JR., op. cit., p.49.

de forma espontânea. Os lugares da cidade eram lembrados na perspectiva de espaços de convivência para jovens rapazes. A tendência dos homens têm sido – como nos mostra a história social dos homens nos últimos dois séculos – adotar um padrão de reprodução dos valores do modelo social, o que não quer dizer, porém, que isso apareça no discurso desses homens enquanto são jovens. Encontram-se claramente, no entanto, os traços do modelo padrão do homem da época, no *modus operandi* desses mocinhos. Como foi dito, eram ativos, guerreiros, procuravam agir de modo arrojado, deixavam bem claro seu interesse pelas mulheres... como a sociedade da época esperava para os ‘verdadeiros homens’.¹¹²

Assim, para os ‘rapazes’ desta pesquisa a cidade não é rememorada em seus parâmetros socioeconômicos ou sob os aspectos das modificações arquitetônicas que ela sofria, isso era ocupação para os homens adultos. Eles estavam em tempo de ocuparem-se da afirmação de sua masculinidade. A prioridade era a sexualidade; as aventuras, ‘provas’ de que já sabiam agir como homens; os jogos e os passeios com a turma; a curiosidade em relação ao corpo feminino, a iniciação sexual... A cidade é rememorada como um cenário para essas vivências e assim surge em seus relatos, com as cores do momento que eles estão vivendo.

Os ‘mocinhos’, vivendo a liminaridade de já não serem mais crianças e tampouco adultos, à procura de seu novo lugar, se procuravam na cidade, fora de casa. Buscavam-se buscando o mundo dos homens. Na cidade e no exercício da autonomia, recriavam espaços que legitimavam a ‘masculinidade’ que incorporavam para si. Como observa LAFONT, este tipo de “aprendizagem faz-se essencialmente no próprio bairro, na ‘rua’ onde se passa a maior parte do tempo e onde os adultos com que se contata são na maioria homens: os bares e cafés, com seus empregados e sua clientela...”¹¹³

¹¹²O termo é de MOSSE, para fazer um contra-ponto com o que ele trabalhou como a ameaça à masculinidade na virada do século XIX para o XX. Ver: MOSSE, op. cit.

¹¹³LAFONT, op. cit., p.162.

Matar aula para ir ao *snooker* era a transgressão “da moda”. Descobrir um local para jogar *snooker* e, de preferência, antes dos 18 anos, era um jeito jovem de se interessar pela cidade. “*Então tinham muitos snooker aqui em Curitiba. Só que só podia freqüentar depois dos 18 anos! Então a graça era quem não tinha 18 freqüentar. Eu comecei antes! (...) Tinha o pessoal que ia brincar, como eu e meus amigos*”.¹¹⁴

*A gente saía do Colégio Iguaçu e ia para a rua XV. Gazeava aula, alguém engrenava: ‘vamos gazevar aula, não vamos assistir aula hoje, vamos para a rua XV’. E geralmente tinha aqueles cafés – café sentado, que tinha aqueles cafezinhos nas mesas... Então a gente ia para um café chamado Rio Branco, onde no fundo desse café tinha uma sala de snooker.*¹¹⁵

O ato específico nem sempre era o mais importante. Muitas vezes valia mais praticar uma ousadia, qualquer que ela fosse. As ‘provas’, como afirma NOLASCO,¹¹⁶ têm sempre o objetivo de reforçar a masculinidade. Às vezes, matavam aula para “*simplesmente ficar sentado num banco sem fazer nada – sabendo que enquanto isso os outros assistiam aula*”¹¹⁷ Para LAFONT, “em contraste com a vida familiar, a vida da rua carece de calor e de conforto. Não é regrada nem regular, é feita essencialmente de períodos de inatividade e tédio, de ausência de esforços e de constrangimentos, com algumas aventuras e excessos pelo meio”.¹¹⁸

Matar aula para ir a um rio mais longínquo era um bom desafio a ser proposto. E significava fazer coisas que os pais ou os professores desaprovavam, mas era também uma forma de mostrar aos amigos que tinham ‘coragem’ para fazê-

¹¹⁴“A gente jogava pelo tempo, quem perdia pagava o tempo (a mesa era paga pelo tempo que era utilizada). E tinha também os profissionais! Jogavam a dinheiro, faziam e aconteciam. Mas a gente ia só para brincar, para passar o tempo”. Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

¹¹⁵“Quase esquina com a Barão do Rio Branco”. Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

¹¹⁶Ver o livro de Nolasco, *O mito da masculinidade*.

¹¹⁷Entrevista 12:22.

¹¹⁸LAFONT, op. cit., p.162.

lo. Um modo de responder por seus atos, ao fazer algo por sua própria conta e risco. *“Chegava na escola, “vamos gazejar aula? “ “vamos!”. Então gazeava aula e ia tomar banho de rio. Saía do Iguaçu [Colégio, que ficava na Praça da República, atual Rui Barbosa] e ia a pé até lá... Onde se situa hoje o hospital Cajuru”.*¹¹⁹

Fumar no banheiro da escola era outra forma de irreverência. Representava um desafio às regras e à autoridade depositada nos mais velhos. Não fumar tinha o estatuto de obediência (inconscientemente, ‘coisa de criança’) a uma exigência dos pais. *“Ninguém fumava... Era proibido fumar. Era um vício que era muito controlado pelos pais”,* afirma um entrevistado. Em contrapartida, fumar ganhava o estatuto de afronta e identificação aos ‘mais velhos’.

... no Colégio Iguaçu, eu estava no 3.º ano do Ginásio [14 anos] ... E tinha um professor chamado Arthur, que era um homem muito enérgico. E não sei por que cargas d’água eu estava fumando, mas no banheiro. Aí eu saí para fora, e ele estava na janela... Aí ele começou ‘Ô, seu ‘X’, muito bem, fumando, hem? Que marca que é de cigarro? E foi um dia, foi no dois, foi no terceiro... no quinto dia eu estourei, e falei ‘Ô, professor, eu vou fumar o cigarro que eu compro. O senhor não vai me dar dinheiro para eu comprar o cigarro para eu sair!’¹²⁰

Pode-se perceber nesse depoimento que, dizer ao professor: ‘eu compro o meu cigarro, não é o senhor quem vai pagá-lo’, há uma demonstração de autonomia, justificativa para não ser mais tratado como criança. Por isso, como veremos adiante, o ‘trabalho’ tinha tanta importância para os ‘mocinhos’ dessa época. Era por meio do trabalho que eles adquiriam as condições para ‘banicar’ suas despesas pessoais. Isso fazia parte do preço a ser pago para ‘tornar-se homem’.

Essa autoridade que desafiavam nos pais ou professores, era tomada, por outro lado, como um ideal a ser alcançado para si mesmos como homens. Deste modo, pode-se entender porque fumar era um ato tão valorizado para a masculinização: era ‘coisa de homem’. Por isso a proibição teria de ser ultrapassada quando fosse o tempo de efetivamente ‘fazer coisas de homem’: *“Uma coisa que*

¹¹⁹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

¹²⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

*influenciava a turma era fumar, é que o fumar era coisa de homem. A gurizada queria fumar para se sentir homem. Era uma estupidez, mas o sujeito começava a fumar porque era coisa de homem!”*¹²¹ Afinal, para ser homem um menino tinha que agir como se tivesse autonomia sobre os seus atos e não obedecer como uma criança! E ‘fumar’ era uma das poucas oportunidade para ‘desobedecer’ as regras: *“fumar... Bem não se fazia muito mais além disso”*.¹²²

Na ‘liminaridade’ desse tempo de transição, ‘fumar’ constituía o espelho de uma ambigüidade inevitável para essa fase: sentiam-se um pouco crianças que desobedeciam os pais, mas, viviam ainda a sociabilidade paralela, querendo adquirir o direito de partilhar este ato com outros adultos.

A primeira calça comprida... credencial de acesso às mocinhas

A primeira calça comprida indicava, de algum modo, uma certa autorização da família à entrada para o mundo dos adultos. Um passaporte: somente a partir da primeira calça comprida tornava-se possível passar, por exemplo, do baile infantil para o baile dos adultos. De calças curtas ainda não se sentiram autorizados a cobiçar uma mulher!

Enquanto o corpo desses ‘mocinhos’ ia ganhando formas adultas, a calça comprida constituía-se numa insígnia de saída da infância. Não havia uma idade estabelecida para passar à calça comprida, mas sua aquisição era um emblema de passagem, marca externa da chegada da puberdade: *“...com 11,12,13, uns 14 anos mais ou menos aí, começava a usar calça comprida (...) ...era uma afirmação que você estava passando do... da época infantil pra... puberdade já, né?”*¹²³ A calça era,

¹²¹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

¹²²Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000. As marcas mais citadas são: Turco, Douradinho Extra, Continental, Jôquei Clube, Yolanda, Hollywood, Pett Londrino, Liberty, Columbia, Ascot, 17(dezessete) ...

¹²³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

de certa forma, uma escritura da transformação: “*Menino era calça curta, jovem calça comprida*”.¹²⁴

O terno poderia ser usado antes da calça comprida. Um dos entrevistados¹²⁵ lembra que usou o primeiro terno por volta dos 12 anos e a primeira calça comprida com 14 anos. E faz questão de marcar que a insígnia da puberdade estava na ‘calça comprida’ e não no terno: “*A calça comprida, né! Porque terno não, a calça curta tinha paletó também*”.¹²⁶

Enquanto o terno era uma insígnia de uma boa aparência – a “melhor roupa” –, a calça comprida garantia um *status* de maturidade, ou seja, o abandono em definitivo da condição de criança. De reconhecimento familiar e público, a ‘calça comprida’ cumpria uma função ritual de passagem: mudava o estatuto de identidade¹²⁷ do menino que, depois da calça comprida, renascia adulto.

Uma prova de que a calça comprida significava um divisor de águas para os meninos aparece de modo claro nos depoimentos; muitos deles não deixariam para trás detalhes sobre a compra e confecção da primeira calça comprida: “*Foi na rua Castro. Sabe onde é o grupo escolar Lisymaco? Ali na esquina da Castro com a rápida... ficava ali*”.¹²⁸ “*...comprava na rua Riachuelo, umas casas que era mais barato, dos turcos ali*...”.¹²⁹

Representante do valor da masculinidade, que ia sendo conquistada passo a passo, a primeira calça comprida aparecia nos traços de memória como um objeto

¹²⁴Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

¹²⁵Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

¹²⁶Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

¹²⁷O termo é de BADINTER, op. cit., p.71.

¹²⁸Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

¹²⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

‘caro’. O ‘custo’, nesse caso, pode ser pensado como uma metáfora de algo que, por ser muito valioso, torna-se difícil de conquistar.

Assim, ter adquirido o direito de uso da calça comprida era, antes de tudo, o símbolo da conquista de algo precioso para sua masculinidade. Alguns vão dizer que para ter acesso à calça comprida era preciso o ‘sacrifício’ da espera. Para outros, a família tinha que economizar, o tecido era caro. De várias maneiras a calça comprida aparecia como um objeto de difícil conquista. A calça de formatura de casimira – tecido nobre para a época –, por exemplo, era a melhor representante desse ‘caro’ objeto de cobiça: “...eu fiz o primeiro terno de casimira quando terminei o ginásio. Ia ter um baile de formatura, e... tinha que ser terno azul”.¹³⁰

Essa importante marca de masculinidade aparecia, nos depoimentos, associada a ocasiões solenes. Para outro depoente, a primeira calça comprida surge associada à ocasião do luto pela morte de seu pai [1942, aos 14 anos]: “Eu já estava de luto por meu pai. Acho que foi aí que eu fiz minha primeira calça... calça preta! Naquele tempo era luto fechado... no uniforme do colégio usava uma faixa preta”.¹³¹

A calça comprida ‘autorizava-os’ a olhar para as moças como rapazes, ou seja, demonstrando seu desejo através do ‘flerte’. O entrevistado que usou a primeira calça comprida quando esteve de luto pela morte do pai, afirma, em outro ponto de seu depoimento, que foi com a mesma idade que começou a namorar. De ‘calças curtas’ eles tinham ‘vergonha’, sentiam-se impossibilitados de ‘flertar’. “...você não ia aparecer, namorar de calça curta, porque era sinal de criança, usar calça curta. (...) Se sentia envergonhado, sim porque você... ainda estava é... naquela fase infantil. (...) ...você já tinha as namoradinhas, você quer se vestir como homem, né?”¹³²

¹³⁰Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

¹³¹Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

¹³²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

Nessa época a roupa ainda não tinha tomado formatos emblemáticos para diferentes idades, tal como o significado que o *jeans* assumiria nos anos 60. Enquanto nos anos 60 o *jeans* era o traje do jovem que não queria ser como seus pais, nos anos 40 e 50 a calça comprida representava o realização do sonho de ser como o pai ou o avô.¹³³

De qualquer forma, o que importava era usar a “melhor roupa” para as ocasiões que se revestiam de solenidade, simplesmente por se tratar de um ato público: formatura, batizado, casamento, velórios, missa ou um passeio, principalmente quando envolvia toda a família: *“E tem outro detalhe que era muito importante: para qualquer lugar que você fosse a família sempre... você tinha que usar a melhor roupa que tinha. Viagem... eu ia para a Ilha do Mel com a melhor roupa... [melhor] terno que tinha! Para a viagem sempre a melhor roupa”*.¹³⁴

Para os ‘mocinhos’, então, ao estatuto da ‘melhor roupa’ estava se agregando o emblema da ‘calça comprida’. A ‘melhor’ roupa era um jeito de se mostrar bem vestido em público: *“Naquela época era tudo de paletó”*.¹³⁵ Com a ‘calça comprida’, tornar-se-iam ‘mocinhos’ bem apresentados em público, ou seja, prontos para serem notados como ‘homens’.

Um espaço de convivência entre ‘mocinhos’ e ‘mocinhas’ poderia se dar entre a própria parentela, nas ‘reuniões em casa, com a presença de algum vizinho ou algum amigo mais próximo. *“...tinha essas reuniões mais em casa, né? Porque como você não tinha televisão, essas coisas, você tinha muita reunião em casa, tinha o piano, sempre tinham vários que tocavam piano, tocavam violão, tinha as*

¹³³HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.320.

¹³⁴Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

¹³⁵Entrevista 11, Curitiba, 19 fev. 2000.

músicas para cantar... fazia reuniões quase semanalmente quando os primos estavam aí".¹³⁶

Esses encontros que inicialmente se davam em família, começavam a se abrir para amigos à medida que a infância fosse ficando para trás. Um dos entrevistados explica que as 'reuniões' eram *"quase sempre em família. Com poucos... Daí quando as moças começavam a ficar mocinhas, assim, que tinham namorado, ou um amigo mais interessado, dava para vir esse amigo"*.¹³⁷

Descobrimdo o corpo feminino...

Numa sociedade cuja expectativa é que os rapazes tenham muitas namoradas, iniciem a vida sexual o mais precocemente possível e sejam excelentes amantes,¹³⁸ um assunto de grande interesse nessa idade, era o acesso ao exercício do sexo. Enquanto a hora não chegava, mostravam-se ávidos por detalhes que pudessem contribuir para desvendar isso que ainda lhes parecia um mistério: o corpo de uma mulher. Conseguir olhar ou 'espiar' o corpo nu de uma mulher fazia parte do *voyerismo* próprio da idade em que se encontravam.

Como quem transgride ao contar, um entrevistado revela que, na época, às vezes, tinha *striptease* no Cine Ópera. Chamava-se 'nu artístico', *"mas era striptease"*. Espetáculo destinado ao público masculino.

Deixa eu te contar uma coisa. No cine Ópera, na minha juventude, com 15 ou 16 anos, com a entrada mais cara, apresentou-se uma companhia para fazer nu artístico – mais ou menos em 49, 50 por aí. Foi um evento diferente! Companhia tal, do Rio de Janeiro, com

¹³⁶Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000. Os 'jogos de salão' também estavam presentes nessas reuniões ('passa o bastão', *"você tinha que adivinhar qual palavra que estava em jogo"*, 'jogos de inteligência'; 'baralho'...). Mas, são pouco citados e lembrados com poucos detalhes, quando citados.

¹³⁷Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

¹³⁸NOLASCO, *O mito...*, op. cit., p.68.

*seu elenco de mulheres...Encenaram um monólogo, uma piadinha rápida assim e, daí vinha um nu artístico. Era um striptease... a mulher aparecia, as luzes focavam a mulher e elas tiravam a roupa... o que predominava era a rapaziada – em massa! O rapaz, nessa época, em 49, 50 os jovens estavam árdus de ver uma mulher nua!*¹³⁹

Na época, ver o corpo de uma mulher que, no mais das vezes, era bastante coberto, causava sensação para os rapazes. Um deles conta: “...para ir na praia tinha uns calções até a canela!! Eu me lembro que eu fui e foi uma grande revelação ver uma mulher nua. Era um acontecimento”.¹⁴⁰

Em comparação com a atualidade, um depoente diz que eram as roupas da época (1940) que impediam que o corpo da mulher pudesse ser visto:

*Mas, então, a vida da rapaziada era... porque hoje a gente vê tudo, olha uma moça aí, a gente sabe como ela é de roupa e tudo. Agora naquele tempo era diferente. Tinha que fazer uma ginástica... não tinha a mínima idéia. O negócio era tudo folgado, as roupas compridas, não tinha cintura, nada, era tudo solto. Então o indivíduo não conseguia ver nada se não fosse em estado natural, né? Isso era até os 15, 16 anos. Aí dos 16 em diante ele já começava a querer namorar, ele já ia conhecendo melhor a moça, mas com todas aquelas dificuldades.*¹⁴¹

O corpo da mulher, para esses rapazes... “Era uma incógnita. O corpo da mulher era em si uma incógnita. Não, não, não existia... Não se conhecia. Além do rosto e da perna não se conhecia mais nada. Porque tudo era tapado, né? Naquela época aparecer uma mulher mostrando o joelho era uma ofensa à sociedade”.¹⁴²

O ‘joelho’ sintetizava o proibido e o cobiçado corpo de uma mulher. “A gente não via o joelho de uma moça de jeito nenhum. Sempre andava com uma roupa mais comprida, a gola sempre fechada, então a gente via o marmanjo, o

¹³⁹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

¹⁴⁰Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

¹⁴¹Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

¹⁴²Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

*gurizão, vivia disputando ver... O que ele podia ver, né?*¹⁴³ Desse corpo de mulher ainda por descobrir, o ‘joelho’ se dava a ver num esperado ‘cruzar de pernas’:

*Agora o que chamava atenção. mesmo era quando a mulher cruzava as pernas... que mostrava um pedacinho da perna, né? Aquilo era um... ficava tudo assanhado. (...) naquela época não havia minissaia, não é? A mulher andava sempre, sempre... com o vestido mais comprido, né? Então quando a mulher cruzava as pernas, que aparecia um pedacinho do joelho, aquilo era uma sensação. Aquilo a gente já ficava de antena ligada! De ver um pedaço do joelho... Tudo era desconhecido prá gente...*¹⁴⁴

Lembram que na época de ‘gurizão’, o corpo da mulher estava envolto em um ‘ar’ de mistério. Pressionados a dar ‘provas’ de que ‘entendiam de mulher’, lembravam da ansiedade vivida não apenas porque as roupas ou os valores de então, fossem um tanto encobridores, mas também porque sua pouca idade ainda não lhes tinha permitido revelar esses ‘mistérios’.

Até que pudessem chegar às prostitutas, até que chegassem à experiência para a qual ainda se preparavam, alguns ‘buracos’ e ‘frestas’ ainda mantinham paredes como anteparo. Barreira que pode ser pensada como uma metáfora da dificuldade interna vivida no processo de iniciação sexual, que comporta uma face desconhecida.

Tomando um pouco de distância da expectativa de uma sociedade que entende a iniciação masculina precoce como uma prova de virilidade, pode-se pensar que ao espiar não tinham que ‘passar às vias de fato’, mas não deixavam de mostrar seu interesse no sexo oposto. Assim ‘espiava’ – nos dois sentidos que o significante permite: ‘espiava’ enquanto *voyer* e ‘expiava’ a criança que deveria crescer, ou seja, morrer enquanto criança.

¹⁴³Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

¹⁴⁴Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

Então eu e meu grupo, eu morava numa casa que tinha uma área, e nessa área tinha uns vãos, era meio separado assim. E nós chegávamos... lá, lá quietinho, para ficar em baixo quando as moças... Por exemplo, meu pai tinha sapataria, as moças iam levar calçado lá para arrumar, ou comprar, e nós ficávamos lá para ver se via alguma coisa diferente, porque a roupa não permitia ver, né? Debaixo do assoalho. O assoalho alto, né? Então ficava lá... a maioria da rapaziada fazia isso.¹⁴⁵

Às vezes, se inventava um buraco: “Eu tinha dois colegas que chegaram a fazer um buraco na parede para isso... Moravam de parede e meia com uma família. Essa mulher tinha duas filhas muito bonitas, mocinhas. Então os dois sem-vergonhas fizeram um buraco na... não sei como foi lá que eles fizeram um buraco, e viam as moças tomando banho”.¹⁴⁶

E esse ‘buraco’ poderia ser agenciado, “eu tive que dar 16 bolinhas de gude para eles me levarem lá, para eu ver também. Ele me contou aquilo e ‘então me leva’, ‘não, ou vou te levar, mas você vai ter que me dar 16 bolinhas de gude’”. Pagar com ‘coisas de criança’ é revelador da ‘liminaridade’ em que se encontram. Havia pagamento e hora marcada... “Então era uma espécie de cinema. E elas chegavam da cidade, trabalhavam na cidade, no comércio, e chegavam às 5 horas em casa. Cinco e meia... 5:10, 5:15 elas iam tomar banho, então era uma aventura... o sujeito que visse duas moças lindas daquelas tomando banho, ele se realizava”. Mas, por serem crianças, deixavam pistas para a mãe: “Aí ele começou a comerciar demais, e a mãe dele, do colega, desconfiou. Via gente entrando no quarto dele. Pode-se perceber neles mesmos o movimento que reconvocava a mãe ao papel de repressora: “Aí ela descobriu, deu-lhe uma ‘camaçada’ de pau. Foi lá mandou tampar o buraco. A outra mulher de lá quase que... ‘onde é que já se viu esse sem-vergonha vendo minha filha...’”¹⁴⁷ E assim esses rapazes se reasseguravam que tinham de esperar um pouco mais para a desejada e temida experiência sexual.

¹⁴⁵Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

¹⁴⁶Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

¹⁴⁷Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

Antes que o rapaz pudesse pôr em prática sua vida sexual, na imaginação¹⁴⁸ desenhavam um corpo de mulher. Entre os amigos era possível falar disso. Do que imaginavam e do que já sabiam. *“Se conversava. Talvez uma fotografia, né?”*¹⁴⁹ Os materiais pornográficos a que os rapazes tinham acesso eram *“desenhos... publicações em folhetos...”* Esses materiais – assim como a própria sexualidade – não eram expostos como hoje: *“não era aberto como hoje, que se vende aí, né? Era mais reservado”*.

Nesse tempo em que o próprio sexo ainda estava por acontecer, uma oportunidade de iniciação poderia ser vivida como um impasse.

*... então aconteceu um fato. Tinha uma menina que... andava transando com todo mundo naquela época. Todo mundo tava sabendo. Num Domingo, eu estava jogando futebol, ela passou e me convidou para levá-la até a casa dela. Me levou para um matinho. Chegou lá ela... daí chegamos no meio da capoeira lá, e ela parou “e agora?” Eu não sabia o que ia fazer... se deitava no chão... No fim, naquela indecisão, ela “então tchau!” Saiu, foi embora e me deixou na mão... Eu digo “eu sou burro”. Então... a gente não sabia... depois você começa a pensar “puxa eu fui burro! Ela encostou a minha mão no seio dela... Por que eu não aproveitei já passar a mão no outro também. Por que não beijei ela?”*¹⁵⁰

1.3 OS RAPAZES E O MUNDO DA EFETIVA INICIAÇÃO SEXUAL!

Depois dos singulares campeonatos nos banhos de rio, das ‘brincadeiras’ com as primas, dos inocentes ‘namoricos de escola’ e dos primeiros impasses diante das mais ousadas, aproximava-se um tempo em que o contato sexual com uma mulher significaria a entrada num mundo antes inacessível. A primeira relação sexual, para o rapaz, tem a função de uma ‘prova’ de virilidade, o que complementa o modelo de homem valorizado socialmente.¹⁵¹ Nessa perspectiva, HEILBORN

¹⁴⁸“A necessidade de intelectualizar e fantasiar acontece como uma das formas típicas do pensamento do adolescente”. KNOBEL; ABERASTURY, op. cit., p.38.

¹⁴⁹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

¹⁵⁰Entrevistado com 14, 15 anos e ela 16, 17 anos. Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

¹⁵¹Conforme NOLASCO, *O mito...* op. cit., p.67.

afirma: “O início da atividade sexual exprime uma mudança de *status* e da percepção de ser homem... A iniciação sexual é, assim, um dos apanágios de uma identidade de não mais criança e se integra no processo de constituição da masculinidade adulta”.¹⁵²

Agora, tanto as novas formas e potencialidades do corpo quanto uma demanda sociocultural convocavam esses ‘mocinhos’ a ocuparem seu lugar no mundo dos homens adultos: chegara o tempo do acesso ao exercício da sexualidade genital. Para os homens, as correlações entre atividade sexual e gênero masculino são particularmente proeminentes na construção da imagem de si, a despeito da classe social a que pertencem.¹⁵³ Deste modo, as vias de acesso ao sexo e às conquistas vão se constituir em marcos importantes para a masculinidade dos rapazes da décadas de 1940 e 1950. Para NOLASCO, “os meninos crescem tendo por padrão de comportamento um conquistador, ou guerreiro imaginário, de apetite sexual insaciável. Entre os homens, um grande número de comparações são feitas sem levar em conta dificuldades comuns a qualquer indivíduo prestes a iniciar sua atividade sexual”.¹⁵⁴

Ainda que a insegurança e as dificuldades estejam presentes nesse tempo de iniciação, um movimento encobridor deixa claro que essa fragilidade não pode aparecer para os rapazes. Em nossa pesquisa, os entrevistados parecem tão convictos de que um homem deve estar sexualmente bem resolvido¹⁵⁵ que não falaram de impasses ou incertezas nem mesmo quando a pergunta era específica e

¹⁵²HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M.L. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.43.

¹⁵³Idem, p.56.

¹⁵⁴NOLASCO, **O mito...** op. cit., p.70.

¹⁵⁵“Socialmente acredita-se que a identidade de um homem deve ser nítida, precisa e bem resolvida”. Idem, p.129. Para MOSSE, em função da ameaça de decadência que a masculinidade sofreu no final do século XVII e início do século XIX, a virilidade passou a ter que ser sustentada com vigor e convicção. MOSSE, op. cit.

direta. Alguns justificavam dizendo que a prostituta ensinava e, por isso, não tinham com que se preocupar. Em BADINTER¹⁵⁶ encontra-se a idéia da prostituta como uma mulher maternal, pois o cliente se tornaria um menininho passivo diante dela, que é paga para se encarregar de tudo. Nossa pesquisa, porém, mostrou que, nesse ‘entregar-se’ para a prostituta que ‘ensina’, há vários outros ‘jogos’ exercitados por esses rapazes na experiência com as prostitutas.

Na turma de amigos, de vital importância na sedimentação dessa hombridade eminente, cada participante, além de um suporte, passa a representar um ideal de referência para o *savoir faire* como homem. Conforme já assinalamos, a relação com outros homens é importante para a construção do ‘ser’ de homem. BADINTER observa que: “São principalmente rapazes mais velhos ou homens adultos que se ocupam da masculinização dos mais jovens. Iniciado por um mentor ou pelo grupo dos veteranos, o jovem entra no mundo dos homens pela graça de outros que não o seu genitor”.¹⁵⁷

Assim, os desafios – ideal de masculinidade – serão ‘vencidos’ diante do testemunho de um ‘parceiro’. E cada rapaz será convocado a dar suas provas de masculinidade também pelos pares. ‘Conhecer’ uma mulher (iniciação sexual) ou arrumar uma namorada adquiria, para o grupo, o estatuto de uma ‘prova de masculinidade’. “Ganhar”¹⁵⁸ uma mulher era como ganhar um troféu que seria exibido aos amigos. A masculinidade é afirmada ao ser convictamente exibida!

¹⁵⁶BADINTER, op. cit., p.142.

¹⁵⁷Idem, p.70.

¹⁵⁸Entre os gaúchos ‘campeiros’ do extremo sul do Brasil, conforme pesquisa etnográfica, “o amor é apresentado por eles antes como uma relação de disputa entre dois homens, do que uma relação afetiva entre um homem e uma mulher”. LEAL, Ondina Fachel. **Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha**. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves; ORO, Ari Pedro (Org.). **Brasil e França: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. p.146.

Os rapazes e os atributos de 'Hombridade'

No desdobramento desse tempo de iniciação delineia-se, para os rapazes, uma carreira em relação à conquista de atributos reconhecidos socialmente como 'coisas de homem': vão 'beber', 'fumar', 'jogar', fazer algazarras... A cidade com seus cinemas, clubes, bares, bordéis... a rua enfim, são rememorados como 'aparelhos' de viabilização para uma 'masculinidade' carente de afirmação. Algumas 'insígnias' de hombridade serão oferecidas por esse tempo socioespaço-cultural.

Tal como o cigarro, que já tinha entrado na vida dos rapazes um pouco mais cedo, o bebida também era signo de masculinidade: *"...o beber, talvez... mas isso era com mais idade, eu acho... alguns começavam com mais idade [por volta de 20] a ir ao bar tomar uma cerveja..."*¹⁵⁹ Sempre numa turma de três ou quatro, os rapazes se reuniam para beber um copo de cerveja ou um 'chopp de bola'.¹⁶⁰ Conhecer as marcas das cervejas, e demonstrar esse conhecimento aos amigos, também era importante. Esses dados ainda estão presentes na memória:

*Tinha a Providência, por exemplo, mas não era do meu tempo, é anterior. No meu tempo era Brahma e Antártica basicamente. Em Joinville fabricava uma muito boa, chamada Ouro Pilsen, mas começou a entrar muito aqui, a Antártica foi lá e comprou. Em Ponta Grossa fabricava a Original, maravilhosa, por causa da qualidade da água... mas a Antártica foi lá e comprou. No Rio Grande do Sul tinha a Serra Malte... a Antártica também comprou. Engoliram os pequenos!*¹⁶¹

A 'algazarra' e a 'bagunça' sempre foram lugar comum entre os jovens rapazes em diferentes culturas ao longo do tempo. Bagunçar, falar alto, brincar, extrapolar as regras... é uma forma juvenil de marcar presença e apreender o

¹⁵⁹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

¹⁶⁰O 'chopp de bola' era uma referência ao formato do caneco onde se servia o chopp que tinha o formato de uma bola.

¹⁶¹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000. Também foram lembradas: 'Brahma Rainha'; 'Águia' (preta amarga); 'Providência (preta amarga) e 'Malzibier', para mulher que amamentava. Os refrigerantes lembrados foram: Guaraná Antártica, (tinha Guaraná e Coca Cola 'caçula', que era embalagem que continha um copo.), Gasosas e Wime, da Ugo Cine.

arcabouço das normas da sociedade à qual pertencem.¹⁶² É igualmente uma forma de apresentar-se no vigor de sua juventude e na alegria de poder fazer ‘coisas arrojadas’. Para HOBBSAWM, “os grupos jovens, ainda não assentados na idade adulta estabelecida, são o *locus* tradicional da alegria, motim e desordem, como sabiam até mesmo os reitores das universidades medievais...”¹⁶³

Assim também os entrevistados desta pesquisa, entre os amigos, tentavam firmar mais um atributo de masculinidade: a independência. *"E a gente [os rapazes] à noite a gente ia... bagunçar, ia na [confeitaria] cometa tomar uma coisa lá... um chopinho, comer aquele sanduíche de pernil famoso da cometa... E o melhor camarão abraçadinho com Nicolasca era o da confeitaria Pérola, em frente. Sabe o que é Nicolasca?"* Tomar Nicolasca era antes de tudo um ‘ritual’ que, na atualidade, é rememorado com empolgação e riqueza de detalhes:

*...era um copinho, um cálice de vodka, uma rodela de limão e um pouco de sal em cima do limão! Isso era Nicolasca! Você comia o abraçadinho e em seguida você tirava a rodela, punha tudo aquilo na boca: espremia a rodela de limão com sal na boca e virava a vodka em cima. Uma delícia, porque o sal adocica o limão. (...) a gente tomava 2 ou 3 doses de nicolasca e comia uma dúzia de abraçadinho de camarão.*¹⁶⁴

Tomar Nicolasca era coisa para ‘iniciados’! A vibração ao contar realça o valor daquele ‘saber fazer’. E, ainda mais, era um ato que se inscrevia num mundo para homens! *"E isso era só homem, geralmente aos sábados depois da saída da faculdade por volta do meio dia, ou à noite. [E as moças?] Não. Não, não as moças nunca!"*¹⁶⁵

Antes da influência norte-americana do pós-Guerra, o ato de beber tinha uma inserção diferente: *"no meu tempo, ninguém tomava bebida no gargalo! Era coisa de pinguço, uma coisa muito feia. E os americanos quando vieram com a*

¹⁶²Para SCHINDLER, esses atos juvenis, na forma de denuncia colaboram para a manutenção do *status quo* da comunidade. SCHINDLER, op. cit.

¹⁶³HOBBSAWUM, *Era dos extremos...*, op. cit., p.294.

¹⁶⁴Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

¹⁶⁵Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

Coca-Cola, toda a propaganda deles era no gargalo, então o pessoal aprendeu a tomar no gargalo. Mas até essa época era muito feio fazer isso".¹⁶⁶ Beber no gargalo não era coisa de homem sério!

Para os divertidos bate-papos, os rapazes também poderiam ser vistos em alguns restaurantes saboreando um bom 'risoto'.¹⁶⁷ Entretanto, sentar-se num café¹⁶⁸ para passar horas junto aos amigos ou fazer a mesma coisa enquanto jogavam *snooker*...¹⁶⁹ representava boa parte das possibilidades de diversão entre os rapazes.

Símbolo de uma autonomia esperada para os homens, 'gazear' aula para jogar *snooker* num bar, onde conviviam com homens mais velhos, era algo para se fazer ao redor dos 18 anos, uma vez que o jogo estava liberado somente a partir dessa idade. *"No snooker, eu ficava lá, alguns jogavam e outros fumavam. (...) para fumar era muito reservado também, né? Não se podia fumar em público. Quer dizer, fumava-se, né! Mas pelo respeito que se tinha..."*¹⁷⁰ Como já visto, fumar era dar mostras de ser adulto. Alguns, porém, estariam mais interessados em participar da

¹⁶⁶Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

¹⁶⁷Outros locais citados: Café na Boca (de alemães); Bar Paraná (era famoso o bife Abílio Ribeiro); Bar do Olimpo (em baixo do Clube Curitibano, na rua XV de Novembro); O Bepe (spaghetto); Confeitaria Cometa (famosa pelas Empadas); Confeitaria do Abude (rua XV de Novembro); Bar Pérola (famosa pelo sandwsh de salmão com vermute branco ou Cinzano com passas); Bar Farol (rua XV de Novembro com rua Barão do Rio Branco). Locais que ficavam abertos à noite: Bar Triângulo (rua XV de Novembro com Travessa Oliveira Belo, tinha o melhor Cachorro Quente da cidade); Bar Palácio (rua Barão do Rio Branco, em frente a Polícia. Famoso por reunir todas as classes sociais da cidade: desde os casais da elite que saía do baile do Curitibano até as prostitutas que saíam do trabalho, desde que acompanhadas. Pois não entrava mulher desacompanhada no bar).

¹⁶⁸Segundo os depoimentos, essa foi uma época de transição do 'café sentado' para o 'café de pé'. Quando ainda serviam café em mesinhas, pagava-se por um café mas, tinha direito a 'dobradinha', o garçon servia outro café. Geralmente a turma de rapazes ficava por algumas horas ocupando a mesa numa animada conversa enquanto tomavam 'um' café.

¹⁶⁹Bares onde jogavam snooker, são lembrados em três endereços: rua XV de Novembro; rua Ébano Pereira; rua Dr. Muricy com XV de Novembro.

¹⁷⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

roda de amigos: *“Eu não jogava e nem fumava. Eu ficava respirando fumaça, porque era um fumaceiro... Então só mesmo para passar o tempo”*.¹⁷¹

As tardes de domingo podiam também ser reservadas ao jogo de *snooker*, espaço de sociabilidade exclusivo para homens. *“Às vezes, domingo a gente passava a tarde jogando snooker! Na casa dos 18, 19 anos, por aí. Hoje você vê os grupos mistos... hoje em dia. Naquele tempo não, era homem para um lado e mulher para outro, não tinha esses seres de outros planeta!”*¹⁷²

Homossexualidade... ameaça à frágil masculinidade

Para esses rapazes, aqueles que não estavam circunscritos no campo dos que faziam ‘coisas de homem’ ou ‘coisas de mulher’, não existiam! Ou pelo menos se esforçavam para isso. Ao que parece, tentavam eliminar, assim, sua apreensão e insegurança com relação à própria sexualidade.¹⁷³ Não há dúvida de que os homossexuais existiam e que eles percebiam a sua presença – como será visto a seguir, muitos até se beneficiavam do farmacêutico ‘bicha’, quando precisavam de uma ‘consulta clandestina’ para uma doença venérea. Além disso, quando mais jovens já tinham identificado os ‘pederastas’ no cinema, e procuravam se defender deles na companhia do grupo de amigos.

Conforme já se tratou, o processo de masculinização exigia dos meninos um esforço no sentido do afastamento do universo da mãe, com a qual tinham desenvolvido, na fase inicial da vida, um forte laço afetivo que implicou ocupar, como

¹⁷¹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

¹⁷²Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

¹⁷³TIBA, se refere à ‘fobia a homossexuais’, explicitando que isso é comum no adolescente do sexo masculino. Ele precisa ‘provar’ que é ‘macho’, pois, para o adolescente, quem não é macho é homossexual. TIBA, Içami. **Adolescência**: o despertar do sexo. São Paulo: Ed. Gente, 1994.

bebê, o pólo passivo da relação. Deste modo, a presença de um homossexual¹⁷⁴ dava a dimensão de que o afastamento necessário do campo feminino podia não se dar. Assim se evidencia uma fragilidade inerente à masculinidade, ou seja, ela só se garante pelo constante movimento de oposição à feminilidade. Para BADINTER:

A identificação do macho é mais amplamente diferencial do que a identificação da fêmea. Tradicionalmente, a masculinidade se define mais 'por evitar alguma coisa (...) do que por desejar alguma coisa. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos, não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres.¹⁷⁵

Se um homem não se positiva afirmando sua masculinidade corre o risco de ser interpretado do lado da passividade feminina. Se não banca que é homem... Por isso ele sente-se convocado a 'provar' que é homem. Assim, quando um homem quer ofender um outro, basta reavivar a dúvida sobre sua masculinidade. Assim o 'horror ao bicha' denuncia a insegurança que o jovem vive em relação à sua própria sexualidade. Quem não prova que é 'macho', não se torna homem!

Quando eles iam consultar o 'farmacêutico bicha' a propósito de uma doença venérea, porém, parecia-lhes que não estavam pondo em risco sua masculinidade. *"Tinha um farmacêutico aí que era... que era bicha. Então quando tinha doença [venérea] ia todo mundo lá, por que ele pegava examinava, tal e... ficava mais à*

¹⁷⁴A teoria da bissexualidade de FREUD, é sua maneira de dizer que a masculinidade e a feminilidade não estão dadas de saída. Ao contrário, vão ser construídas a partir da relação inaugural entre a mãe e a criança. Quando desenvolve sua teoria da identificação diz que: "A gênese da homossexualidade, é, com muita frequência, a seguinte: o jovem permaneceu fixado à sua mãe, no sentido do complexo de Édipo, durante um período maior do que o ordinário e muito intensamente. Com a puberdade, chega a ocasião de trocar a mãe por outro objeto sexual, e então se produz repentinamente uma virada: o jovem não renuncia à mãe, senão que se identifica com ela, se transforma nela e busca objetos suscetíveis de substituir seu próprio ego e amá-los e cuidar como ele foi amado por sua própria mãe". FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do eu**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras Completas). p.137.

¹⁷⁵BADINTER, op. cit., p.117.

vontade. Os outros eram pessoas de respeito no bairro, então você... tinha medo que ele contasse para os outros, aí, tal, né? Então você se abria com o bicha..."¹⁷⁶

O 'bicha', não era 'uma pessoa de respeito'. Parecia ser o representante do sexo marginal, ou seja, aquele que, na dupla moral em vigor, estava no lugar do sexo ilícito. Assim, com aquele que estava à margem era mais fácil falar de um tipo de sexo que também tinha que ficar à margem.

O importante a considerar é que esse homossexual jamais seria tido como amigo, num grupo de rapazes. Se, para aquela sociedade, era lícito e desejável que cada um se comportasse como homem ou como mulher, o homossexual assinalava que isso poderia ter outro destino.

O que os rapazes desejavam enviar para o campo da 'inexistência', quando diziam que 'esses seres de outro planeta' não existiam na sua época, talvez fosse a dúvida inerente ao próprio processo de constituição e afirmação da masculinidade para um homem. A existência do homossexual tornava evidente a possibilidade de alguém ser do sexo masculino, mas não sustentar uma masculinidade.¹⁷⁷ Para um tempo em que o menino ou o jovem rapaz estava tendo que empenhar um grande esforço para afirmar-se homem, a presença de um homossexual representava uma ameaça concreta a esse processo.¹⁷⁸

A iniciação sexual e o universo dos prostíbulos

A vida sexual ativa, para o rapaz curitibano dos anos 40 e 50, era sinal de virilidade. Mas, as experiências sexuais dos rapazes seriam aquelas, para os valores

¹⁷⁶Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

¹⁷⁷Seguindo Freud, OSÓRIO, diz que o temor à homossexualidade é característico da luta que ocorre no processo da puberdade entre o impulso da diferenciação sexual e a tendência oposta de conservar a indiferenciação anterior (bissexualidade infantil), assegurando assim a manutenção do par simbiótico original (mãe e bebê). OSÓRIO, op. cit.

¹⁷⁸Consultar: LEVISKY, David Léo. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. 2 ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

da dupla moral em vigor, do universo do que era considerado ilícito e seriam bastante comentadas entre os pares.

Nesse tempo de iniciação ao exercício do sexo, era freqüentemente com a ‘turma’ que ia se demarcando ‘as coisas’ a se fazer ‘como homem’. Coisas que não se conversavam com os pais. “*Os filhos não tinham tanta liberdade com os pais, né? A minha iniciação foi com a escola da vida... Pelo grupo [amigos] que a gente fazia parte*”.¹⁷⁹

As conversas entre pares sobre sexo, fosse sobre experiências efetivas ou planos futuros, eram em si virilizantes. “*...não tinha literatura para você ler, não tinha alguém que te orientasse, para você... O que acontecia? A gente conversava dentro da turma da gente, entre os rapazes, né? ...tinha colegas mais velhos, que já tinham uma certa experiência, de vida. Então eles explicavam para a gente mais ou menos como era as coisas*”.¹⁸⁰

Certamente, no ideário daquela época, tanto para os mais velhos como para os mais jovens, a iniciação sexual do rapaz deveria se dar com uma prostituta. Em “casa de mulher”, para alguns. Para grande parte deles era uma maneira de começar esta nova experiência com quem sabia ‘ensinar’ sobre o quê, afinal, eles ‘não sabiam’. Nos prostíbulos chegavam ‘ignorantes’ e saiam ‘iniciados’! “*Fui sozinho. Completamente idiota e ignorante! Eu não sabia, eu até achava que ela ia ter que me dizer onde pôr, porque eu achava que era no umbigo! Eu só... talvez até tenha sido por isso, que eu procurei uma prostituta. Era para saber o quê fazer! Ela fazia tudo para mim*”. Um dos entrevistados lembra que tinha 16 anos à época.¹⁸¹ “*A primeira vez... fui fazendo economia, guardando um dinheirinho... mas não trabalhava ainda.*

¹⁷⁹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

¹⁸⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

¹⁸¹Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

*Era do bar [do pai], então pegava um dinheirinho e ia... era uma reservinha. E no dia faltou. Faltava dez cruzeiros ainda... Daí emprestei de um amigo”.*¹⁸²

Mas, o convite para o prostíbulo geralmente partia dos amigos que já o freqüentavam: “...eu ia ao cinema... encontrei um amigo na rua às dez horas, dez e pouco. ‘Onde vamos?’ ‘Vamos na casa de...’ Eu nunca tinha ido, fui. (...) Já conhecia as gafeiras, mas nunca tinha transado. Aí uma mocinha bonitinha, lá, tal... Olhei, gostei dela. Sentou pra conversar, eu digo... Os amigos diziam: ‘vai devagar, vai devagar’”.¹⁸³

Conforme já mencionado, raramente a “primeira vez” em um prostíbulo resultava de um convite de alguém que tinha a idade do pai. Em nenhum dos depoimentos o pai¹⁸⁴ aparece participando do cenário da iniciação sexual do filho. Para os rapazes, o pai ‘não ficava sabendo’. Poucos se referem à figura de um homem ‘mais velho’ ou um tio envolvido com esse momento. Um dos entrevistados disse ter sido levado por um ‘conhecido’ do pai, mas pareceu difícil admitir: “...com 16, 17 anos, com um vizinho, um amigo... É que eu fui pela primeira vez nesse tipo de casa, assim. (Amigo seu ou de seu pai?) Amigo... como eu trabalhava no bar com meu pai, eram conhecidos do bairro. (E o pai ficava sabendo?) Não! Não podia ficar sabendo de jeito nenhum! Eu ia para a aula. Aquele dia enforcava a aula”.¹⁸⁵

Impasse perfeitamente compreensível, pois, nesse momento de acesso a outra dimensão dos homens, era importante reservar para si o direito de responder (‘responsabilidade’) pelos próprios atos – isso também o tornaria um homem!

No caso desse último entrevistado, levado ao prostíbulo por um ‘conhecido’ do pai – um freguês do bar do pai – pode-se levantar a hipótese de que este pudesse estar, indiretamente, envolvido com esse momento de iniciação sexual do

¹⁸²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

¹⁸³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

¹⁸⁴Ver: BADINTER, op. cit., p.70. Conforme citado acima.

¹⁸⁵Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

filho. Mas, isso não aparece para o filho: *“Era um homem casado, e eu gurizote... talvez 15 ou 16 anos... ele me disse que no dia do pagamento dele ele iria me levar para a zona! Um belo dia eu peguei o bonde para o Novo Ateneu, e ele disse: é hoje! “Hoje o quê?” eu perguntei, e ele “é hoje que vou te levar para a zona!” (...) ele me levou na pensão Muricy, no Sobradinho e no 111!”*¹⁸⁶ Nesse dia, conta, esse ‘conhecido’ apenas apresentou os estabelecimentos para ele que depois teve sua iniciação na ‘Pensão Muricy’.

Enquanto a turma de amigos não deixava de exercer certa pressão, os familiares mais próximos se continham: *“O pai e o tio não abriam a boca nesse sentido. Algum tio mais assim, mais avançadinho, ainda falava.*¹⁸⁷ Às vezes, aparece um tio ‘mais moço’, o que significa dizer mais novo que o pai. *“Podia ser que um tio mais moço, né?”*¹⁸⁸ *Por exemplo, eu tinha um irmão mais velho que sempre orientava a gente, mas nesse ponto ele nunca me deu liberdade de... ele nem me perguntava”.*

Já diante dos amigos, porém, para não ‘sobrar’ na turma, tinham que bancar que já podiam ter a primeira experiência sexual. Era ‘ponto de honra’: *“o indivíduo... para não dizer que... Ele ficava diminuído que os outros colegas já tinham ido e ele... ‘Ah, olha aí, o cara não conhece nada. Não foi lá ainda’, não sei o quê. Então ele também ia, mais para não ficar para trás. É para não ficar sobrando na turma. ‘Eu também já fui’, e tal. Aquilo lá era um ponto de honra”.*¹⁸⁹

Percebe-se que, mesmo sendo aquela que sabia dos mistérios do sexo, a prostituta, era colocada na posição de um objeto.¹⁹⁰ Procuravam a prostituta para adquirir o direito de pertencer ao grupo dos homens. Ainda que recém-iniciados, o

¹⁸⁶Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

¹⁸⁷Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

¹⁸⁸Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

¹⁸⁹Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

¹⁹⁰Para HEILBORN, no momento da iniciação, a parceira conta pouco para os rapazes. HEILBORN, *Construção...*, op. cit., p.56.

ato de possuir o corpo de uma mulher tirava-os do lugar de quem ‘não sabia nada de mulher’, ou seja, do lugar de meninos. Como nos apresenta o trabalho de Lia MACHADO,¹⁹¹ macho é aquele “*que se apodera do corpo da mulher, que toma para si o corpo da mulher*”. Acompanhando seu raciocínio de que o ato sexual, para um homem, é a afirmação de sua masculinidade,¹⁹² para esses jovens – mesmo na condição de aprendizes – passar pela primeira experiência sexual tinha o efeito de fazê-los ‘homens’ diante de outros homens. Mesmo a prostituta não sendo o modelo de mulher interdita, o ato de pagar para tê-la os fazia sentirem-se dignos de poder ‘possuir’ uma mulher.¹⁹³

Para os homens dos anos 40 e 50, demonstrar fragilidade ou insegurança colocaria sua masculinidade em risco, assim, como já colocado, dificilmente aparecia nos depoimentos a revelação de um ‘constrangimento’ ou dificuldade na experiência da ‘primeira vez’. Um deles, porém, não teve pudores em revelar seus impasses:

*Então você fica constrangido. Você não sabia se tira o sapato, se tira a camisa, se tira o paletó, como é que é. Então ela vai te orientando, né? (...) Demorava mais para tirar a roupa do que para transar... O ato em si é cinco minutos, sete minutos, três minutos... Na idade de dezesseis, dezessete anos, você não sabe, então você se satisfaz rapidamente. Depois você vai segurando, devagarinho e tal... Mas você aprendia tudo com prostituta.*¹⁹⁴

Nos outros depoimentos esses impasses iniciais aparecem mais camuflados. Acabavam por demonstrá-los ao falar de seus ‘artifícios’ para sentirem-

¹⁹¹MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da masculinidade. **Cadernos Pagu – trajetórias de gênero, masculinidades...**, Campinas: Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero; n.11, 1998. p.243.

¹⁹²Idéia que também encontramos em NOLASCO.

¹⁹³Para o filósofo Bataille, o que coloca a sexualidade humana no plano do erotismo é a instauração do interdito. O objeto desejado é aquele que tem o estatuto de interdito. Consultar: BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre, L&PM, 1998.

¹⁹⁴Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999. Este entrevistado porém, mesmo não me conhecendo previamente, tinha conhecimento de meu trabalho em clínica psicanalítica, uma vez que escutei, por longo tempo, alguém de sua família. Minha experiência de 16 anos em clínica psicanalítica, comprova os impasses e contrangimentos vividos pelos homens nos tempos de iniciação sexual.

se homens: *“Então quando ia para o bordel, eu queria ser importante, dar uma de homem né, então o que acontecia? Eu comecei a fumar! Posso fumar na tua frente? Não tem problema?”*¹⁹⁵ Na ‘primeira vez’, *“...a pessoa que ia ficava meio eufórica, tinha que beber um pouco para esquentar para ficar mais corajoso! Chegava e já tomava uma cerveja para esquentar! E ia bebendo para... não é criar coragem... é para... perder a inibição”*.

Pode-se supor que a frase *“não é [para] criar coragem”* é denegatória, ou seja, defensivamente e inconscientemente um “não” é colocado antes da verdadeira afirmação: **“é para criar coragem”**. Na seqüência da colocação, um dado complementar corrobora a afirmação: *“é para tirar a inibição”*, desta vez sem denegação.¹⁹⁶ É que o significante “coragem”, nesse contexto, arrasta consigo uma significação importante: ter coragem é coisa de homem! Então, não é permitido não possuí-la e, principalmente, em momentos como esses. Momento pelo qual teve que esperar tanto: possuir uma mulher. Era possível, nessa ocasião, que um homem sofresse de ‘inibição’, afinal era a primeira vez, mas nunca de falta de coragem! E quando a entrevistadora fazia a pergunta de modo direto, indagando sobre um possível constrangimento, medo ou insegurança nessa primeira experiência, a resposta estava pronta: ‘Não, isso não tinha’.

As meretrizes desempenhavam claramente, como evidenciam os depoimentos, uma função pedagógica na arte do sexo junto aos rapazes que se iniciavam. Uma função ambígua, certamente, pois, ao mesmo tempo que eram socialmente marginalizadas, seus “serviços” tinham fundamental importância para a manutenção do seleto grupo de moças puras e, portanto, casadoiras. A própria identidade de “mulher séria e virtuosa” se organizava em torno da polaridade com as prostitutas.

¹⁹⁵Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

¹⁹⁶Sobre o conceito de ‘denegação’, consultar um trabalho de Freud escrito em 1925: **A negativa**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Obras Completas).

Tanto para as mulheres como para os homens, a prostituta ocupava uma posição profundamente simbólica e equívoca num cenário urbano imaginário. As mulheres da classe média organizaram a sua própria identidade em volta da figura da “mulher perdida”, fantasia que reformularam e manipularam para explorar a sua própria subjetividade. A maior parte das mulheres aceitava a prostituta como uma “Outra” degradada, a alternativa aviltada e sexualizada à feminilidade maternal doméstica.¹⁹⁷

Para RAGO, as prostitutas também “tiveram um papel fundamental no processo de modernização das relações sociais, atuando em muitos casos como introdutoras dos homens nos códigos da moderna sociabilidade. É conhecido na história de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro o papel ‘civilizador’ das francesas e polacas, ‘rabos-de-saia’ de coronéis endinheirados”.¹⁹⁸

Os rapazes percebiam isso e até justificavam que a prostituta tornava-se necessária para a defesa das famílias:

*...o próprio Nelson Hungria, o penalista, uma vez eu li num jornalzinho, um semanário, ele escreveu um bruto artigo em defesa... porque era sempre aquele problema: vinha um delegado de costume e fechava a zona na cidade dele. E o Nelson Hungria defendia a prostituição... estabelecida assim, porque era a defesa das famílias. Porque o cara sente o impulso, e vai dar vazão ao seu impulso lá! Deixando, vamos dizer assim, em paz, as famílias. Que o esquema familiar, as moças tinham que estar naquela... que se esquentava a cabeça tinha que tomar limonada ou banho frio!*¹⁹⁹

As ditas “mulheres de vida fácil” sempre foram signo de um ‘proibido desejado’.²⁰⁰ Já que as pulsões somente puderam ser abrandadas no processo civilizador,²⁰¹ mas nunca totalmente controladas, pelo menos seria racionalmente

¹⁹⁷WALKOWITZ, Judith R. Sexualidades perigosas. In: FRAISE, Genevière; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - o século XX**. São Paulo: Ebradil, 1991. v.4.

¹⁹⁸RAGO, Margareth. Modernizar para conservar: relações de gênero em São Paulo nas décadas iniciais do século vinte. **Cadernos Pagu - trajetórias do gênero, masculinidades...** Campinas: Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, n.11, 1998. p.424-425. Resenha.

¹⁹⁹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

²⁰⁰“A mulher ‘santa’ será utilizada como referência para o modelo de esposa, e a ‘prostituta’ servirá para o prazer”. NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.104.

²⁰¹Consultar: O abrandamento das pulsões: psicologização e racionalização. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p.225.

recomendável que sua vazão não se desse com aquela que estaria no lugar da mãe, no sacrossanto recolhimento do lar.²⁰² Deste modo “a prostituta constitui para as próprias mulheres uma figura ambígua: objeto de receio, de desprezo, mas também de compaixão e de solidariedade, imagem de uma liberdade fantasmada ou, pelo contrário, o próprio símbolo da maior opressão”.²⁰³

Para os rapazes, a experiência com as prostitutas era vivida como o descortinar de um novo mundo. Um mundo ao qual adentrariam ao mesmo tempo que inventariam na particularidade de cada experiência única e singular. Nesse tempo de iniciação, tomar cerveja devagar nos prostíbulos era uma maneira de ganhar tempo e prolongar o prazer antes de entrar no quarto. Era um jeito de *“ficar mais tempo com ela...”*. Era durante a cerveja que aconteciam as ‘preliminares’: *“você tinha que segurar ela mais tempo possível... Quanto mais tempo ela ficava, mais tempo ela te acariciava. Se você fosse para o quarto já, ficava o resto do tempo sem nada. Então você segurava o máximo possível”*.²⁰⁴

Observa-se que esse momento das carícias ‘preliminares’, era um momento de descoberta. Nesse processo descobriam sobre a amplitude das sensações que podiam usufruir com uma mulher. Nessa nova experiência, essas carícias remetem a uma ancoragem de antigas experiências vividas num tempo precoce de sua construção subjetiva.²⁰⁵

²⁰²“De forma sucinta, os homens tendem a ser os filhos da santa e os homens da puta”. NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.69.

²⁰³FRAISSE, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. São Paulo: Ebratil, 1991. v.4. p.348.

²⁰⁴Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁰⁵A primeira relação de prazer que se inscreve por todo o corpo, tornando-o erógeno (e erotizável), se dá na relação com o corpo da mãe. Através dos jogos mediados pelo prazer no circuito mãe-bebê.

Eles sabiam, no entanto, que “o negócio delas era faturar...”,²⁰⁶ por isso desenvolviam suas estratégias para ficar o maior tempo possível com elas antes de ir para o quarto. Aqui estava em jogo mais um atributo masculino a ser conquistado: habilidade no trato com uma mulher. Com esse ‘tempo de espera’ criavam uma fictícia barreira de ‘interdição’, para deste modo tornar essa mulher desejável – eles sabiam que depois de acertado o preço, ela não se negaria a ir diretamente para a cama. Assim, bebendo ou dançando, nesse tempo de espera, eles produziam uma mulher e uma experiência sexual desejável: “*você chegava lá, enquanto você estava tomando uma cervejinha, ela vinha, te abraçava, sentava no colo e... ‘não agüento mais, vamos para o quarto, vamos para o quarto...’ (...) ...naquele tempo... era vapt, vupt. Não tinha carícias. As carícias eram no salão. Chegava no quarto, na cama era só para transar*”.²⁰⁷

Antes do ‘vapt, vupt’, era importante ouvir umas ‘coisinhas’ ao pé do ouvido, acender o desejo... Também era um tempo em que se exibia para os outros homens ali presentes. Uma forma de se fazer reconhecer como um homem sexualmente ativo. Alguns faziam isso dançando, quando a casa tinha pista de dança. “*E paralelamente, na zona, vamos dizer, aquelas casas tinham um salão de dança! (...) E o pessoal dançava e coisa... tomava uma cerveja ou outra coisa, e depois se acertava no... aí tinha quarto junto... tinha o salão e os quartos*”.²⁰⁸ Outros depoentes também mencionam o “espaço para dançar”: “*Tinha umas casas lá que só tinha as mesas de mulher, umas musiquinhas lá mas... de radiola. E outras não, outras tinham um lugarzinho ali para você dançar... Então tinha umas que tinha lugar*

²⁰⁶Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁰⁷Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁰⁸“...as bebidas, logicamente... custava 10 vezes o preço de uma cerveja que você tomaria num bar. E se você tomasse outra coisa, tipo conhaque, então era mais ainda! (...) E tinha os nomes famosos! Os das donas, né! Tinha a Ávila Quadros, perto da Ponte Preta, do trezinho”. Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

*para dançar e outras não...*²⁰⁹ *“...o normal era tipo o cabaré, vamos dizer. Porque tinha pista de dança”*.²¹⁰

As possibilidades contidas nos bordéis daquela época estão caracterizadas por BENATI, que trata da vida boêmia em Londrina. Para o autor,

...além dos prazeres da cama, a ‘sociabilidade subterrânea’ desenvolvida nos ambientes dos bordéis abrangia os prazeres da mesa, das danças de salão, da fruição estética dos espetáculos artísticos, dos jogos, das conversas, etc. talvez fosse melhor, no contexto e objetivo deste trabalho, caracterizar o bordel como um território lúdico antes mesmo de considerá-lo como um território erótico. (...) como estereótipos situadas às margens do mundo normalizado e regido pela moralidade convencional, os bordéis, para todos os boêmios que entrevistei, eram indistintamente lugares eróticos, lúdicos e dionisiacos. Constituíam uma zona completa.²¹¹

Alguns depoimentos revelam um pouco dos bordéis, de sua rotina e localização: *“tinha a Uda... Das Mercês. Tinha uma no centro que eu não estou me lembrando o nome, ali no Passeio Público, no Santa Maria... Tinha atrás da Catedral, uma rua larga, chamava-se Travessa Irani – hoje tem outro nome...”*²¹²

A memória pode às vezes construir uma verdadeira 'cartografia do prazer'.

...a Angélica era a melhor casa. Tinha as mulheres mais... mais, vamos dizer assim, mais bem apresentáveis que as do 111. Quando a mulher mudava de um lugar para o outro, era porque ela ia para um lugar onde a bebida talvez fosse mais cara...Tinha 2 casas na Westphalen, que era para cima da André de Barros. Já a Mateus Leme ficava bem lá para trás. Tinha que atravessar todo aquele.. a Mateus Leme tinha umas 2 ou 3 casas na Mateus Leme. ...a distância era 1 quadra ou 2 uma da outra. Ficava na região onde fica, hoje depois da Inácio Lustosa, mais adiante a Barão de Antonina, ficava por ali. Tinha uma casa muito famosa também, aqui na Vila Isabel...a gente ia muito ali também era a Casa da... Sarita.

²⁰⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²¹⁰Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

²¹¹BENATI, Antonio Paulo. **O centro e as margens: prostituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p.136.

²¹²Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

Um outro entrevistado traz alguns dados sobre o ambiente de certos prostíbulos da época: Sobradinho, Rua Visconde de Guarapuava com Travessa da Lapa; 111, também na Visconde, próximo à João Negrão; a Angélica, na Visconde... “A Visconde [de Guarapuava], na época, era a região do baixo meretrício...” E conta, um pouco constrangido, sobre como chamavam as casas de prostitutas: “Nos dávamos um nome mais chulo... Me desculpe a palavra, era ‘puteiro’.

E um pouco mais sobre o 111 e o da Angélica:

Esses dois, eles tinham um salãozinho de baile, com música – normalmente de radiola – você sentava na mesa, as mulheres ficavam lá, você escolhia uma mulher, chamava, ela vinha. Tinha que ter uma cerveja para ela também. Ela ganhava comissão na cerveja porque era da casa, quanto mais o cara bebesse, mais ela ganhava no dia, mesmo que não fosse transar.²¹³

Os prostíbulos, além de ser um local onde se poderia ter sexo, também podia se constituir num espaço de sociabilidade para homens. Segundo um dos entrevistados, alguns clientes não iam para os prostíbulos à procura de sexo, buscavam ‘terapia’:

Tinha clientes só de tomar cerveja. Normalmente, iam em dia de pouco movimento, Quarta ou Quinta. Tomava uma cerveja, dançava e ia embora. Normalmente o cara que fazia isso era casado. (...) Ia escutar música, tomar uma cerveja, papo diferente, esquece que brigou com a mulher em casa – acho que é uma terapia... É uma terapia para descarregar, xinga a mulher dele... o cara dá um trocado, fez a terapia e vai embora...²¹⁴

Para os jovens era um lugar que tanto servia para observar como se comportavam os outros homens, às vezes mais velhos, muitos já casados, como para marcar terreno diante deles.

Alguns homens “tinham mulheres efetivas nesses lugares... Quando ele ia aquela mulher era dele. Ela tinha outros homens, mas quando ele chegava, ele era cliente daquela mulher!” Se essa mulher estivesse com outro cliente quando seu ‘cliente fixo’ chegava, “...às vezes pedia licença para o cara. E se o outro também

²¹³Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

²¹⁴Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

fosse cliente dela, dava um sinal para esperar, ou acelerava o programa". Observa-se, assim, que havia uma hierarquização entre os freqüentadores dos prostíbulos. Para a construção do masculino, era um espaço para aprender os códigos da dupla moral vigente. Legitimava o que a sociedade esperava do homem e que a 'mulher honesta' suportava. Para NOLASCO, 'os homens terminam por instituir a marginalidade para poderem assim contatar com o próprio prazer. Em torno da ordem familiar tem gravitado a ordem marginal, que faculta aos homens a liberdade para ir e vir'.²¹⁵

A hierarquia entre os freqüentadores se dava entre os mais velhos e os mais novos, entre os freqüentadores de maior ou menor poder aquisitivo ou entre os mais assíduos e os mais esporádicos. Além do mais essas variáveis sofriam diferentes combinações. Enquanto jovens, mesmo que fossem 'endinheirados', circulavam pelas várias casas da cidade, afinal, estavam em tempo de descoberta! Os casados ou os jovens que se envolviam com mulheres casadas iriam preferir os locais mais discretos... caso tivessem baixo poder aquisitivo havia as 'pensões', para onde se ia quando estavam acompanhados (algumas também tinham as mulheres da própria casa); para aqueles com poder aquisitivo maior havia os 'rendez-vous', que eram locais de encontro discretos, e não ofereciam mulher. Contam que geralmente era uma casa comum e que só quem já conhecia ou tinha indicação sabia da finalidade da casa. Entre os mais citados, alguns não tinham nome específico e são referidos pela localização (rua Marechal Deodoro e Capanema), próximo ao Passeio Público aparece a 'Dinorah', onde também tinha mulher. O mais citado é o 'Burro Bravo', no Bacacheri. Lá alguns entravam e outros ficavam no próprio carro estacionado.

Naquele tempo transavam muito dentro dos carrôs. Ou você ia para a estrada de São Paulo, ou iam aqui para o Burro Brabo, ninguém te falou do Burro Brabo? (...) Não era um prostíbulo. Era um lugar que tinha uma comida muito boa, um risoto muito bom, e que tinham uns quartos. Só que a rapaziada que não tinha dinheiro, tinha um bosque lá! (...)

²¹⁵NOLASCO, O mito..., op. cit., p.104.

Lá nos fundos..., tinham árvores que você estacionava o carro escondido. Quem tinha dinheiro, ia jantar no Burro Brabo e transava dentro da casa... e quem não tinha dinheiro, estacionava o carro lá e transava no carro. Você tinha que levar a mulher. Funcionava como um motel... Era. Era o prenuncio de um motel... Ninguém levava a família lá!²¹⁶

Comum nos depoimentos foi citar os bôrdéis pelos nomes das mulheres... Uda, Dinorah, Ávila, Sarita, Otília, Angélica, Chiquinha... Outros aparecem citados pelos nomes ou apelidos... Pombal (porque eram várias casas uma ao lado da outra), Petit Palet, Sobradinho, 111, Pensão Muricy... ou simplesmente pela localização... Praça da Espanha, rua Matheus Leme, final da rua Iguaçu, rua Visconde de Guarapuava, rua Desembargador Westephalem (os dois últimos, eram centrais e, segundo os entrevistados, as cafetinas procuravam preservar o bom ambiente em função das famílias da vizinhança), enfim... a memória nos mostra que, efetivamente, independente da classe social, os prostíbulos faziam parte do mundo da iniciação dos rapazes, que com clareza expõem seu amplo conhecimento desse universo.

Também há referências sobre a higiene praticada nos prostíbulos. Aliás, em nome da higiene se preconizava a regulamentação da profissão. Em Curitiba elas eram obrigadas, por lei, a fazer exames periódicos na Saúde Pública.²¹⁷

...era interessante que a higiene naquele tempo... que quando a gente combinava e ia para o quarto, então ela ia na cozinha... tinha um panelão de água fervendo. Ela enchia um jarro com água fervendo, punha um pouco de água fria lógico, e pegava uma bacia. Então por isso que essa toalhinhas de lavabo, nós chamamos de faxineiro... Então era aquela toalhinha, o faxineiro, então elas faziam uma higiene na gente... elas... passavam sabãozinho lá, despejavam aquela água do jarro, daí ela se sentava na bacia... fazia a higiene dela... e enxugava naquele faxineiro.²¹⁸

Ao falar sobre os hábitos de higiene, um entrevistado demonstra a amplitude do seu conhecimento sobre os prostíbulos da cidade:

²¹⁶*“Está caindo aos pedaços mas ainda existe o Burro Brabo. É ruína. Na Erasto Guertner, do lado esquerdo de quem vai, lá na frente do lado da base aérea... Lá era o Burro Brabo”.* Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

²¹⁷Consultar: FRAISSE; PERROT, op. cit., p.347.

²¹⁸Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

...na Dinoráh tinha (higiene), na Otília tinha, no 4 Bicos tinha... pelo menos os que eu freqüentei... na Uda que era no alto da Itupava, ali na N. Sra. Da Luz... Ali na Itupava mais para a direita era o Aviãozinho... E ali próximo ao hospício, próximo a Olsen hoje, ali na Mal. Floriano era a Casa de Campo... Chamava Casa de Campo porque se amassava lama para chegar lá. Era campo mesmo. Dali adiante eram os prostíbulos de 5.^a categoria. ...esse depois ficaram chamados, quando começaram a fazer os depósitos... fizeram os depósitos de gasolina ali na Vila Hauer, por ali nessa região, depois eles mudaram para Araucária, mas ali eram os depósitos de combustíveis, então chamavam de Zona Oleosa!

Para a rapaziada ir à “zona”, era um programa para os finais de semana.

“Mas o normal, então... o que a gente via... às vezes... você ia por exemplo, no sábado, ia na Zona no sábado. Era o mais comum, no fim de semana. Porque tinha uma série de casas...

...você ia para aquelas meretrizes... para a zona, né? Era casa de mulheres... você arrumava um dinheirinho, ia guardando... quando você tivesse... especulava quanto era o preço [entre os rapazes], onde era a casa, tal... vamos dizer, você pagava 20 para a mulher e tinha que levar mais uns 10, 15 para pagar uma cerveja. Uma cerveja no mercado era 1,00, lá era 5,00... Normalmente você tomava uma cervejinha antes num barzinho aí... prá lá você não ir com tanta sede...”²¹⁹

Ao saírem dos prostíbulos, geralmente em grupo de três ou quatro, um esperava o outro para voltarem conversando e, segundo eles, ‘contando vantagem’ sobre os acontecimentos da noite. *“Naquele tempo íamos a pé. Demorava prá chegar... Naquele tempo a gente andava sozinho ali do centro até no Guabirotuba. Fazia a festa...”*²²⁰ ‘Festar’ significava transar; mas, ‘fazer a festa’ era também ‘contar vantagem’ aos amigos, ou seja, ‘exibir-se’ como homem. Uns mostravam para os outros o quanto eram machos! Pode-se complementar com CARRARA: “Dizem que o ato sexual só termina quando a gente conta para alguém que o fez. Isso se aplica sobretudo aos homens. Um dos problemas mais complexos nessa área é diferenciar o comportamento efetivo do que se diz e do que se fez”.²²¹

²¹⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²²⁰Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

²²¹CARRARA, Sérgio. Sexualidade e juventude. In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.148.

Era um tempo em que não se buscava apenas sexo nos prostíbulos, mas principalmente um estatuto de hombridade. Junto à turma de amigos, buscavam o reconhecimento de que eram capazes de tal façanha! Suas proezas masculinas, que passavam pela capacidade de iniciativa junto às mulheres,²²² somente ganhariam efetivo valor depois de contadas. E, de preferência, a outros que passavam por uma experiência similar.

Está em jogo não somente conseguir ser bem sucedido em atrair parceiras, mas sobretudo ter suas conquistas aprovadas pelo seu grupo de pares. Esse reconhecimento intragênero é crucial para a construção da identidade masculina. (...) Entre as atitudes arroladas nesses roteiros encontram-se a iniciativa de buscar uma mulher que os pares considerem adequada, ultrapassar as barreiras de aproximação com o sexo oposto através do jogo da sedução, manter a posição masculina de (relativa)superioridade sobre a parceira e, finalmente, poder contar ou mostrar para a rede de amigos que essa etapa foi cumprida.²²³

Para eles, um homem, diante de um atrativo sexual, não tinha como resistir ('não tinha cabeça'), ou seja, se uma mulher de alguma forma se mostrasse disponível, eles 'tinham que' possuí-la sexualmente: *"Sabe que o homem é um bicho que não tem cabeça. O homem... Eu sempre digo que o homem é uma... é um ser que... que do ponto de vista sexual, qualquer mulher atrai"*. Se o lugar da iniciativa sexual tem o significado da virilização, aquele que é 'macho' mesmo, do ponto de vista sexual é considerado um fraco.²²⁴ É aquele que, diante da oportunidade não recua, ou seja, 'não tem cabeça'. Ao menor incentivo, ele tem que mostrar sua performance! E principalmente para si mesmo. A prontidão para o desempenho sexual à primeira oportunidade, ou a capacidade de conquista, aparece citada como parte da natureza masculina. Assim, uma mulher que desse sinais de disponibilidade para o sexo, para o homem significava um imperativo para possuí-la. Na época, uma

²²²A constante de subordinação e de lugar menos valorizado para as mulheres, no conjunto da sociedade, pode ser pensado como uma forma de garantia para a masculinização dos homens.

²²³HEILBORN, Construção..., op. cit., p.47

²²⁴Consultar o trabalho de Lia MACHADO, op. cit., p.240.

mulher sozinha num ônibus, por exemplo, fatalmente seria acompanhada quando descesse. Em relação às prostitutas, porém, alguns depoentes mostram certa indignação quanto à escolha que fizeram.

*Sarita era a dona da casa, ou pelo menos a gerente. Era uma moça muito bonita! Mas foi para a prostituição. A gente não sabe como mas montou uma casa lá. (Ela se prostituía também?) Também, mas ela como dona não ia com qualquer um! Ela escolhia e devia ter um preço bem alto, porque devia ter um gigolô atrás dela. Que montou a casa para ela. Isso é o que eu penso.*²²⁵

Na memória desses rapazes, as prostitutas não aparecem com uma imagem negativa,²²⁶ a surpresa que demonstram quando vêem uma mulher bonita na prostituição é sinal que as enxergam e as avaliam desde os referenciais do mundo ‘oficial’.

Com isso, parecia natural a concepção de que uma ‘cafetina’ tivesse que ser tutelada. Assim, já que elas não tinham capacidade para os ‘negócios’, a figura do ‘gigolô’ estava perfeitamente inserida no contexto. Afinal, para a época, eram os homens que sabiam dar um bom destino para o dinheiro. *“Porque normalmente uma mulher dessas não tem cabeça para montar uma infra-estrutura que requer dinheiro, licença na polícia.... então o cara montava e dava para ela era, o gigolô dela....Ela tinha lá... como gerente, a casa tinha seu lucro, sua participação, mas o lucro maior era dele”.*²²⁷

No imaginário de alguns rapazes – que preservavam para o homem o lugar daquele que ‘sabia das coisas’ – as prostitutas eram como as empregadas domésticas:

²²⁵Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

²²⁶“...o menino adquire o conhecimento da existência de certas mulheres que praticam relações sexuais como um meio de vida e que, por esse motivo, são mantidas no desprezo geral. O menino, ele próprio, e encontra, evidentemente, longe de sentir esse desprezo: tão logo aprende que ele também pode ser iniciado por essas infelizes na vida sexual, que até então ele aceitava como estando exclusivamente reservadas para ‘a gente grande’, ele, apenas, as considera com um misto de desejo e horror”. FREUD, S. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v.11. (Obras Completas). p.154.

²²⁷Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

umas coitadinhas que tinham vindo do interior. A compaixão por essas mulheres que não sabiam cuidar do próprio destino, estava novamente presente: “*Era muito comum, aquelas mulheres, aquelas coitadinhas, que as vezes vinham do interior, numa linha assim, de empregadas domésticas, vamos dizer, de vestido de cetim novo*”.²²⁸

As ‘empregadinhas’... a primeira experiência ou... um doce exercício de conquista!

Além dos bordéis, as ‘empregadinhas’ – que dentro do ideário da época também eram ‘coitadinhas desprotegidas’ cuja família geralmente tinham deixado no interior – eram percebidas como possibilidades para os rapazes iniciarem sua vida sexual. No dizer de HEILBORN:

Sobressaem-se as situações de iniciação com mulheres mais velhas, com parceiras não exatamente desejáveis e eventualmente com prostitutas ou empregadas domésticas. Esses atos, em parte, são plenamente adequados, são representados como ‘necessidades’... A ‘necessidade’ se inscreve corporalmente, como uma demanda irreversível, mas também serve para explicar a escolha de parceiras não muito valorizadas. À ‘necessidade’, urgência do corpo, é acoplado o desejo de dar satisfação às demandas sociais de mostrar-se homem. A garantia do novo status é fornecida pelo reconhecimento dos pares, que confere legitimidade à passagem.²²⁹

Geralmente eram os filhos de famílias mais abastadas que poderiam ter sua iniciação sexual com a empregada dentro da própria casa: “*a oportunidade estava dentro de casa*”. Os de menor poder aquisitivo cobiçavam as empregadas que trabalhavam na vizinhança ou na ‘cidade’ – o centro era assim chamado pelos moradores dos bairros. Mesmo que não fosse a empregada da casa, era uma oportunidade mais barata e mais higiênica que os prostíbulos. “*Então qual era o atrativo maior pra gente? Era as empregadinhas... Ali que geralmente iniciava a vida*

²²⁸Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

²²⁹HEILBORN, op. cit., p.45.

*sexual, se relacionando com as empregadas... era mais barato e não se corria o risco de doenças venéreas..."*²³⁰

'Não pagar' constituía também bom motivo para a conquista.

*...normalmente era as empregadinhas que você pegava porque não pagava nada. Inclusive a empregada da tua casa mesmo. Aliás diziam antigamente que... dos rapazes, a primeira transa era dentro de casa! Com a sua empregada! Sempre diziam. E eu transei com a empregada de dentro de casa também. (A sua primeira vez foi com a empregada, dentro de casa?) Não. Foi fora. Mas, transei em casa também.*²³¹

O fato de uma moça não morar com os pais, como era o caso das empregadas domésticas, deixavam-nas desprotegidas quanto ao assédio sexual. Para os rapazes, isso significava que, para elas, não havia alguém com poder de interdição ao sexo. Essa configuração instigava o rapaz a testar seu desempenho de 'conquistador' e exercitar suas estratégias de sedução. Enquanto a 'moça de família' era a mulher a ser evitada, uma vez que funcionava a interdição; a 'empregadinha' significava uma oportunidade a não se deixar passar. Ao menos do ponto de vista dos rapazes, pois para a moral da família, onde vigoravam os valores do mundo feminino, ele deveria saber evitar.

Na rememoração dos rapazes, há uma frase recorrente e modelar pronunciada pelas mães: 'não faça com a irmã dos outros o que você não quer para a tua!' Para MACHADO: "Na linguagem da moralidade, de um lado, o homem viril sente sempre disposição à conquista e sua dignidade, sua 'moral', depende de não dizer não diante de uma oportunidade. De outro, mesmo atraído, poderia ter resistido".²³²

Mas, a empregadinha era uma moça sem família... e os valores da boa família das camadas médias não se sustentavam para elas. Considerando que para os rapazes em iniciação sexual as carícias preliminares eram importantes e as

²³⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

²³¹Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

²³²MACHADO, L. Z., op. cit., p.238.

prostitutas eram profissionais que ganhavam mais quanto mais rápido se livrassem da cada freguês, as empregadinhas tornavam-se uma opção interessante.

Algumas tinham medo de engravidar: *“se você me engravidar, eu vou levar o filho pra tua mãe cuidar”*. Mas, mesmo quando tomavam precauções anticoncepcionais, dava para aproveitar as carícias. *“Não dava pra gozar dentro, você ia até um pedaço... as vezes você acabava com a mão. Mas tinha aquele período de carícias... então aquilo ali, você ia mais pela carícias, ficava excitado... O prazer era mais as carícias do que praticamente o prazer de ejacular”*.²³³

Esse depoimento também confirma uma hipótese anteriormente colocada: para o rapaz, não era importante apenas a busca do sexo propriamente dito, mas também importava a experiência de fazer nascer o ‘desejo’, o desejo sexual: *“ficava excitado... o prazer era mais as carícias do que praticamente o prazer de ejacular”*. Procuravam fundar em si um homem desejante e ardoroso sexualmente. Afinal fazia parte do ‘ser’ do homem, como um atributo importante, a capacidade para seduzir uma mulher. Deste modo, as empregadinhas se prestavam bem ao papel da mulher que dizia ‘não’ para depois dizer ‘sim’.

Era próprio do lugar da mulher a esquivia. Primeiramente elas faziam uma aparente negação da oferta. Diante do ‘não’ da mulher, há uma expectativa da moralidade social vigente, que atribui ao homem a capacidade de transformar o ‘não’ inicial da mulher em ‘sim’. O ‘não’ da mulher funciona como um desafio! Um disparador para o desejo. É a partir desse ponto que a capacidade de conquista de um homem, sua virilidade, entra em jogo. Deste modo ele sente-se instigado a afirmar que pode conquistar uma mulher. E fará isso tentando convencê-la. Se ela se entrega ou não, isso é com ela. Para BATAILE:

Em princípio, um homem pode tanto ser o objeto do desejo de uma mulher, quanto uma mulher ser o objeto de desejo de um homem. Entretanto, o passo inicial da vida sexual é mais freqüentemente a procura de um homem por uma mulher. Se os homens têm a iniciativa, as mulheres têm o poder de provocar-lhes o desejo. (...) Em sua atitude passiva,

²³³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

elas tentam obter, suscitando o desejo, a conjunção à qual os homens chegam, perseguindo-as. (...) Se houve o primeiro gesto de esquivas, aparente negação da oferta, serve para marcar o seu valor.²³⁴

Os depoimentos dos entrevistados deixam claro que com as empregadinhas, as conquistas não eram assim tão “fáceis”, mas uma estratégia como a simulação de um namoro fazia com que se entregassem ao sexo.

...a empregadinha que vinha do interior, do interior de Santa Catarina, do interior do Paraná... Trabalhava na casa de rico. Então era mais fácil transar com elas... Geralmente eram maltratadas pelas patroas e não tinham liberdade. Você namorava... Depois das nove horas, passava ali na [rua] Comendador Araújo, Buenos Aires, na Guarapuava, estava sempre cheio de empregadinha na frente ali. No sábado e no domingo. Então iam no baile... você conseguia transar com elas depois de um namoro.²³⁵

Às vezes, bastava dar uma volta ou pagar-lhes um sorvete, para que, em seguida, se entregassem ao sexo. Nem mesmo uma pensão era preciso pagar, já que o “matinho”, o “escurinho” ou a própria casa resolviam o problema do espaço. Em termos financeiros, saía barato. O mais importante, porém, era pagar o preço pela conquista. O desnível social também colaborava para colocar o rapaz no lugar daquele que detinha o ‘poder’, um outro atributo para a masculinidade. Como mulheres e como empregadas, elas deveriam, como objetos, prestar seus serviços ao homem e, muitas vezes, patrão. Por outro lado, a rivalização com a patroa podia ser um motivo para que ela iniciasse seu filho.

Quando essas doces ‘esquivadoras’ não estivessem nas ruas ou dentro da própria casa, elas poderiam ser encontradas nos programas de auditórios das rádios. “Nos programas de auditório era mais uma classe social... como hoje a classe C. Agora, a gurizada... uma das razões para se ir num programa de auditório era arrumar um programa para... sair festar. (...) eles estavam lá para caçar!” Elas

²³⁴BATAILE, citado por Lia MACHADO, op. cit., p.250.

²³⁵Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

também poderiam ser encontradas *“na frente das casas... você chegava lá e ia namorar. Ia na bicicleta, as vezes punha ela na bicicleta e levava para o matinho”*.²³⁶

A maioria dos rapazes não se preocupava com uma prevenção em relação a gravidez – os aparatos sociais não obrigariam o rapaz a casar-se com uma “moça fácil” –, mas às vezes a família do rapaz tinha que encontrar uma solução um tanto camuflada para criar um bebê. *“A da casa acontecia muitas vezes! Eu conheci uma família... que a irmã do rapaz, que andava caçando a empregada, acabou adotando uma menina... dizem que ela é filha desse rapaz! E com uma empregada! (...) As famílias davam um jeito. Ajeitavam a coisa. Mas acontecia”*.²³⁷

Os cuidados anticoncepcionais²³⁸ dos rapazes eram poucos: *“aí depende de com quem ele estava, né! Se era com as empregadinhas ele simplesmente transava! Ele não queria saber, pois encontrava hoje e depois nunca mais ia ver! As prostitutas se lavavam. Logo depois do ato, elas tinham uma bacia, um jarro e já elas se lavavam...”*²³⁹

Havia um mito que não era incomum entre os homens: *“se ela transou com mais de um homem naquele dia, não tinha perigo nenhum”*. Acreditavam que um espermatozóide servia de espermicida para o outro.

Bailes públicos...

Nos chamados ‘bailes públicos’ também era possível encontrar uma mulher para ‘transar’. *“Eram os bailes pagos. Normalmente eles tinham orquestras muito*

²³⁶Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²³⁷Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

²³⁸A disseminação da pílula em Curitiba só aconteceu na década de 1960.

²³⁹*“O processo que se usava, das que viviam profissionalmente. Não eram apartamentos cada um com seu banheiro! Não tinha. Eram quatinhos... já tinha na cozinha, um fogão aceso, esquentando água, sempre. E era comum você ver mulher passando pra cá e pra lá com jarro na mão”*. Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

*boas”. Lá eles encontrariam as empregadinhas e as prostitutas: “...vinham, eu acho, as empregadinhas... as mulheres, assim, de vida fácil, esse pessoal. Porque o negócio era aberto. Mas a coisa era meio... gafeira!”*²⁴⁰ Desses bailes as mulheres “de família” não participavam...

O Bailes Públicos aconteciam no 27, no começo da Westphalen; no 13 de Maio, na Clotário Portugal (“*logo que os escravos foram libertados [1888], a prefeitura deu aquele local que ficava bem afastado*”, conta um entrevistado); no Operário, na praça Garibaldi e no 14, na praça Eufrásio Corrêia. Esses eram os também chamados ‘bailes pagos’, onde qualquer um poderia entrar ao pagar. Um entrevistado diz que esses bailes eram o equivalente ao “Bailão” de hoje. Outro apresenta sua classificação:

*Então eu dançava mais para a periferia aí, Santos Andrade, Campo Comprido... tinha muita gafeira ali. Era uma sociedade de uma classe mais de... gente mais pobre. A gente dançava o samba, né... era mais de preto, de moreno. Tinha a Sociedade dos Operários, tinha o 27 de Janeiro, que ficava na Westphalen, o 13 de Maio e tinha o 14 de Maio. Eram essas 4 gafeiras. Você pagava e entrava... era baile pago. Ali tinha tudo quanto é tipo de moça.*²⁴¹

A memória vai resgatando os locais dos bailes pagos: “*Tipo o do Operário, ali no Alto São Francisco, tinha o Erva Mate, logo depois do Colégio Estadual, tinha o ‘27’ que era na Westphalen, o ‘14’ na esquina da Praça Eufrásio Correia, o Estrela da Manhã, no Juvevê*”.²⁴²

O atrativo desses bailes, para os rapazes, parecia estar fundado no prazer da conquista, que aí era mais instigante do que nos prostíbulos. Novamente o prazer das ‘carícias’ seria lembrado como importante. “*Então você preferia ir dançar porque dançando você se relacionava melhor com a moça, dançava mais tal... E, as vezes, na mesa [num prostíbulo], ficava sentada lá e não tinha condições de... dar uns*

²⁴⁰Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

²⁴¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁴²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

*agarros nela...*²⁴³ Em muitos clubes de Sociedade, onde estavam as moças de família, era proibido até mesmo colar o rosto, já os bailes pagos significavam possibilidade de agarrar as mulheres.

Freqüentar “gafieira” – os bailes pagos – era para rapazes que já haviam atingido a maioridade, pois esta era uma exigência legal.

*Quando a gente ficou com mais de 18 anos, começamos a freqüentar os chamados bailes de Gafieira... O baile de gafieira... vamos dizer assim: moça de família não ia. Quem freqüentava era... Eles diziam as empregadinhas... eram moças assim que... não chegavam a ser prostitutas, embora tivessem algumas no meio, mas eram moças assim, de vida mais fácil como se dizia na época! ...Sexualmente falando. Chegava lá conversava. Sabia que tinha a possibilidade de uma conversa mais avançada. Naquele tempo não tinha motel mas tinha pensão.*²⁴⁴

Também significava ter dinheiro para bancar essa despesa. Segundo lembram, custava um pouco mais caro do que freqüentar bailes de Sociedade, uma vez que nestes bailes os filhos dos sócios não pagavam. Por isso, “*as gafieiras a gente freqüentava depois que a gente tinha dinheiro. Às vezes não tinha, emprestava do amigo*”.²⁴⁵

Quando iam a um baile pago, encontravam uma mulher... “*e dançava o baile todo, depois no final do baile você ia... pegava um quarto e ia dormir com ela... você tinha, na periferia ali... aquelas pensões, aquelas que alugavam quarto... (...) pagava o pernoite, ou 2, 3 horas e ia embora*”.²⁴⁶ Segundo os entrevistados, lá também encontrariam ‘mulheres de programa’, “*que não estavam na ‘zona’...*

²⁴³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁴⁴Pensão Muricy, na Muricy com Visconde de Guarapuava; Sobradinho, na Visconde de Guarapuava. Esses 2 lugares tinham mulheres que moravam e faziam ponto ali também. Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁴⁵Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁴⁶Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

freqüentavam também, mas não eram permanentes lá... Então às vezes elas ficavam lá até 11 horas da noite [no prostíbulo] e depois iam para o baile...”²⁴⁷

Esses bailes, para os rapazes, também guardavam o valor simbólico de masculinização: ali tinham a oportunidade de responder pelo que faziam longe de pessoas conhecidas que, certamente, encontrariam nos bailes de Sociedade. Enquanto nos clubes estariam entre conhecidos e sob as regras da boa família, nos bailes pagos gozariam de certa independência e liberdade. Teriam que cuidar de si mesmos sem a interferência de familiares ou conhecidos do bairro: *“Então a gente se obrigava a dançar em gafeira... As amizades, ninguém conhecia a gente ou... volta e meia encontrava conhecido que também ficava quieto, porque estava na mesma situação da gente. Era uma mafiazinha, né? Então a gente aproveitava a juventude da gente, né? ...Eu aproveitei”*.²⁴⁸

Além dos raros conhecidos, cruzariam com outros homens adultos, porém, desconhecidos. Saber como se portar nesse ambiente era outro desafio, ‘coisa de homem!’

Nesses bailes, havia o “dono do pedaço”, geralmente os gigolôs que exploravam e controlavam o ‘trabalho’ de algumas mulheres ali presentes. O desafio era – antes de convidar uma mulher para dançar – descobrir as mulheres que estavam sob sua tutela:

Mas todos esses bailes... tinha sempre uma pessoa que era... o sujeito que mandava. Que era o dono... dono da mulherada! ...Era um sujeito normalmente preto, bem forte, bem apessoado, bem vestido, e que dançava bem! Chegava lá, ele dançava com qualquer mulher! Ele tinha preferência sobre todas. E elas se sentiam honradas quando ele as escolhia... a gente quando chegava ia cauteloso para saber quem era o dono do pedaço, para não chegar e entrar em atrito com ele. E também saber qual era a mulher preferida dele – para não se meter com ela.”²⁴⁹

²⁴⁷Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁴⁸Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁴⁹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

Dar um vacilo nesse sentido significaria 'arranjar briga', mas preferiam evitar:

...a gente não podia tirar para dançar uma mulher dessas, porque era motivo de ter briga! E como a gente era numericamente menor, porque a curriola dele era sempre maior, então a gente evitava isso. Nunca provocava. Quando chegava ficava olhando, fazendo aquela sondagem... reconhecendo quem é quem... quais as mulheres que já tinham par efetivo...²⁵⁰

Nesses lugares também se cruzava com a figura do “pato”:

...uma pessoa de mais idade que dava uma fugida de casa... coitado dele, sentava na mesa e pedia cerveja, era o modo de explorar... Quando uma pegava o pato e dava de beber para ele, e já trazia as amigas, quando via estava ali que nem um pavão no meio, achando que estava abafando, mas estava é pagando as despesas. Até num ponto era bom para ele, porque se sentia feliz aquela noite... com 3, 4 mulheres dançando naquela noite... um coroa de mais de 30, 40 anos, 50 até... Já chegava meio alterado! As mulheres já sabiam, tudo malandragem. Ela não tinha compromisso nenhum... pegava o pato. E as vezes até... o dono de pedaço dizia para a mulher ir em cima. E até as vezes ele ia beber na conta do sujeito.²⁵¹

Para os jovens – que mais uma vez estariam presenciando e observando a conduta de um homem mais velho – tratava-se de um homem que poderia ter brigado com a mulher e não estava ambientado com a rotina desses ‘bailes’. Deste modo, era logo notado por sua inexperiência e paparicado pelas mulheres, e mesmo pelos ‘gigolôs’; ao pensar que estava fazendo sucesso, em verdade, estava sendo explorado e enganado. Talvez, por outro lado, essa figura fosse até mesmo invejada por esses jovens rapazes, já que se apresentava no cenário como um homem cheio de dinheiro e mulheres!

Alguns desses rapazes iam a esses bailes públicos apenas para dançar. À época, o baile era uma forma de lazer bastante comum e instituída. Para os rapazes estar nesses bailes entre amigos, local proibido às mulheres ‘direitas’, também significava estar fazendo ‘coisas de homem’. Ou seja, era mais do que uma simples diversão: era mais uma oportunidade para a afirmação da identidade masculina, de

²⁵⁰Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

²⁵¹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

seu 'ser' de homem. Oportunidade que para os rapazes não passava despercebida. Os depoimentos não nos deixam ignorar que, para esses rapazes, a prioridade de suas vidas era a afirmação da masculinidade. E aquele que conduzia uma dama pelos salões pode seria reconhecido como homem!

Além de estar fazendo coisas permitidas somente aos homens, enquanto dançavam ou 'tiravam' uma moça para dançar, também exercitavam sua capacidade de iniciativa e condução em relação a uma mulher! Por isso, diziam sentirem-se 'obrigados' a dançar nos bailes públicos, o que era sinônimo de 'aproveitar a juventude'. Na verdade, sentiam-se 'obrigados' a fazer coisas de homem.

Entre as 'coisas de homens' havia inclusive uma linguagem própria. Usar determinadas palavras que só podiam ser pronunciadas entre homens, também significava afirmação da identidade masculina junto ao grupo. Entre as expressões mais utilizadas estavam: 'tirar o cabaço' – hímen no termo vulgar – ou 'meter' e 'trepas', para uma relação sexual: "*ah, vamos dar uma trepadinha?*" Mesmo quando chegava no prostíbulo e combinava a 'transa' com a prostituta: "*então vamos trepar*". Entre os rapazes... *Prostíbulo era um nome muito... assim... como se diz... muito social! ... agora se estavam só os homens conversando, então era "puta", então era esse termo, era bordel, zona, puta...*"²⁵²

Doença venérea... prova de virilidade!

Se é por seu sexo e pela atividade sexual que o homem melhor toma consciência de sua identidade e de sua virilidade,²⁵³ para os rapazes, tanto a 'primeira vez' quanto uma subsequente vida sexual ativa são de extrema importância e tem o valor de um rito de iniciação.

²⁵²Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

²⁵³BADINTER, op. cit., p.141.

Como qualquer ritual de iniciação implicava algumas 'provas', ou seja, alguns desafios, obstáculos ou perigos que deveriam ser enfrentados e atravessados. Entre as provas, o risco de adquirir doenças venéreas, cujo tratamento, ainda incipiente, era desastroso. Contrair uma doença venérea significava constrangimento e dor. Por outro lado, enfrentar o risco e, se necessário, o tratamento era um emblema de coragem e também o anúncio de uma vida sexual ativa. Para os rapazes, carentes de auto-afirmação, essa experiência, muitas vezes, era vivida como um signo de hombridade.

Para BADINTER,²⁵⁴ um ponto comum nas diferentes pedagogias da virilidade é a necessidade de dar provas. Assim, enfrentar os riscos inerentes à prática sexual ou a dor de um tratamento acabava tornando-se uma oportunidade de demonstração de características que normalmente se associam à identidade dos homens: heroísmo, invulnerabilidade, agressividade, força física, suportabilidade a dor e espírito guerreiro.²⁵⁵ A forma como esse risco aparece redesenhado nos depoimentos colhidos dão sinais de um certo orgulho. Orgulho de ter atravessado duras provas. Terreno conquistado! O guerreiro havia superado as dificuldades inerentes à batalha bravamente e sem recuar. Ao final, levanta seu estandarte dando testemunho do que lhe aconteceu. "A força de vontade era usualmente equiparada à coragem, a saber, como enfrentar o perigo e a dor".²⁵⁶

O tratamento das doenças venéreas prestava-se muito bem para ser vivido como uma dura prova: era descrito como sofrido e, muitas vezes, clandestino. Os rapazes tinham medo de que se se consultassem com uma pessoa 'de respeito' – o farmacêutico do bairro, por exemplo –, ela viesse a contar para alguém. Por isso, preferiam falar com o 'farmacêutico bicha', já citado anteriormente.

²⁵⁴BADINTER, op. cit., p.70.

²⁵⁵NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.76.

²⁵⁶MOSSE, op. cit., p.303.

Mesmo com as transformações no pós-Guerra, que foram grandes principalmente no setor químico²⁵⁷ e farmacêutico, havia a cultura, os valores e os costumes que não se transformavam de maneira tão rápida quanto a ciência. Depois da invenção do antibiótico, as doenças venéreas tornaram-se facilmente curáveis, mas a contaminação ainda estava bastante presente: *“E difícil um rapaz que não tivesse adquirido doença venérea naquela época. Todos os amigos meus...”*²⁵⁸

No tempo em que as doenças venéreas se alastravam e que os tratamentos eram ainda dolorosos e ineficazes, a higiene tornava-se a melhor forma de prevenção.

Um dos depoentes lembra sua difícil experiência:

Então... eu peguei doença venérea também... Peguei de uma... lá saindo do baile, (inaudível), passou uma colega dela “vamos comigo, vamos comigo”, eu digo “mas eu não tenho dinheiro”, ela disse “paga só pelo quarto”... Em gafieira. “Paga só pelo quarto”. “Mas eu não tenho dinheiro nem para o quarto”. “Não, então vê quanto é que você tem”. Fizemos uma vaquinha lá e... fui dormir com ela. Aí peguei a doença lá, fui me tratar, fui na... Saúde Pública, fazer uns exames, daí tinha um colega que trabalhava em farmácia, me aplicou as injeções, e... Dali uns tempos eu fui lá... na gafieira, aí fiquei brabo, fui lá discutir... Disse “olha, me passaram, e eu não sei quem me passou. E eu passei adiante também”. ...ela sabia que estava doente e me passou...”²⁵⁹

Os rapazes quase não se protegiam. Para um rapaz adquirir uma camisinha, muitos valores e pudores estariam em jogo.”*Não existia cuidado nenhum, não existia higiene também, né? ...pra comprar camisinha era um sacrifício. Entrava na farmácia, ia num cantinho lá, chamava o atendente lá, o farmacêutico, pra gente dizer que queria uma camisinha. Porque era tabu. Todo mundo falava: ‘Oh, esse cara comprando camisinha pra quê?’*”²⁶⁰

²⁵⁷Invenção da penicilina.

²⁵⁸Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

²⁵⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁶⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

Comprar camisinha significava estar assumindo vida sexual ativa, porém, ainda era um tempo de construção dessa nova posição, então não era muito fácil dar sinais, à ‘sociedade’ – representada pelo farmacêutico, que geralmente era uma ‘pessoa séria’ –, de que esse tempo já havia chegado. Esse era o tempo em que apenas os amigos – que supostamente estavam vivendo o sexo cercado pelos mesmos impasses – podiam compartilhar essas experiências. As vivências dessa idade eram ainda cercadas de ambivalência e contradições.

Depois de casados, não contariam às esposas se as contaminassem com doenças venéreas. Afinal, sabiam que as esposas não iriam entender que eles ainda precisavam continuar afirmando-se homens em relações extraconjugais: *“Normalmente o cabra não dizia que ele passou, que transmitiu para a mulher. Dizia que houve uma inflamação, e a mulher... passou para ele... Naquele tempo não se ia ao médico”*.²⁶¹

No tempo em que a Penicilina ainda não havia sido inventada, os que não contraíam nenhum tipo de doença venérea se consideravam afortunados: *“A sorte dessa rapaziada, das moças também é que as doenças venéreas eram um pouco raras. Mas teve vários colegas que pegaram doenças venéreas, e depois sofreram, porque o tratamento era caro e tinha que ir ao médico, tomar injeções, era sofrido! Eu nunca peguei felizmente”*.²⁶²

Mesmo depois do aparecimento da Penicilina, alguns mitos populares ainda temperavam as “receitas infalíveis”!:

...começou a aparecer a Penicilina. Mas você tomava lá, durante uma semana, dez dias, esperava mais uns dez dias mais ou menos, aí dava a reação, daí mandavam você tomar um porre... Esperava mais uma semana, e se não voltasse, mandavam você transar... Transar... Transava para mais de uma semana. Se não voltasse, estava curado. Eu tenho um colega que levou aí, se tratando... Um dos remédios que usavam aí, diz que o cabra... sarou, era pegar limão, espremer, coar, e injetar no pênis, no canal da uretra.²⁶³

²⁶¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁶²Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000. A Penicilina foi inventada em 1943.

²⁶³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

Os 'horrores do tratamento' para as doenças venéreas são lembrados e relatados com ênfase e detalhes. A experiência do sexo, como rito de passagem para o mundo adulto masculino, era arriscada e atravessar tão duro e sofrido tratamento também fazia parte do sustentar-se homem! Afinal, dizer dos grandes desafios ou perigos enfrentados, com bravura, compunha o ideário da masculinidade. Dirigindo a pergunta 'o que é ser homem para você?' para seus entrevistados,²⁶⁴ ALMEIDA²⁶⁵ chegou à conclusão de que para eles havia uma vinculação estreita entre a idéia de constituição ou de formação de um homem a princípios como os de prova, resistência, força e coragem. Para muitos homens 'ser homem' também aparece vinculado à capacidade de suportar sacrifícios.

Para os depoentes desta pesquisa, pode-se supor, então, que o próprio relato das desafiadoras experiências atravessadas com muita coragem assumia agora – em uma nova fase da vida, quando a turbulência sexual da juventude já não está mais presente – uma função de resgatar para esses homens a identidade masculina que fora posta à prova na juventude.

Ao contar ao grupo sobre os horrores de um tratamento bastante desastroso e traumático, fazia com que mesmo os que nunca tiveram as doenças se assustassem e vivessem seu quinhão de angústia:

Mas, os colegas contavam! ...tinha um que contava para nós, eu não sei se ele tinha cancro ou gonorréia. O médico tinha um guarda-chuva... que chamava. Enfiava um estilete no canal da uretra, depois torcia e abria o guarda-chuva, e depois puxava para fazer uma espécie de raspagem. Depois que estava tudo em vivo, colocava um medicamento que ardia, o cara ficava doido! Outros faziam cirurgia... para retirar o cancro, o que chamavam cavalo... não tinha penicilina na época... A gente ficava com medo disso.²⁶⁶

²⁶⁴25 homens, Rio de Janeiro, classe média, 1990/92.

²⁶⁵ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/feminino**: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p.136.

²⁶⁶Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

Aqueles que viviam o 'horror', transmitiam aos outros contando. Faziam questão! Assim pareciam resgatar sua masculinidade ameaçada ao mesmo tempo que colocavam em xeque a masculinidade dos que ouviam. Afinal, como se tratava de uma doença que atingia os genitais, era inevitável também a vivência de uma angústia em relação ao que aconteceria com o 'órgão' que, simbolicamente, era o representante, no corpo, de uma sexualidade que deveria se garantir como masculina.

Não se tratava apenas de um sofrimento orgânico, pois estava em jogo uma imagem de masculinidade. Assim, contar para outros rapazes como tal desafio tinha sido vencido reconstituía a masculinidade que havia sido posta em risco. Por isso, inevitavelmente, mesmo aqueles que não haviam passado pela experiência concretamente se identificariam com esse drama, no que ele colocava em jogo a masculinidade de cada um do grupo. O mal-estar era compartilhado: *"Porque a gente não queria sofrer aquilo que os outros contaram para a gente que tinham sofrido! Tinha um que tomava injeção de bismuto, talvez fosse para sífilis, ou não. Os dentes ficavam tudo preto, até caíam"*.²⁶⁷

A ameaça referida aos dentes era, antes de tudo, sofrida em relação ao próprio pênis, que sabemos, depois da psicanálise de Freud, ser um medo inerente à constituição da identidade masculina no que ela tem de mais significativo e inconsciente. O medo do tratamento com bismuto, *volta à tona* no depoimento de outro entrevistado: *"o médico... farmacêutico, que a gente tinha antigamente, era na base do bismuto. Era uma injeção de bismuto que eles chamavam... daquela que atacava tudo quanto era tipo de coisa, inclusive, os dentes apodreciam, os dentes... caíam os dentes..."*²⁶⁸ Novamente está presente o medo de que caíssem... os dentes!

Nesses relatos, sempre carregados de tom dramático, o medo de sofrer seqüelas orgânicas era um ingrediente bastante presente. A ameaça de seqüela

²⁶⁷Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

²⁶⁸Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

possibilitava, a um só tempo, a vivência do medo e a elaboração da masculinidade.

Motivo para horrorizar e advertir os amigos:

Tinha uma pessoa... que tinha uma perna manca, tinha um defeito na perna devido a uma ferida, e diziam que ele tinha pego sífilis e não curou, então ela se alojou em baixo do joelho. A gente dizia que tinha que tomar cuidado para não ficar como o Alberto. Ele era mais velho que a gente. Nós tínhamos uns 15,16, e ele uns 30 por aí.²⁶⁹

Diante de tal perigo, não faltavam ‘receitas’ populares: “E tinha uma coisa que... diziam para a gente... que os mais velhos ensinavam... para evitar, por exemplo, uma gonorréia, era para depois da transar urinar. Diz que era bom!”²⁷⁰

O tipo do tratamento – o médico da Saúde Pública, o farmacêutico ou as “garrafadas” – era igualmente determinado pelas diferenças de nível socioeconômico: “quem não tinha recurso, usava uma porção de coisas”.²⁷¹

Esse tempo de iniciação sexual era marcado pela experimentação do funcionamento do próprio corpo, como um corpo de homem. Era um tempo em que esse funcionamento seria verificado e comprovado. Assim interessaria – mesmo nas experiências com as mulheres – firmar-se como homens. Num tempo inicial, não estariam interessados em uma mulher com suas particularidades de mulher ou numa mulher para amar. Ou seja, numa mulher que pudesse ser tomada como sua própria mulher. Bastava que tivessem contato com uma fêmea – uma mulher qualquer – pois sua masculinidade seria firmada mais diante do grupo de amigos do que de uma mulher.

Quando se aproximasse a época do casamento, porém, se configurava um movimento de mudança em relação ao campo da sexualidade ilícita. Um depoente conta uma experiência que permite observar essa transformação em relação à prostituta:

²⁶⁹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

²⁷⁰Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

²⁷¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

...Tem outro caso interessante, que eu vou te contar também... que até tenho uma marca, essa marquinha branca aqui! (mostra na mão a marca). Tinha uma puta da Casa de Campo, que o apelido dela era Biscuí... porque ela era mesmo um biscoizinho... estava nessa vida mas era um biscoí! Na semana que eu fiquei noivo, eu fui uma noite na Casa de Campo – até minha mulher já sabe essa história, eu contei para ela porque não era casado, né! – eu apareci de aliança lá e ela perguntou ‘o que é essa aliança?’ e eu disse ‘é que eu fiquei noivo!’, e ela pegou assim... e me deu uma mordida! Me deu uma mordida, tanto que ficou a cicatriz! Daí eu levantei para seis lógico, né! Xinguei de vagabunda, de sem vergonha e ia embora, e ela: ‘não, por favor amor, vamos então fazer a despedida hoje!’, e eu: ‘não tem despedida porra nenhuma!, Chega sua vagabunda, sem vergonha!’, eu não queria saber de nada, e fui embora, furioso. Uma semana depois, um rapaz, que também acho que ficou noivo ou coisa assim, foi lá, e ela envenenou o cabra no quarto.²⁷²

Ao final da adolescência, véspera do casamento, pode-se supor uma reorganização que muda o ‘olhar’ que os rapazes dirigem à prostituta. Aquela que antes exercia sobre eles um certo ‘fascínio’, passa ao lugar da ‘sem vergonha’, da ‘vagabunda’. Assim ele firma-se no lugar da respeitabilidade esperada para um homem casado e, dá sinais de haver interiorizado a dicotomia da moral vigente.

²⁷²Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

CAPÍTULO 2

O MUNDO DOS HOMENS: ESPAÇOS DA RESPONSABILIDADE

2.1 A FORMAÇÃO ESCOLAR

A escola,²⁷³ ao mesmo tempo que viabilizava o distanciamento dos pais, possibilitava a incorporação das regras necessárias para que um menino se transformasse num bom cidadão honesto e de respeito. Nessa instituição, longe do olhar dos pais, mas submetidos aos mesmos valores sustentados pela família, os meninos ainda praticavam traquinagens, mas ensaiavam seus primeiros 'namoricos'. Na escola, além de conhecimento, também deveriam encarnar normas disciplinares, atos de responsabilidade.

Era uma época em que a sociedade brasileira começava a viver um processo de transformações que se aprofundavam, marcadas pela urbanização, pela diversificação econômica e pela ideologia do desenvolvimento e da modernização. Segmentos médios da população urbana procuravam cada vez mais em fornecer capital cultural para seus filhos, visando a um futuro promissor através

²⁷³"A partir do século XV... a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola. A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o elemento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto... Essa evolução correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral da parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva, a um desejo de treiná-la para melhor resistir às tentações dos adultos. Mas ela correspondeu também a uma preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e não abandoná-los mais, mesmo temporariamente aos cuidados de outra família. (...) O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo em que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola. [...] É verdade que essa escolarização, tão cheia de conseqüências para a formação do sentimento familiar, não foi imediatamente generalizada... A extensão da escolaridade às meninas não se difundiria antes do século XVIII e início de XIX. (...) No caso dos meninos, a escolarização estendeu-se primeiro à camada média da hierarquia social. A alta nobreza e os artesãos permaneceram ambos fiéis à antiga aprendizagem, fornecendo pagens aos grandes senhores e aprendizes aos diferentes artesãos". ARIËS, *História...*, op. cit., 2.ed., 1981. p.232-233.

de uma carreira.²⁷⁴ Além do saber, um homem precisava ter bons princípios. A disciplina, a responsabilidade, a capacidade de discernimento, conduta moral ilibada, entre outros, eram atributos importantes para quem estava sendo educado para chefiar a futura família.

A 'boa educação', além dos 'bons princípios', significava, para a época, possibilidade de melhores condições financeiras. Para aqueles que não eram 'bem nascidos', a escola constituía uma oportunidade ímpar para a aquisição de um importante valor masculino: tornar-se independente financeiramente. Conquista indispensável para que um rapaz pudesse ser reconhecido homem. Agora não mais apenas pelos pares, mas por todos os segmentos da sociedade em que estava inserido. Quanto mais avançasse na sua formação escolar melhores seriam suas chances profissionais, o que significava possibilidade de melhorar suas condições financeiras e, em última instância, força e poder! Atributos masculinos que capacitariam um homem a fundar sua própria família.

Considerando que os valores dos homens são preconizados como sendo aqueles buscados fora de casa, sua tendência será a de reproduzir os valores do modelo social vigente. Por isso, ao mesmo tempo que desafiam as regras ou se considerem liberados, também são muito conservadores em sua construção social.²⁷⁵ A escola parecia ser um bom veículo para a sedimentação desse quinhão de hombridade!

Segundo a memória dos entrevistados, toda a convivência que se dava em torno da realidade da escola parecia encaminhar as coisas nesse sentido. Conforme demonstrado no capítulo 1, na época, além de a população ser muito menor que hoje, a cidade era percebida como pequena, especialmente para aqueles que iniciavam a

²⁷⁴MARTINS, Ana Paula Vosne. Memória femininas, In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. (Org.) **Mulheres na história**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997. p.190.

²⁷⁵Para NOLASCO, os homens "são escravos da obediência aos comportamentos que socialmente aprenderam como corretos". NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.132.

transição para a primeira juventude (10-11 anos) também porque o uso que os meninos – que começavam freqüentar a escola – faziam dela, era ‘restrito’. As crianças conviviam na vizinhança, suas famílias eram conhecidas entre si e, geralmente, também estudavam numa escola da vizinhança. A própria professora muitas vezes era conhecida de todos. E não era uma cena incomum ver a professora percorrendo o trajeto de sua casa até a escola a pé e em companhia de alguns de seus alunos. *“Muitos moravam naquela região [Alto São Francisco], por exemplo, a professora do 4.º ano primário, a D. Viviana, ela gostava muito de mim, dos meus irmãos, as famílias eram amigas, freqüentavam aniversários, para ir para o grupo, para a escola ela descia a Ermelino de Leão, e me pegava e descíamos juntos”*.²⁷⁶

Pode-se perceber, nitidamente, como o professor ou a professora eram, para esses meninos de escola primária, pessoas importantes, pólos modelares para identificação. A memória, que ainda retém nomes completos, não deixou para trás o orgulho da referência às professoras. Poder usufruir da companhia da professora no trajeto para a escola é contado hoje como um privilégio para a criança que viveu aquela experiência. *“Então eu ia quase diariamente para a aula com a minha professora [de 4.º ano primário]. No 2.º ano primário foi a D. Egípcia, ligada à família e também morava ali. A gente descia em 6 ou 7 pessoas para a escola, de professores e alunos”*. Quando um colega do grupo tomou vulto na história da

²⁷⁶Este entrevistado estudava, nessa época, do curso primário na Escola de Aplicação, também conhecida como ‘Grupo Anexo’, por ser anexo à Escola Normal, hoje Instituto de Educação, na Rua Emiliano Pernet. (Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000). Seguindo o clima de prosperidade que envolvia a cidade do pós-Guerra, Curitiba também se dedicava à educação. A cidade dispunha de boas escolas públicas e particulares. Uma publicação da Prefeitura Municipal de Curitiba, em 1952, listava as escolas particulares mais importantes da cidade: Instituto Santa Maria, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Colégio Nossa Senhora de Sion, Colégio São José, Colégio Novo Ateneu, Colégio Belmiro César, Partenon Paranaense, Sagrado Coração de Jesus, Colégio Progresso, Colégio Rio Branco, Colégio Iguaçu, Colégio Bom Jesus e Colégio da Divina Providência. BARRETO, Rosa. Curitiba. Monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1952. p.25. In: SUTIL, Marcelo S.; MARCHETTE, Tatiana D. **Faculdade de direito de Curitiba - 50 anos**. Curitiba: Associação de Ensino Novo Ateneu, 2000. p.8.

cidade também se faz importante relatar: “E outros alunos contemporâneos meus, que também desciam junto com a gente, um deles foi o Jaime Lerner”.²⁷⁷

Se era importante sentir-se considerado pela professora, “ela gostava muito de mim”, também marcava quando a professora parecia não gostar. Afinal, para crianças e jovens os professores são modelos paternos no grupo social. Por isso, é marcante sentir-se amado ou repudiado pela professora. Outro entrevistado – que também afirma que a escola sendo perto de sua casa conhecia “todo mundo” – conta sobre o lado desagradável, ou seja, quando se sentiu rejeitado pela professora, trazendo sua experiência com a escola na época da II Guerra Mundial.

*Só tinha o D. Pedro II, então você conhecia todo mundo. Houve a Guerra, em 1943, tempo em que o brasileiro entrava na Guerra. E tinha uma professora lá que o filho dela era expedicionário e também estava indo para a Itália. Então ela, um dia, perguntou quem era descendente de italiano... levantei a mão. Perguntou quem era descendente de alemão... levantei a mão. (...) Daí, a professora me tachou, eu e outros ali de Quinta Coluna, uma designação pejorativa para dizer dos que estavam à favor do Hitler. Então ela não me chamava pelo meu nome: ‘Ôô, Quinta Coluna’. Isso me marcou muito.*²⁷⁸

Claro que se tratava de uma contingência específica articulada à política nacionalista veiculada pelo governo brasileiro, mas, para o menino de então, foi sustentada na figura da professora. Até hoje lembra que a partir daí sentia-se perseguido por ser descendente de italianos por parte de pai e de alemães por parte de mãe.

*Então ser chamado de Quinta coluna era pejorativo. Chegava na escola a primeira coisa ‘sabe a lição?’, ‘sei’. Então se você esquecia uma vírgula, de um acento ‘não sabe, vai de castigo’. Então eu passei essa época praticamente de castigo. Sem recreios, sem poder ir aos banheiros, então, no começo a gente urinava na calça, depois começamos a urinar atrás do armário... quando descobriram... aí era proibido ficar atrás do armário... Mas... chegou a hora das provas eu passei normalmente, a média não foi boa.*²⁷⁹

²⁷⁷Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

²⁷⁸Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁷⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999. “A orientação, os costumes de casa era que ninguém falasse italiano. Perguntavam se falavam alemão lá em casa. Minha bisavó falava em alemão. Não podia dizer na escola. ...então o nome da minha avó era nona, passou a ser avó, e do lado da minha mãe era mot, passou a ser bisavó”.

Está assim exemplificado, na vivência desses meninos, como a escola tinha um papel modelar na socialização desses futuros homens. O fato de a escola e de os professores fazerem parte da vizinhança criava uma condição favorável para que pais e professores tivessem um maior contato e melhores condições de acompanhamento. *“E educação naquela época era mais rígida”*.²⁸⁰ Característica esta que eles também atribuíam aos pais. O que demonstra a sintonia entre os valores sustentados pela família e pela escola. Nos depoimentos colhidos, os próprios entrevistados também paralelizam o rigor das regras familiares com as regras da escola. *“As crianças... tinham que obedecer. Os colégios eram rígidos, havia muito controle, controle de horário, controle... e as famílias também tinham bastante controle das coisas”*.²⁸¹ O mesmo entrevistado que lembrou que a professora gostava muito dele, diz, que mesmo assim sua fama não era muito boa quanto a um item bastante importante: ‘comportamento’. *“...eu sempre fui o mais levado e, meu irmão sempre foi muito caxias, era mais quieto e eu mais bagunceiro, então todas as professoras sempre diziam que eu era muito sapeca... mas é um bom aluno!”*²⁸² A disciplina era um atributo importante a ser adquirido por um rapazinho na convivência escolar. Era ali que ele devia dar mostras de saber como se portar dentro de um meio social que não era seu grupo de amigos, ali deveria aprender a lidar com hierarquia – diretoria, professores, bedéis. Ali a convivência com as outras crianças estava sendo monitorada e avaliada por adultos. O resultado dessa convivência instituída e sistematizada quanto aos conteúdos aprendidos, chegaria aos pais em forma de nota. Os meninos que estavam se tornando rapazes, sabiam que o item ‘bom comportamento’ seria exigido tanto por parte da escola, que funcionava como um aparato disciplinador, como do pai. *“E eu levava muito castigo,*

²⁸⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

²⁸¹Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

²⁸²Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

*principalmente do meu pai, porque ele dizia que eu poderia ser burro, mas não poderia ser 'mal comportado'. Então, o importante no boletim, no curso primário, era a nota de 'bom comportamento'. Abaixo de 9,0 era umas cintadas [do pai]".*²⁸³

É interessante observar que, a memória resgata professoras, ou seja, mulheres; logo evidencia-se que na família e na escola eram as figuras femininas que sustentavam as regras e, ao mesmo tempo, convocavam o pai para sua validação. Deste modo, 'as cintadas' não são rememoradas como uma atitude injusta por parte do filho, que nunca menciona a possibilidade de argumentar seus motivos. A autoridade paterna parecia funcionar de modo inquestionável, como uma intervenção justa e esperada de um pai. Se o filho não se comportava bem, ou seja, dentro do que era socialmente esperado, era papel do pai tomar as providências cabíveis no sentido de impedir que o tal 'mau comportamento', ganhasse força, sem ser reorientado.

Se nos valores da família tradicional o patriarcado pode ser pensado como uma tentativa de realização de um ideal, o homem seria o modelo e suporte destes ideais, ou seja, no patriarca, o detentor e representante do poder, estaria o ato justo, sábio, enfim, autêntico.²⁸⁴ Os outros deveriam obedecê-lo. O pai, figura hegemônica no papel tradicional, teria a legitimidade para assegurar o 'saber fazer como homem' – uma das condições para manter o 'poder', prerrogativa de masculinidade.²⁸⁵

Garantidora e sistematizadora instituída dos bons princípios, a escola era, antes de tudo, uma veiculadora dos princípios adotados pelas camadas médias

²⁸³Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000. Esse era o mesmo que ia para a escola em companhia da professora.

²⁸⁴COSTA, Rosely Gomes. De clonagens e de paternidade. **Cadernos Pagu – trajetórias de gênero, masculinidades...**, Campinas: Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, n.11, 1998. p.191.

²⁸⁵"A masculinidade hegemônica será, pois, um elemento central de uma ordem do gênero. Na minha opinião, 'patriarcado' será a definição de uma ordem de gênero específica na qual a masculinidade hegemônica define a inferioridade do feminino e das masculinidades subordinadas". ALMEIDA, M. V. de, op. cit., p.164.

urbanas. Confessional ou laica, independente de qualquer obediência, estava de acordo quanto a princípios gerais que apareciam como normas de vida.²⁸⁶

Assim balizados, os mocinhos também aproveitavam o ambiente da escola para uma outra aquisição masculinizante: a arte da conquista.²⁸⁷ É isso que afirma um entrevistado do Colégio Estadual:²⁸⁸ *“Então a gente começava a ter os namoricos da gente na escola...”* Léa ARCHANJO,²⁸⁹ que entrevistou ex-alunos da primeira década de funcionamento da nova sede do Colégio Estadual do Paraná, encontrou a memória de que, naquela época, o ensino público era de melhor qualidade do que o ensino privado, salvo raras exceções. Tanto que diversas escolas privadas eram chamadas ‘P-P’, que queria dizer, ‘pagou, passou’.

Por volta dos 12 anos, os meninos já estavam empenhados na arte da conquista. Ainda desajeitados, a emoção seria forte quando conseguissem pegar na mão de uma garota. O verdadeiro “terremoto emocional”, no entanto, viria quando um beijo fosse roubado durante, por exemplo, um “passeio” no Passeio Público, após uma das “sessões cívicas” no Colégio Estadual. Nessa faixa de idade, o beijo, além de ser roubado, era na face. ‘Acontecimento’ que, geralmente, se dava diante de uma platéia, uma vez que outros meninos, que também estavam em período de descoberta, contemplariam a cena curiosos e admirados.

²⁸⁶“Antes da escola – liceu de Estado ou colégio religioso –, o lar familiar transmitia uma moral cujos preceitos, observados por uns, contornados por outros, eram uma referência obrigatória...” DAUMARD, Adeline. **Os burgueses e a burguesia na França**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.241-242.

²⁸⁷Muitas das escolas da época, principalmente as públicas, já eram mistas.

²⁸⁸O Colégio Estadual do Paraná, inaugurou sua nova sede em 29 de março de 1950. Com capacidade para acolher 6.000 alunos, o Estadual era o maior colégio secundarista da América Latina.

²⁸⁹ARCHANJO, Léa Resende. **Gênero e educação - relações de gênero no Colégio Estadual do Paraná (1950/1960)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p.46. Em sua pesquisa encontrou também a memória de que o Colégio Estadual, não se caracterizava como uma escola para alunos de camadas populares. Eles também estavam lá mas, era um Colégio também freqüentado pela classe média.

Como já apontado, os meninos apreendiam o seu 'ser' de meninos também se espelhando no que faziam outros meninos. *“Então, às vezes, você ficava olhando um rapaz... um menino... [com] uma menina [quando] saíam conversando os dois, ia todo mundo atrás para ver o que eles iam fazer, onde é que eles iam... você ficava admirado, porque não tinha esse namoro... como hoje, que todos vêm”*.²⁹⁰

O mesmo entrevistado, depois de se colocar no lugar do sujeito que olha, também conta como foi quando ele próprio poderia estar sendo visto por outros mocinhos. Ou seja, depois de se colocar como quem aprendia olhando, também se coloca como quem podia fazer. O que já possibilitaria que outros também pudessem ver como ele fazia, mesmo sabendo que ainda se tratava de uma experiência incipiente. Estudante do Colégio Estadual lembra que:

Com 13 anos eu arrumei uma namorada [da escola] de 15 anos. Eu fui passear no Passeio Público... ver os bichos, os passarinhos... daí conseguimos passear de mãozinha dada. Aí saiu do Passeio Público, na rua, aí largava a mão, não podia mais... não era em qualquer lugar que podia, e era excitante, né...? Essa eu consegui dar uns beijinhos uma época depois... Mas beijinho roubado... Quer dizer, ela também tava querendo e eu tava querendo, mas ela não tinha dado, eu tinha roubado né? Mas beijinho no rosto, na testa, né...²⁹¹

Aqui vale a pena ressaltar também o valor da conquista pública, para os rapazes. Um beijo roubado, mesmo que na face, era um modo de afirmação do “macho conquistador” e valente. Ele não matava um dragão, mas tinha a coragem de ‘afrontar’ algumas regras para conquistar uma mulher. Se dentro da escola isso não era possível, ele poderia convidá-la para um passeio na rua. Assim ele mostraria a seus pares sua capacidade de iniciativa, sua ousadia; o que significava, em verdade, mostrar a si mesmo, através do olhar dos outros rapazes, que dessa forma validavam sua atitude.

O “namorico” no tempo do ginásio, geralmente era passageiro, poderia durar até o término do ano letivo, pois, sem idade para namoro sério – dentro de casa e com

²⁹⁰Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁹¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

o consentimento dos pais –, o incipiente casal não conseguia fortalecer este laço: *“...veio as férias, o namoro acabou. Era um namoro de, de... de colégio”*.²⁹²

Para os entrevistados, as mães geralmente permitiriam o namoro, para as moças que estudassem, quando elas já estivessem na Escola Normal. *“...mais tarde, é que consegui chegar, ela já estava no curso Normal, já era mais velha. A mãe já estava começando a afrouxar mais”*.²⁹³

Um “flerte” na saída da escola fazia parte do roteiro nas preferências dos rapazes. Era, inclusive, uma boa oportunidade para aqueles que não estudavam em colégios mistos. Segundo a memória dos entrevistados, fazia sucesso a saída das aulas do Instituto de Educação, do Colégio Sion.

*...às vezes o cara flertava, ia na Escola Normal, ou na saída da escola, ou durante a escola. Havia um flerte à distância! As vezes não chegava a se falar... as menininhas estavam saindo, então... olhavam para os rapazes, os rapazes olhavam para as meninas... E às vezes isso era um começo. Depois, se havia uma certa afinidade, ele podia tentar uma aproximação!*²⁹⁴

Ou, para os mais abastados que possuíam carro, a saída do Colégio Cajuru, que ficava afastado do centro.

*O Colégio Cajuru era famoso! Tinha internato e semi-internato. Até tinha o ônibus que ia buscar essas alunas, então a gente saía de manhã e ia atrás, e elas na janela dando adeusinho. Elas vinham penduradas na janela dando adeusinho. Puxa! Lembrando das moças daquela época... Moças bonitas, sabe? Têm umas que ainda existem, uma se chama D. A. Meu Deus do céu! Está horrorosa! Não é feia, é horrorosa! Era linda, barbaridade. Putcha vida! Fazia furor a menina!*²⁹⁵

A beleza de algumas moças provocava os rapazes, e alguns eram capazes de atos de arroubos. *“Eu me lembro... Lá tem uma entrada, passando a entrada principal... tem uma entrada para a gruta, né? E eu, um dia peguei e entrei com o*

²⁹²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

²⁹³Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

²⁹⁴Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

²⁹⁵Entrevista 6, Curitiba, 13 fev. 2000.

*carro lá em baixo. As freiras mandaram fechar o portão e chamaram o trânsito”. A sorte era que, naquela cidade onde muitos se conheciam, quem respondia pelo Trânsito era ‘o Guerra’, um amigo do entrevistado. E entre homens funcionava, nessas oportunidades o ‘corporativismo’. Mas, tudo isso encenando para as freiras – boas representantes do lado santo das mulheres – como se tudo estivesse sendo cumprido conforme os padrões. “E o trânsito era o ‘Guerra’, que era meu amigo, né? Chegou lá e ‘pomba...!’ daí o Guerra disse que eu estava preso. Saímos. chegamos ali na porta e ele ‘tchau!’”.*²⁹⁶

Os rapazes que estavam terminando o Ginásio e ingressando no Clássico ou Científico,²⁹⁷ por volta de 14,16 anos, ainda não tinham idade para namoro sério, mas, como já se fez notar, o tempo de colégio era profícuo quanto às primeiras investidas, para o que poderia vir a ser um “namoro sério”.

*Eu a conheci [a futura esposa] na Escola Normal... nós fizemos, no Estadual, uma Cooperativa Escolar, e a Cooperativa montou um posto na Escola Normal, e eu fui lá... E eu vi, no corredor, ela passar, e me encantei à 1.ª vista assim! Mas ela estava no ginásio ainda! E a mãe dela dava um duro danado, não havia jeito de chegar perto!*²⁹⁸

“Moça nova” era proibida de namorar, “a mãe não deixava!” Mas, lembram que, apesar disso, tudo poderia começar com os primeiros olhares ainda no ginásio ou mais tarde na escola normal. Apreciar as moças à saída do colégio era uma bela oportunidade para os rapazes, uma vez que, à época, como já foi dito, as garotas raramente podiam ser vistas passeando desacompanhadas.

²⁹⁶Entrevista 6, Curitiba, 13 fev. 2000.

²⁹⁷De acordo com dados de memória, na época, o Curso Primário tinha duração de 4 anos (tendo a 5.ª série como opcional para aqueles que não haviam atingido a idade mínima obrigatória para cursar o ginásio: 11 anos já completos ou a serem completados durante o primeiro semestre do curso); Curso Ginásio: 4 anos; o Clássico ou Científico: 3 anos. Os primeiros “cursinhos” preparatórios para o vestibular surgiram em 1954 (Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000). Para cursar o Ginásio era obrigatório passar por um exame de admissão. Verificar Lei Orgânica, resultante de reforma realizada pelo ministro Capanema. Decreto-lei n.º 4.244, 09 abr.1942.

²⁹⁸Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

Os que já tinham idade para namoro demonstram reconhecer que adquiriam outra posição quando chegavam à universidade. Eram cobiçados pelas moças como bons partidos.

O ensino superior cada vez mais se firmava na cidade, que contava com a Universidade do Paraná desde 1912. Em 1948, funda-se a Escola de Belas Artes e dois anos depois a Universidade do Paraná passou a integrar o Sistema Federal de Ensino, vivendo uma intensa fase de renovação didática e aparelhamento, com as obras do Hospital de Clínicas e o projeto para o complexo da Reitoria; no mesmo ano de 1950, a Faculdade Livre foi fundada pelos Irmãos Maristas, oferecendo cursos na área de Ciência Humanas, além de Matemática, Física e Química. Em 1950 também foi criado um curso de Direito pela Associação de Ensino Novo Ateneu, e a partir de então a cidade contaria com um curso superior noturno.²⁹⁹

Nos anos 50 havia um reconhecimento de que a cidade recebia um número crescente de jovens que vinham de outras cidades, do interior do Paraná ou de outros Estados. A presença de grande número de estudantes na cidade levou à construção do prédio atual da casa do Estudante Universitário e à criação da casa da Estudante Universitária de Curitiba, além de inúmeras repúblicas e pensões.³⁰⁰ Um dos depoimentos colhidos por SANTOS,³⁰¹ também corrobora com essa versão da cidade: “...naquele tempo [1953], a primeira referência de Curitiba era ser polo, um polo acadêmico. Uma cidade que atraía muita gente, na faixa jovem, na faixa etária dos vinte e poucos anos, que vinha aqui completar os estudos...”

Os universitários que não eram da cidade representavam um certo risco para a consumação de um futuro casamento. Esses rapazes, que se estabeleciam

²⁹⁹SUTIL; MARCHETE, op. cit., p.8

³⁰⁰“A intensa vida estudantil, animada pelos bailes, pelos chás e tardes dançantes, pelos concursos de rainha dos estudantes, entre outros eventos, justificava a denominação de Curitiba como *Cidade Universitária*” ARCHANJO, **Gênero...**, op. cit., p.38.

³⁰¹SANTOS, **Memórias...**, op. cit., p.53.

na cidade apenas durante o período de estudos eram vistos com desconfiança, muitas vezes enganavam a moça e a família com suas “intenções”:

*...vinha muito paulista, do interior, estudar em Curitiba. Só homens, claro! E moravam numas pensões terríveis, que a parede ia só até um pedaço. E o que eles faziam: namoravam as meninas, alguns até ficavam noivos, para ir comer na casa das gurias, enfim, para ter um passadio melhor. E a maioria deles quando se formava, ia casar com a menina da cidade deles, lá em São Paulo, e deixava a outra a ver navios, aqui! Isso acontecia muito.*³⁰²

Os rapazes, sabendo que as moças preferiam os universitários, mesmo ainda não tendo idade para cursar a universidade, usavam sua condição de estudante como estratégia de conquista. Alguns estavam se preparando para chegar ao curso universitário, mas mesmo os que tinham menores possibilidades tentavam impressionar as moças dizendo que depois do Científico iam cursar a Faculdade. Quando, num baile, elas perguntavam o que faziam, a resposta estava pronta: “*estudante, tô fazendo o científico, depois vou fazer faculdade...*”³⁰³

Para os entrevistados, a preferência delas recaía sobre os alunos dos três cursos universitários representados como os melhores:

*...advocacia, medicina, engenharia, os três cursos melhores que tinham... administração, ciências contábeis... isso aí não existia. Só tinha a Federal. (...) ... a maior parte das moças de padrão médio, média alta, freqüentavam o baile do diretório de medicina, diretório de engenharia, diretório de direito... iam lá para ver se caçavam alguém mais ou menos desse nível.*³⁰⁴

Essa memória também remete aos bailes que os diretórios acadêmicos promoviam uma vez por ano. Foram tradicionais o Baile da Esmeralda, realizado pelo Diretório Acadêmico da Medicina; o Baile da Safira, pelo Diretório da

³⁰²Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

³⁰³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³⁰⁴Esse entrevistado se casou depois de começar a trabalhar no Banco do Brasil. Só fez faculdade alguns anos depois, em função de sua carreira no Banco – Ciências Contábeis. Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

Engenharia e o Baile do Rubi, promovido pelo curso de Direito. Os bailes recebiam os nomes das pedras que representavam cada curso.

Antes que o diploma fosse prerrogativa de um melhor salário – para muitos no Banco do Brasil, ou de pretensão a vaga na burocracia do Estado – os jovens filhos de famílias com poucas condições financeiras estariam trabalhando. O conjunto dos depoimentos denota que, com a crescente importância do estudo, muitos pais viram-se na obrigação de sacrificar-se³⁰⁵ para ‘estudar os filhos’, uma vez que nem sempre os pais tinham boas condições financeiras para custear os estudos dos filhos que já estavam em idade de trabalhar.

Estudar, para a época, além de ser promessa de um futuro estável financeiramente, também significava *status*. Assim, estudar um filho traria por si ascensão social, mesmo que à custa de sacrifícios.

Mais que pela fortuna ou abastança, essa elite se caracteriza pela observação das regras da boa educação, que não excluem nem os hábitos de trabalho nem as manifestações da vontade e do caráter, pelo domínio de uma cultura humanista oferecida pelos liceus e colégios, eventualmente associadas às aquisições de uma formação jurídica ou científica.³⁰⁶

O nível de estudo que cada um tinha atingido poderia expressar também o nível social da família à qual pertencia. *“Naquele tempo quem tinha o Ginásio era uma pessoa de classe média ou se projetando para a classe média...”*³⁰⁷ Podia representar igualmente o sonho de ascensão social através da escolarização: *“O homem também, muitas vezes, ele fazia o primário, fazia exame de admissão, passava... ‘então meu filho tem condições, já passou no exame de admissão’”*.³⁰⁸ Ou

³⁰⁵A maior parte dos estudantes, claro, vinha de famílias em melhores condições que a maioria – de que outro modo teriam podido pagar alguns anos de estudos de jovens adultos em idade de trabalho? –, mas não necessariamente ricas. Muitas vezes os sacrifícios que os pais faziam eram reais. HOBSBAWM, *Era dos extremos...*, op.cit. p.291.

³⁰⁶DAUMARD, op. cit., p.62.

³⁰⁷Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

³⁰⁸Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

como diz um dos depoentes de ARCHANJO: “A única maneira de subir na vida era estudar”.³⁰⁹ Idéia que se encontra desenvolvida em HOBBSAWM: “Na verdade, as famílias corriam a pôr os filhos na educação superior sempre que tinham a opção e a oportunidade, porque esta era de longe a melhor chance de conquistar para eles uma renda melhor e, acima de tudo, um *status* social superior”.³¹⁰ O mesmo raciocínio que levava a moça curitibana a classificar como ‘bons partidos’, aqueles que tinham chegado até a universidade.

2.2 TORNAR-SE HOMEM ATRAVÉS DO TRABALHO

Para a época em estudo, o exercício profissional era signo de hombridade, era um importante papel a ser desempenhado pelos homens. Os meninos desde cedo sabiam que o pai não estava em casa ao longo do dia porque era homem e estava trabalhando. Deste modo, percebiam na ocupação do pai um importante pólo de masculinização. Para NOLASCO, “o trabalho define a primeira marca de masculinidade, na medida em que, no plano social, viabiliza a saída da própria família”.³¹¹

A frase ‘O trabalho dignifica o homem!’, já tão banalizada, traduz cabalmente o significado do trabalho para o homem dos anos 40 e 50. Os entrevistados rememoram que, desde cedo, estavam interessados em trabalhar. Para eles, o trabalho era sinônimo de independência e, assim, representava ‘autonomia’ em relação aos pais. Uma maneira de adquirir certa liberdade, quesito importante para a gradativa conquista da masculinidade, para o menino. Como diz NOLASCO, “aparentemente o trabalho confere ao homem um *status* de independência que se limita ao âmbito financeiro”.³¹² Com efeito, isso é apenas aparência. Sabe-se que seu

³⁰⁹ARCHANJO, *Gênero...*, op. cit., p.49.

³¹⁰HOBBSAWM, *Era dos extremos...*, op. cit., p.291.

³¹¹NOLASCO, *O mito...*, op. cit., p.53.

³¹²Idem, p.51.

valor simbólico para a masculinização vai muito além disso. E além de também servir para dissolver o vínculo da dependência com a família, presta-se bem a ser mais uma realidade a impulsionar o homem à reprodução dos valores sociais.

Assim como para a mulher seu destino ficou articulado à maternidade, para o homem ficou atrelado ao trabalho. Sem ele um homem não se considerava como tal. Para BADINTER, com a sociedade industrial, a partir de meados do século XIX, o trabalho dá origem, *de facto*, a uma separação radical dos sexos e dos papéis.

No século XVIII marido e mulher trabalhavam lado a lado na terra, no mercado ou no comércio, ajudados pelos filhos; cinquenta anos depois o mundo se divide em duas esferas heterogêneas que não se comunicam mais: a esfera privada do lar, regida pela mãe, e a esfera pública e profissional, reino exclusivo dos homens. De um lado, a mulher mãe e dona-de-casa; do outro, o homem trabalhador e provedor. Segundo votos de J.-J. Rousseau, a ela cabe encarnar a lei moral e a afetividade; a ele, a lei política e econômica.³¹³

Para a grande maioria dos entrevistados, possuir seu próprio dinheiro era uma maneira de não precisar recorrer ao pai ou à mãe para comprar seus objetos particulares de desejo. Por meio do trabalho criavam a possibilidade para ir construindo um percurso de afastamento gradativo dos 'pais provedores' da infância. Assim iam se lançando rumo à vida adulta. Com 'seu' dinheiro adequavam-se à sociedade de consumo, poderiam comprar peças para a bicicleta, bolinhas de gude, gibis, pagar a pipoca e a entrada de cinema, ir ao prostíbulo ou ao baile público... e depois casar.

Além da necessidade financeira, o interesse pelo trabalho também passava pelo sonho da conquista de uma 'posição, ou seja, de *status* para os meninos. Bancar o próprio sustento significava 'virar homem'. O que apontava para uma certa equivalência entre dinheiro, poder e masculinidade. "O trabalho cumpre a função de nomear o mundo subjetivo dos homens, e o faz por meio de uma tentativa de eliminar o que nele há de duvidoso, impreciso e disforme".³¹⁴ No mundo do trabalho os meninos e rapazes também estariam adquirindo atributos como capacidade de

³¹³BADINTER, op. cit., p.88.

³¹⁴NOLASCO, *O mito...*, op. cit., p.57.

decisão, responsabilidade e autonomia. O que pode ser pensado como um treino para o que viria como conquista final: ter dinheiro para sustentar mulher e filhos.

Assim, começar a trabalhar, para os meninos, significava 'virar homem'. A grande maioria dos entrevistados relata que começou a trabalhar cedo. Muitos até diziam que trabalhavam porque as 'condições' da família não eram boas, mas a verdade é que quase nenhum deles menciona dar para os pais os seus salários. Usavam o dinheiro para seus gastos pessoais.

O fato de estudarem tornava a maratona dupla: *"Com 11anos eu entrei no ginásio e disse que queria trabalhar. Entrava às 7h e saía às 11h [fábrica de latas]. Tomava banho, almoçava e as 13h:15 começava o ginásio"*. Um outro entrevistado, no primeiro mês de trabalho comportou-se como um menino, mas no segundo mês já apresenta uma conduta de homem: *"O primeiro salário, eu torrei em uma semana... em bala, gíbi, sei lá... farol para a bicicleta... bugiganga. Mas foi só esse mês, depois eu soube me controlar"*.³¹⁵ Revela a memória. E não foi o único que começou aos onze: *"Eu comecei vendendo jornal! (...) Com 11 anos, na revolução [1932] eu vendia jornal. Em 32! E estudava também! Vendia jornal pela manhã e ia para a escola a tarde"*.³¹⁶

Para MONTEIRO, que realizou uma pesquisa sobre gênero com rapazes e moças de uma favela carioca nos anos 80, "o início da viúva adulta masculina guarda, assim, uma relação com a mudança de sentido da rua; mesmo mantendo o significado de lazer (futebol, baile), o espaço público passa a representar a concepção de local de trabalho, responsabilidade e busca da atividade remunerada ('quando a gente começa a trabalhar deixa de ser criança')"³¹⁷

³¹⁵Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

³¹⁶Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

³¹⁷MONTEIRO, Simone. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: HEILBORN, M. L. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.125.

Na época abrangida por esta pesquisa, a inserção dos filhos no mundo do trabalho sempre foi uma preocupação para as famílias. Os rapazes tinham que aprender um ofício ou profissão que garantisse a sua sobrevivência e a possibilidade de formar e sustentar sua própria família – quesito importante para tornar-se um 'homem de respeito' – às moças era 'permitido' trabalhar até a chegada do casamento, no caso de necessidade financeira da família.³¹⁸

No início eles trabalhavam como aprendizes ou auxiliares em funções que não exigiam qualificação. “...mais novo a gente fazia uns bicos... eu trabalhei num despachante verificando selagem de mercadoria”.³¹⁹ Enquanto ‘aprendizes’ com o trabalho podiam aprender como na ‘escola’: “Eu fui trabalhar com ele para aprender...”, conta um depoente, explicando que, depois de fazer “Curso de Alfaiate” na Escola de Aprendiz de Artífice,³²⁰ foi trabalhar como auxiliar de um profissional, afirmando que na escola “*não se aprende completamente... Tive uma base. Fui aprender depois, trabalhando em alfaiataria*”.³²¹ Ajudar o pai no seu ‘ofício’ era outra forma de trabalho para os rapazes: “*desde que me conheço por gente eu trabalhava*

³¹⁸Isso acontecia, principalmente, no caso das famílias de imigrantes, que geralmente eram numerosas. “A partir dos anos trinta, Curitiba começava a viver um processo de transição do espaço rural para o urbano-industrial. Os migrantes buscavam melhores condições de vida ‘através da mobilidade social oferecida pela industrialização e pela urbanização. Família inteiras ou grupos isolados vinham do interior do Paraná, e de estados vizinhos, em busca de oportunidades de trabalho, moradia, assistência de saúde e educação”. BOSCHILIA, Roseli. Mulheres descendentes de imigrantes e o espaço fabril. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (Org). **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: UFPR. Departamento de História. 1997. p.116.

³¹⁹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

³²⁰Anterior à Escola Técnica, hoje CEFET. Tratava-se um curso primário de nível técnico. “*Tinha aula na parte da manhã e na parte da tarde se aprendia o ofício*”.

³²¹Nesse período em que trabalhou nessa alfaiataria, para ‘aprender o ofício’, o entrevistado não frequentou escola. Depois de trabalhar dois anos com o alfaiate é que foi fazer o Ginásio. Ao entrar no 1.º Científico (1943) foi convocado para a compor a Força Expedicionária. Ao voltar da Guerra em 1945, foi terminar de aprender o ‘ofício’ com seu futuro sogro, que também era alfaiate. Trabalhou em sua própria ‘oficina’ como alfaiate até 1964, quando entrou ‘para o serviço público’. Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

*no bar do meu pai (...) ajudando, vendendo banana, pinga... quando aprendi a fazer troco, já estava ajudando... no 2.º ano da escola".*³²²

Outro depoente mostra-se um tanto inconformado com as mudanças de enfoque em relação ao trabalho infantil na atualidade. Apresenta um indicador de que, na sua época, o trabalho dava *status* social ao menino e não o lugar de 'criança oprimida' que parece ter na atualidade. Nesse período, era bastante comum os meninos começarem a trabalhar cedo: *"...uma coisa que eu acho um absurdo – embora cada um tenha a sua opinião – é esse negócio que a criança com tantos anos não pode trabalhar! Os pais estão passando fome e as crianças não podem trabalhar!"*³²³

Conforme já se fez notar, a vizinhança tinha grande valor para a população curitibana da época, então os primeiros empregos, muitas vezes, eram arranjados na rede de 'conhecidos' do pai ou até mesmo com a ajuda da mãe.

*Com 14 anos, meu pai, como era amigo do Sebastiani... que era sócio gerente da Indústria de Artefatos de Couro Stani... Então nas férias eu trabalhava o tempo todo na fábrica, no período de aulas eu estudava de manhã (7h às 11h), vinha para casa correndo, tomava uma 'banho de gato', almoçava e saía correndo porque as 13h começava.*³²⁴

Os entrevistados deixam claro também que, para quem não podia contar com um 'conhecido', e ainda não tinha uma qualificação, era mais difícil arranjar um emprego. *"Antes de ir para o exército eu trabalhava na... serviço esporádico, assim. Trabalhei de ajudante de pedreiro... ficava parado, não tinha serviço... depois que eu servi o exército, fiquei 2 anos sem arranjar emprego. Naquele tempo não tinha emprego como tem hoje".*³²⁵ É bastante evidente o quanto, desde cedo, tinham uma

³²²Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

³²³Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

³²⁴Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

³²⁵Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000. Este entrevistado trabalhou 2 anos numa "Litografia" (fábrica de latas), depois do exército, vindo a tornar-se funcionário público em seguida. Começou na Companhia de Água e Esgoto, hoje, Sanepar, passando para a Secretaria de Segurança Pública 5 anos antes de se aposentar.

responsabilidade assumida em relação ao trabalho. E à medida que o tempo ia passando, a idade fazia com que a responsabilidade fosse aumentando: *“Na época do cursinho eu continuei a trabalhar, porque eu era tesoureiro da firma. Então os tios compraram apartamento em Santos, e eles iam para Santos e eu ficava tomando conta da indústria inteira. Inclusive no período de vestibular”*.³²⁶

São palavras cheias de empolgação, de alguém que demonstrava ter “orgulho” de trabalhar. No exercício do trabalho, um rapaz tinha um lugar para mostrar o seu valor como homem: ‘capaz de toda essa responsabilidade!’.

Para muitos, equivalia a uma atitude de emancipação, da qual não abriam mão. É o que ilustra o exemplo de um dos entrevistados, cuja família de boa situação financeira não o obrigaria a trabalhar. Com 11 anos pediu para trabalhar na fábrica de latas de propriedade de seu tio. Iniciou no setor de ‘transporte’ – nome dado a uma atividade que fazia parte da impressão nas latas –, mas conta orgulhoso que chegou a *“tomar conta da indústria inteira”*. Quando terminou o Ginásio, a família “não queria que continuasse com o trabalho”, pois, como demonstrava a intenção de ser médico, “achavam melhor que fizesse um Científico bem feito”. Ele, porém, preferia estudar à noite e trabalhar durante o dia.

*Me dispensaram da fábrica, não deixaram. Na Gazeta eu vi um anúncio de ‘auxiliar de escritório’. Me candidatei. Dei como referência o número de telefone da fábrica. Quando cheguei em casa me perguntaram se eu tinha ido pedir emprego lá fora. E eu: lógico, ‘vocês me botaram na rua e eu quero continuar trabalhando’. Sendo assim me deixaram trabalhar no escritório.*³²⁷

Em outro depoimento também aparece o orgulho que o entrevistado guarda de sua trajetória de trabalho desde o Ginásio:

³²⁶Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

³²⁷Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

*Ah, comecei a trabalhar... Assim parcialmente, ainda no Ginásio. Trabalhava 2 horas por dia... num escritório de engenharia... fazendo conta, essas coisas... Mas quando eu comecei a trabalhar mesmo eu estava na Universidade, foi em 51 e tinha 19 anos. (...) Eu trabalhava no DER, e naquele tempo funcionário público trabalhava do meio-dia às seis. Então você estudava de manhã e trabalhava à tarde.*³²⁸

Assim percebe-se que, desde a infância ou, para outros, desde a puberdade, fazia parte da masculinização não apenas a aventuras entre pares, mas também mostrar comprometimento com a “responsabilidade”. A mais importante era exercida e exercitada no ambiente de trabalho.³²⁹

Dedicando-se mais ou menos horas, eles pareciam ser perfeitamente capazes de conciliar a transição para a juventude com uma iniciação no mundo do trabalho. Desde cedo demonstravam poder assimilar ao cotidiano da nova vida o ‘valor do trabalho’. Para ALMEIDA, o trabalho “não se resume à venda da força de trabalho durante algumas horas em que se executam determinadas ações e gestos. Ele existe como fonte de identidade e campo metafórico para conversas e negociações em torno da identidade pessoal, do lugar social, das emoções inerentes às relações sociais, e do gênero”.³³⁰

Aos rapazes em questão, trabalhar não parecia se constituir em uma tarefa desagradável ou pesada: ao contrário, era um ‘lugar’ a ser conquistado e motivo de orgulho. Mesmo que a família tivesse dinheiro, trabalhar era, antes de tudo, chegar a uma “autonomia”. A própria dignidade do homem estava associada ao valor do trabalho. De qualquer forma, a noção trabalho estava tão incorporado ao ‘ser de homem’, ao processo de afirmação de sua identidade masculina que mesmo numa rotina visivelmente difícil, dividindo-se entre trabalho e estudo, não fazem referência a cansaço ou qualquer outra queixa.

³²⁸Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

³²⁹Percebe-se que o trabalho tinha um maior peso que a escola em relação à masculinização. Talvez porque as mulheres da época tinham mais inserção na escola do que no mundo do trabalho.

³³⁰ALMEIDA, M. V. de, op. cit., p.170.

A autonomia financeira, como já desenvolvido anteriormente, possibilitava outras conquistas igualmente importantes para os rapazes, entre elas, a iniciação sexual com as prostitutas ou qualquer outro programa que exigisse pagamento. Dinheiro para “isso” não se pedia ao pai: *“quando a gente começou a crescer... já... que tinha condições de freqüentar isso, é porque a gente trabalhava já, né? Então a gente tinha condições econômicas de poder freqüentar”*.³³¹ Em outro depoimento: *“as gafeiras a gente freqüentava depois que a gente tinha dinheiro. Às vezes não tinha, emprestava do amigo.(...) Quando a gente ficou com mais de 18 anos, começamos a freqüentar os chamados bailes de Gafieira”*.³³²

Quando meninos e rapazes conviviam no grupo de pares, conforme já demonstrado, e nessa convivência não importava a diferença social.

*A gente tinha um grupinho bem fechado. Uns 7 ou 8 rapazes. Sempre juntos e, às vezes variava um pouco, porque, as vezes uns faltavam, daí vinham uns conhecidos que paravam também... mas efetivos mesmo eram 7,8 – esse grupo era um grupo não de colegas, eram amigos. E a gente tinha um outro grupo que era o grupo também, amigos da rua que se reuniam também a noite em determinado lugar. E tinha um outro grupo que era o grupo do colégio que saía à noite e os vizinhos também... naquela época não tinha rivalidade, não existia, não existia maldade. Todo mundo se dava, todo mundo era amigo, todo mundo saía. Não tinha esse preconceito social que tem hoje por aí, né?*³³³

Porém, quando se tratasse de impressionar uma pretendente, as clivagens sociais ficariam mais evidentes. Para isso era muito melhor ter dinheiro, ter um emprego e, de preferência um bom emprego. Assim, responsabilidade e bom salário qualificavam um bom pretendente. Em equivalência estaria o rapaz que tinha perspectiva de mobilidade social através do estudo, principalmente para os que chegavam ao curso superior.

Um depoente conta que seu pai, além de um bar, tinha uma sorveteria e vendia sorvete “para fora” com carrinho nas ruas: *“E nós, na juventude, era obrigado*

³³¹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

³³²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³³³Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

a sair com o carrinho vendendo sorvete... Chegava no sábado você ia num bailezinho... dançava... 17,18 anos, arrumava uma namoradinha..." Quando ela perguntasse sobre sua ocupação, só uma parte da verdade seria revelada: "[ela] perguntava o quê você faz da vida... Eu dizia: 'estudante, tô fazendo o científico, depois vou fazer faculdade..." Mas, havia também as festas de igreja... e lá, além de moças bonitas e algodão doce, tinha também sorvete... "Mas chegava Domingo, você ia numa festa de igreja, vender sorvete... dava de cara com a moça! Então era aquela reação... As vezes, perguntava no baile seguinte... você ia dançar com ela, ela dizia: 'você me mentiu, você é sorveteiro'".³³⁴

Mas, mesmo constrangido com sua situação diante de algumas moças, não deixaria de valorizar o trabalho. Ainda que fosse para pegar uns 'trocados' do caixa do bar do pai, trabalhava-se para isso. Isto porque, quando em dia de baile, dia de ver as moças, cuidar do bar tornava-se uma boa maneira de conseguir um dinheiro para as despesas da diversão: *"quando chegava sábado, todo mundo queria cuidar do bar, nem que fosse meia hora... Então quando entrava nota de cinco, nota de dez..."*³³⁵

O que se pode perceber é que não importava apenas que um rapaz trabalhasse, mas importava principalmente a qualidade do trabalho. O *status* do trabalho configuraria uma hierarquização na escala social.

A condição financeira do rapaz sinalizava para a condição social do futuro casal. Ganhar dinheiro para casar fazia parte dos projetos dos rapazes. Logo, quando buscavam trabalho, realmente, buscavam autonomia para explorar o mundo e, de preferência, dominá-lo, já que isso fazia parte do ideário de masculinidade. "Ser trabalhador e honesto" era credencial para um bom marido e bom pai de família. Afinal, a espinha dorsal na ideologia da classe média se fazia representar

³³⁴Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³³⁵Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

nos “homens de negócios”, nas profissões liberais ou nos mais altos escalões do serviço público. Homens em condições de prover suas famílias.³³⁶

E projetos de carreira caminhavam em consonância com os projetos de casamento.

...quando eu estava no DNER [com 18/20 anos], eu fiz as contas... veja como era a cabeça, eu fiz as contas de quanto seria necessário que eu ganhasse, para poder ter uma casa no mínimo aceitável! Então, eu disse: só saio de casa quando ganhar Cr\$ 6.000,00. Eu ganhava... acho que 2500,00, talvez... Mas, aí entrei para o Banco [do Brasil] que pagava 3800,00 mais complementação e gratificações... e um reajuste 6 meses depois que eu entrei e passei a ganhar 6000,00! Deu direitinho! A idéia era dar um jeito de casar.³³⁷

Parece que para esses rapazes o ‘ideal’ em vigor ainda remetia ao ideal burguês do século XIX, quando o fundamental para os filhos homens era a carreira, enquanto trabalho em si. Esse trabalho deveria, por sua vez, redundar numa ação concreta, que só adquiria todo seu valor se repousasse no sucesso.³³⁸ Deste modo, para o jovem, uma vida de lazer, mesmo que destinada ao estudo ou à filantropia, carregava consigo uma indicação de fracasso.

HALL³³⁹ vai dizer que a dignidade do homem estava ligada à sua profissão, uma vez que a masculinidade se baseava na capacidade de este homem atender às necessidades dos seus. Já que a feminilidade de uma esposa se fundava na dependência. Como a mulher dos ideais burgueses perdia sua ‘distinção’ caso tivesse alguma ocupação, fazia parte do ideário masculino não deixar que isso

³³⁶HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.234.

³³⁷Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

³³⁸Os burgueses do século XIX, na França, empenhavam-se em dar aos filhos uma sólida formação: educação na família e, para os filhos varões, instrução num estabelecimento secundário, completada às vezes, em certos meios, por uma colocação precoce no trabalho. DAUMARD, op. cit., p.241-242.

³³⁹HALL, Catherine. Sweet home. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.4. p.70.

acontecesse à sua esposa. Preservar sua esposa ocupada com o 'lar' era uma questão de honra para um homem imerso nos ideais da classe média.

2.3 A FAMÍLIA COMO PÓLO DE MASCULINIZAÇÃO

Para tornar-se homem um menino devia 'ganhar o mundo', mas não seria um processo descentrado da família. Mesmo convivendo preferencialmente com seus pares, conforme visto no capítulo anterior, a norma que orientaria suas condutas estava centrada nos valores veiculados pela família. Quando rememoram a família vão oscilar entre a família de sua infância e a família que eles mesmos fundavam, no final de sua juventude.

- Quando meninos, as famílias se conheciam e se visitavam. Não era incomum que aos domingos ou feriados uma família inteira se deslocasse para passar algumas horas na casa de outra família conhecida. Mocinhos, eles também iam visitar vizinhos e parentes: *"Eu as vezes ia visitar... os passeios eram ver vitrines, visitar parentes, se visitar. No Domingo eu ia na casa do meu tio, da minha avó... para passar o tempo"*.³⁴⁰

Essas famílias de forma geral ainda mantinham papéis bem estabelecidos – reservava à mulher a esfera privada do lar e a maternidade como inclinação natural e ao homem a esfera pública e profissional, como seu reino exclusivo – e zelavam para que os casamentos dos filhos reproduzissem esses mesmos parâmetros e valores. Preferiam que o (a) pretendente fosse filho de 'gente conhecida', pois assim estariam mais seguros sobre o futuro deles.

Considerando que a união deveria ser duradoura, de acordo com os padrões societários da época, era de extrema importância que a escolha da(o) pretendente fosse acertada. Entre os conhecidos a segurança era maior, pois seria possível saber sobre as "intenções" do rapaz e sobre suas condições financeiras ou

³⁴⁰Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

possibilidades de ascensão social – “Ah, esse aí é filho de fulano de tal”³⁴¹ – e também sobre as ‘qualidades’ de uma moça: “Porque a mulher era educada para quê? Para lavar, cozinhar e limpar a casa. Cuidar da casa”. Entre os predicados desejáveis a uma moça não estava uma carreira prolongada nos estudos: “Então dificilmente a mulher estudava além do primário...”³⁴²

Enquanto para o rapaz eram valorizados o estudo e as condições de trabalho, as mulheres eram preparadas para cuidar da casa: “A maioria se limitava em aprender a passar roupa, a fazer comida... Aos trabalhos de casa elas se dedicavam mais, para quando casar. E outra coisa, a moça quando casava tinha que casar sabendo fazer uma boa comida, tendo todos os dotes de uma dona de casa”.³⁴³

A masculinidade ameaçada no fim do século XIX com a busca das mulheres ‘por direitos iguais’ se revigora no início do século XX, principalmente com as duas grandes guerras. A diferenciação de papéis, em nome da diferente ‘natureza’ de homens e mulheres, torna-se definitivamente marcada. Para BIRMAN,³⁴⁴ nessa repartição social da legitimidade sexual, aos homens foi atribuído o registro dos *direitos*, enquanto às mulheres o dos *costumes*. E entre as ordens do direito e do costume se condensariam todas as oposições: público/privado, espaço social/família, razão/sentimento, produção/reprodução –, de forma tal que, para a governabilidade feminina, foi atribuído algo de grande importância social no imaginário coletivo: a maternidade.

Enquanto a mulher ficava em casa se ocupando das crianças, os homens conduziam o mundo. Masculinidade garantida! Mas, acreditava-se, de fato, que não se estava retirando poder social das mulheres em relação ao poder masculino,

³⁴¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³⁴²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³⁴³Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

³⁴⁴BIRMAN, op. cit.

apenas e tão-somente repartindo socialmente os diversos sexos segundo as virtualidades irrefutáveis de suas diferentes naturezas.³⁴⁵

Dessa forma, os homens podiam novamente sentir-se aliviados quanto a sua masculinidade. Podiam novamente cuidar racionalmente do mundo, sem ter que pensar em si mesmos. Afinal tinham coisas importantes para resolver...

MOSSE, que se ocupou de pensar o que ele chamou de 'masculinidade decadente', e que desenvolve a tese de que as crescentes pressões do final do século XIX produziram uma nova elevação do conceito de masculinidade, afirma que:

Esses novos homens da virada do século enfatizavam a juventude, a virilidade, o caráter decidido e a disciplina. (...) Que inimigos eram esses que davam à masculinidade uma urgência tão particular no fim do século XIX? A crise econômica, as agitações trabalhistas e a nova tecnologia, que pareciam acelerar ainda mais o tempo, forneciam o pano de fundo. (...) Temores de despovoamento e ameaças à saúde individual como a sífilis, a tuberculose e a histeria estava se tornando obsessão geral. A busca das mulheres por igualdade e independência, representava um desafio mais efetivo à posição social dos homens. Era porém um movimento que não atacava a essência da sexualidade masculina: 'não era uma objeção a homens másculos, contanto que homens e mulheres seguissem o padrão moral, e as mulheres pudessem participar da vida pública'.³⁴⁶

É sob a égide dessa herança simbólica que os homens das camadas médias dos anos 40 e 50 estão vivendo. Para serem homens precisam mostrar-se fortes e destemidos. E para que suas mulheres fiquem em casa precisam sustentar-se no lugar do provedor. Assim, é ele quem trabalha! Para os entrevistados, essa representação do papel feminino (a maternidade e o lar) estava tão arraigada que mesmo desempenhando algum trabalho remunerado, para eles, elas continuavam sendo "do lar".

Um dos entrevistados relata que a esposa era a maior coleteira da época. Tinha consciência de que "*ninguém fazia coletes tão bem como ela*" – elogia – mas,

³⁴⁵BIRMAN, op. cit., p.57.

³⁴⁶MOSSE, op. cit., p.292-293.

quando, em outro momento, lhe foi perguntado pela profissão dela, ele não hesitou na resposta: “do lar”. Outro, que também disse que a profissão da esposa é “do lar”, ao contar como era o trabalho remunerado dela, complementa com um elogio para dizer o quanto ela era competente: “Ela era uma profissional!”. E completa: “A minha esposa, olha o bordado dela [mostrando para a toalha que está na mesa]. Você não sabia qual era o avesso e qual era o direito. Ela ganhou muito dinheiro. Porque antigamente os enxovais da elite não vinham de São Paulo como hoje, eles queriam fazer em casa. Ela era profissional mesmo”.³⁴⁷

Apesar da memória desses entrevistados, em relação ao trabalho daquelas que se tornariam suas próprias mulheres, localizá-las no interior das casas, a historiografia vem mostrando a variedade de trabalho das mulheres curitibanas desde muito tempo antes da época que abrange o presente trabalho.³⁴⁸ Aquelas que precisavam ganhar dinheiro para a própria subsistência tinham algumas opções:

...nos empregos domésticos, livrarias, confeitarias, bares, lojas, salões, ateliers e escritórios. Atividades que exigiam andanças pela cidade também eram realizadas pelas mulheres na posição de leiteiras, floristas, vendedoras de verduras ou de bilhetes de loterias. Atuavam também como enfermeiras, parteiras e professoras. Algumas chegavam até as faculdades, recebendo diplomas em medicina, engenharia, direito, etc.³⁴⁹

Se diante dessa realidade, para esses homens, é difícil admitir que efetivamente as mulheres desempenhavam trabalhos profissionais – mesmo quando seu próprio discurso assim o apontava – isso sinaliza para o valor social do que significava ser homem, à época em que construíram sua masculinidade. Ser o

³⁴⁷Entrevista 11, Curitiba, 19 fev. 2000.

³⁴⁸GANZ, Ana Maria. Vivências e falas – trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

³⁴⁹Idem, p.95.

provedor do sustento da casa era o lugar do homem, ainda que o dinheiro também viesse do trabalho da mulher. Daí ser recorrente nos depoimentos entrever falas que indicam que assumir que tinha uma mulher que trabalhasse significaria colocar em risco a própria masculinidade.³⁵⁰

De acordo com essa construção de gênero, herança que receberam de seus pais, fracassar como 'provedor' era o mesmo que fracassar como homem. Nesse sentido, NOLASCO sustenta que:

A visão de mundo que os homens vão construindo se inicia com a crença em sua superioridade como gênero, gerada por meio da observação da dinâmica familiar entre seus pais e do tipo de relação que estabelecem entre si. Dos valores que vão sendo agregados à 'visão de mundo' estão a disciplina, o endosso à autoridade e à moral familiar, a 'idéia de morrer para fugir à vergonha da derrota ou do fracasso', a valentia, a coragem e a identificação com a hierarquia.³⁵¹

Nos depoimentos isso fica evidente quando eles demonstram maior facilidade em 'gabar' as atividades exercidas por suas cônjuges no âmbito doméstico. Quanto mais 'doméstico', ou seja, ligado ao que já era esperado que uma mulher fizesse em sua própria casa, mais aliviados pareciam se sentir quanto à manutenção de seu lugar de homens.

Assim, se uma mulher fosse coleteira, lavadeira, costureira, bordadeira, cozinheira, florista, verdureira... tudo parecia se manter equilibrado. Mas caso ela fosse, por exemplo, garçoneiro... bom, isso já se aproximaria muito mais do que seria considerado, para a época, como 'um trabalho de homem' ou de mulher

³⁵⁰Em seus estudos sobre 'mulheres no espaço fabril' Roseli BOOSCHILIA, diz que: "O trabalho feminino fora de casa era aceito somente diante de duas situações: quando a mulher era responsável pela manutenção de outras pessoas e, portanto, não tinha outra alternativa senão trabalhar: ou, ainda, quando ela não disputava espaço de trabalho com os homens". BOOSCHILIA, Mulheres..., p.114.

³⁵¹NOLASCO, O mito..., op. cit., p.74.

desqualificada, o que significaria um maior abalo quanto à moralidade das camadas médias da sociedade curitibana das décadas de 1940 e 1950.³⁵²

Desse ponto de vista, é inegável que os jovens assumiam o imaginário da época. A ele pertencia o mundo da rua, a ela o recolhimento da casa. Se ela não fosse 'do lar', sua honra estava em risco. Vale observar que a idéia de "lar" não se assentava apenas numa divisão técnica de tarefas, o "lar" vestia-se de todas as virtudes da intimidade em oposição ao mundo exterior, que encarnaria todas as desordens humanas e sociais.³⁵³

No dia-a-dia da casa, o diálogo e o carinho eram esperados da mãe. O pai era o modelo de *homem durão*, ou seja, sem muita conversa. Pai era para ser respeitado e não para conversar! *"A gente não contava onde ia... Mais ou menos eles desconfiavam. O meu pai não era de diálogo nenhum. Não tinha diálogo com os filhos. Agora minha mãe sim. Minha mãe tinha um gênio que era uma beleza. Gostava dos filhos"*.³⁵⁴

³⁵²Assim, nos anos 30, por exemplo, o trabalho das garçonetes, era muito criticado. Personagem nova no cenário da cidade, não eram reconhecidas como trabalhadoras, mas como 'mulheres-objeto' dos donos de bar. Dizia-se que os donos de bar que as contratavam, estavam 'usando-as' como "chamariz" para a freguesia, e isso tirava o "ganha pão" de muitos "chefes de família. GANZ, op. cit. Salvaguardando as diferenças em relação à temporalidade histórica, também podemos tomar como exemplo bastante ilustrativo um dos entrevistados de Lia MACHADO – numa pesquisa sobre a construção da masculinidade à partir de entrevistas a prisioneiros sentenciados por estupro – que vai dizer que mandou matar a mulher porque ela tinha se separado dele por não tê-lo obedecido quanto à sua ordem de 'parar de trabalhar fora'. Na última hora quando ela já estava amarrada e amordaçada por dois de seus amigos, ele decide resolver a questão estuprando-a. Na análise da autora, *"é por ser cabra-macho que estupra a mulher para restaurar a ordem que lhe parecia invertida: a mulher tinha poder e dinheiro porque trabalhava. (...) O que se sobressai na fala do entrevistado é a forte e densa articulação da montagem e da narrativa deste ato com a busca da reafirmação da identidade masculina"*. MACHADO, L. Z., op. cit., p.244.

³⁵³Para SEGALIN, o lar (*home*), a família, as relações pessoais e íntimas, a proximidade, o amor e a sexualidade legítima, a sinceridade e a moralidade estão no mundo privado; já o mundo exterior, o mundo do trabalho, das relações não familiares, impessoais e anônimas, movidas por um certo distanciamento, a sexualidade ilegítima e a imoralidade fazem parte da ordem pública. SEGALIN, Martine. A Revolução Industrial: do proletário ao burguês. In: BURGUIÈRE, André et al. **História da família**. Lisboa: Terramar, 1999. v.4.

³⁵⁴Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

No final da década de 1940, ROUZIC vai dizer:

Nas relações de família, o pai é fundador, chefe, providência, amparo e animador. Tudo deriva dele e tudo vai para ele. Pode-se-lhe aplicar, ainda, com mais razão do que ao imperador Augusto, o verso da Segunda Ode de Horácio: 'O pai é príncipe e rei dentro do lar. Quando lá está e compreende a sua nobilíssima missão, tudo prospera. Quando se ausenta, tudo vacila e extingue'.³⁵⁵

Era esse o modelo de hombridade a ser atingido para os rapazes dos anos 40 e 50. Ao mesmo tempo que para crescer rivalizavam um tanto com o pai, que então se tornava uma figura ainda mais distante, também se espelhavam nele. Afinal, era esse o modelo de homem sério e respeitado para aquela sociedade. sendo como os pais também seriam reconhecidos homens. Assim como para os entrevistados desta pesquisa, também para NOLASCO, "os pais [homens] da década de 40 e 50 são identificados como pessoas que não se interessam em, afetivamente, estarem ligados a seus filhos. Para essa 'linhagem' de pais, a estrutura de vida está centrada fora das fronteiras e das demandas familiares".³⁵⁶

Uma ambivalência a ser vivida pelos rapazes: tinham que se afastar do carinho da mãe para irem para o mundo e serem 'duros' como o pai. Ser aquele que trabalhava fora, ou seja, fora do espaço protegido da casa, significava um ato de bravura, ato que significava asseguramento da virilidade a ser inventada e sustentada no dia-a-dia. Já que a masculinidade não ficava pronta, devia ser reiteradamente garantizada a cada nova situação.

Com o final da Segunda Guerra aconteceu uma nova reafirmação do masculino. Este conflito bélico havia levado as mulheres, especialmente as do Hemisfério Norte industrializado, para as indústrias em substituição aos homens que estavam nas frentes de combate. Ao final dele se fez uma intensa campanha para que as mulheres voltassem para o lar, para que os homens retomassem os "seus"

³⁵⁵Citado por NOLASCO, *O mito...*, op. cit., p.151.

³⁵⁶NOLASCO, *O mito...*, op. cit., p.148.

lugares. Essa campanha que se deu nos Estados Unidos e Europa, também teve reflexos na sociedade brasileira.

A grande influência desse ideário chegava através das telas do cinema, que apesar de ser a ideologia da classe média, atingia todas as classes.

...a maioria das diversões populares e comerciais entre as guerras permaneceu em muitos aspectos sob a hegemonia da classe média, ou foi posta sob suas asas. A clássica indústria cinematográfica de Hollywood era, acima de tudo, *respeitável*; seu ideal social era o da versão americana dos 'sólidos valores da família'; sua ideologia era a da retórica patriota. (...) Os maiores trunfos de Hollywood – por exemplo, ...E o vento levou – baseavam-se em romances destinados à leitura de nível intelectual mediano da classe média...³⁵⁷

Era desse modo também que após a Guerra, uma ideologia norte-americana chegava aos curitibanos. Mesmo que para muitos faltasse uma possibilidade de reflexão crítica para avaliar o que se passava e para o que estavam sendo convocados pelas telas do cinema: *“Inclusive houve um tempo em que o pessoal admirava muito e acreditava naqueles filmes americanos”*.³⁵⁸

A ideologia do pós-Guerra e os profissionais de diversas áreas do conhecimento que entraram em cena com formulações científicas contribuindo para a produção de representações sociais acerca da 'natureza feminina', tendo como eixo básico a maternidade,³⁵⁹ favoreceram para que os rapazes se sentissem seguros de seu papel de futuros condutores dos rumos da família. Uma vez que deste modo introjetavam e sedimentavam em seu imaginário a idéia de que o compromisso único da mulher seria a realização de sua feminilidade através do lar,

³⁵⁷HOBSBAWM, **Era dos extremos**..., op. cit., p.324.

³⁵⁸Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

³⁵⁹ARCHANJO, Léa Resende. Ser mulher na década de 50 – representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.) **Mulheres na história**: Paraná - séculos 19 e 20. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997. p.168.

do marido e principalmente dos filhos. Enquanto ele se garantia como homem, ela era a dona-de-casa-ainda-feliz-com-seu-papel.³⁶⁰

Assim, na Curitiba resgatada pela memória, nos anos 40 e 50 a divisão de papéis, considerando o gênero, ainda não era alvo de debates e contestações. O trabalho doméstico e a maternidade eram encarados como uma atribuição *natural* da mulher. Os estudos de ARCHANJO,³⁶¹ dedicados à compreensão da mulher curitibana na década de 1950, reiteram que àquela época os significados do masculino e do feminino apareciam como naturais.

O recolhimento da mulher ao lar significava antes de tudo 'reconhecimento'. Para os homens, a mulher direita devia saber ser recolhida em todos os sentidos. Não deveria trabalhar, se insinuar aos homens... e nem freqüentar o ginecologista, já que seu corpo poderia ser visto apenas por um único homem: seu marido. A mulher devia ocupar lugar passivo de quem seria tutelada por um homem. Primeiro por seu pai e irmãos, depois por seu marido. Somente nos anos 50, em nome dos avanços da ciência em torno da própria maternidade, ela começou a deixar as parteiras. Desde então, a primeira consulta ao ginecologista geralmente acontecia a partir da primeira gravidez: *"Época de gravidez. A mulher estava grávida, ia consultar o médico, ginecologista. Então a época que a mulher deixou a parteira, e começou a consultar o médico"*.³⁶²

A idéia vigente de que o corpo da mulher pertencia ao marido faz com que, nos depoimentos, apareça a conotação depreciativa de que as que aceitavam ir ao médico sozinhas seriam liberais e, portanto, não honestas.

³⁶⁰SILVA, Alice Inês de Oliveira e. Abelinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Rebeldia e submissão**: estudos sobre condição feminina. São Paulo: Vértice, 1989. Citada por ARCHANJO, Ser mulher..., op. cit., p.159.

³⁶¹Idem, ibidem.

³⁶²Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

*para ir ao então ginecologista você falava... 'eh! Ginecologista. Quê? Minha mulher ir ao médico, mostrar lá a parte íntima para o médico? Não...' E as vezes saia comentário, 'essa aí vai ao médico...' Então mulher quando começava a ir ao médico e... para a cidade, uma, duas, três vezes... Opa! Já tinha cá uns elementos aí, que iam atrás para ver onde é que ela ia. Por curiosidade, porque tinha umas que freqüentavam o hotel também...*³⁶³

Assim, torna-se importante evitar as armadilhas do discurso e demonstrar as referências que orientam estas afirmativas. No discurso de homens que foram educados para 'gerenciar' as normas a serem seguidas por toda a família, a mulher honesta deveria estar "protegida" dentro de casa. Caso fosse vista nas ruas, certamente deveria haver uma boa justificativa atrelada aos seus afazeres domésticos. Era deste ponto de vista que as mulheres que estivessem nas ruas seriam avaliadas...

*É... tinha as mulheres também... Mas naturalmente com seus afazeres! Não se via mulher na rua... [ou melhor] Se via. Mas naturalmente, geralmente o pessoal do comércio, né? Dona de casa fazendo compras... as moças, assim... naquela época costumavam ter aula de piano. Elas se formavam professoras e [faziam] aula de piano.*³⁶⁴

Se fossem vistas em *dia de semana* tomando uma coalhada ou fazendo um lanche na Confeitaria Cometa, na Schaffer ou na Blumenau, *elas* certamente teriam certeza de que *elas* não teriam saído somente para isso. Para eles eram: "*Senhoras que saíam para fazer compras, né? Iam tomar uma coalhada, um lanche lá*".³⁶⁵

Quando se tratava de uma *moça*, o controle e o cuidado da família eram "redobrados"! Já não era o tempo da 'responsabilidade coletiva' das sociedades aldeãs que fazia recair sobre toda a família a honra e a desonra de cada solteiro,³⁶⁶ mas, mesmo assim, uma *moça* solteira deveria "saber se comportar" para não

³⁶³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³⁶⁴Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

³⁶⁵Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

³⁶⁶AGO, Renata. Jovens nobres na era do absolutismo: autoritarismo paterno e liberdade. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claud. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v.1. p.326.

“envergonhar” a família. Assim, no ‘olhar’ hierarquizante dos “rapazes”, as moças ‘direitas’ também raramente podiam ser vistas passeando nas ruas desacompanhadas. Se o mundo das mulheres, idealmente, era o espaço privado; então, quando uma moça estivesse circulando sozinha na rua XV, em horário comercial, em dia de semana, só poderia estar cuidando de alguma ‘obrigação’: talvez pagando uma conta, comprando algum aviamento para suas costuras ou bordados ou ainda, voltando do trabalho ou do colégio.

Mesmo assim, desde o ‘olhar’ dos rapazes essas ‘mocinhas recatadas’ não pareciam estar muito ‘conformadas’ com essa condição. Ao contrário, esse *controle* parecia torná-las mais criativas quanto aos “motivos” para passar pelo burburinho das ruas, onde, aliás, estavam seus pretendentes: “...o problema delas era ter motivo para poder estar desfilando na rua XV. Como o correio ficava na extremidade da praça Santos Andrade... Então o motivo era entregar a carta no correio. Mas só que elas iam duas, três vezes...”³⁶⁷

Já que elas, durante a semana, só poderiam estar circulando pelas ruas se fosse para cuidar de alguma tarefa ou ‘obrigação’, levar uma carta ao correio poderia ser uma desculpa bastante apropriada para convencer os pais e a sociedade de que elas continuavam “bem comportadas”! Moças de respeito que somente seriam vistas pelas ruas por um justificado motivo. E, certamente, esse motivo não poderia ser o de lançar olhares aos pretendentes! Uma mulher se recolhia, não “se oferecia”.

Na memória dos entrevistados é recorrente a idéia de que as moças deveriam estar ‘preservadas’ no lar, para quando ‘eles’ viessem buscá-las para o casamento. Havia a idéia de que nem mesmo em casa podiam ficar sozinhas: “[os pais] não davam muito espaço! Era o jeito de conduzir a moça até o

³⁶⁷Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

casamento...".³⁶⁸ O lugar da moça era em casa junto com a mãe: "*Não, menina não! Ficavam em casa. Menina não saia como sai hoje, não. Ficava junto com a mãe*".³⁶⁹

Essas afirmativas demonstram a concepção de uma mulher frágil, em perigo constante. Situação na qual estavam diretamente envolvidos, pois caso a moça 'de família' não fosse efetivamente vigiada, corriam o risco de serem afetados em sua honra, se viessem a namorar 'sério' ou casar-se com esta moça. Em função disso, eles também vigiavam as moças.

Torna-se compreensível, assim, porque a frase: "*as moças só iam se fossem acompanhadas dos mais velhos*",³⁷⁰ foi bastante comum ao longo dos depoimentos. Isso significava dizer que em suas expectativas de rapazes, as moças casadoiras deveriam sempre estar sob vigilância de alguém mais velho. Afinal eles estavam diretamente interessados na virgindade da moça com a qual viessem a se casar!

Se a virgindade era um atributo para que uma moça tivesse direito ao casamento e, em contrapartida, dos rapazes esperava-se uma iniciação anterior, torna-se claro que a família, apesar das reservas generalizadas quanto ao sexo em si, lidava de modos bem diferenciados quanto à sexualidade de moças e rapazes. Mesmo dentro de todos os recatos da família quanto ao sexo, os rapazes percebiam que deles era esperada uma conduta de *conquistador*, enquanto a moça se ofereceria para ser conquistada e desvirginada.

Neste contexto o sexo, na família, estaria reservado ao casal. Para ser praticado sem ruídos e, de preferência, depois que os filhos estivessem dormindo. Não falar com os filhos sobre sexo era uma maneira de transmitir que isso era para ser tratado entre os casados. Mas, paradoxalmente, a mãe acabava sendo aquela que tinha os indícios sobre a vida sexual dos rapazes, pois era ela cuidava da roupa

³⁶⁸Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

³⁶⁹Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

³⁷⁰Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.; Entrevista 12, Curitiba, 18 fev. 2000.

de todos da casa. Assim, uma cueca que não aparecesse para ser lavada podia ser um sinal de que o rapaz contraíra algum tipo de doença venérea... Uma camisinha também poderia ser encontrada no bolso – o que era raro na época. Mesmo assim, não era a mãe quem falaria sobre o assunto com o filho. Ela falaria ao marido, que investigaria a situação com o filho. Porém, mesmo pai e filho, não conversariam sobre a vida sexual do rapaz, o pai geralmente se referia ao tratamento da doença.

Considerando esses códigos da época, a iniciação do rapaz não poderia ser com moças casadoiras. Deflorar ou engravidar uma moça ‘de família’ poderia significar cadeia ou casamento obrigado, caso a moça fosse ‘de menor’. Mesmo quando ela tivesse atingido a maioridade, o casamento era uma forma de reparar o erro cometido. Por conta da manutenção do *respeito* necessário a essas moças algumas histórias ‘pedagógicas’ corriam de boca em boca: *“Houve um caso em que o sujeito deflorou a moça, e não quis casar. O pai dela pegou ele na rua, na Mal. Floriano – entre a Mal. Deodoro e a XV – derrubou ele no chão e castrou o cara! Na calçada!”*³⁷¹

Então, mesmo que o rapaz se saísse bem como conquistador, havia o pai da moça, ou seja, não estava em jogo apenas a masculinidade do rapaz – que seria reafirmada com a conquista – havia também a honra de um outro homem em questão: o pai. E se o respeito a uma moça passava pela família, o sustentáculo se fazia representar no pai. Moça acompanhada significava, para o rapaz, que ela tinha uma família. O que, para ele, funcionaria como uma interdição ao sexo. A essa moça ele não poderia ‘fazer mal’.³⁷²

Mesmo assim, uma certa ambigüidade prevalecia no próprio interior dos ‘lares’ onde discursos diferentes valoravam a ação masculina. Quando eles ‘brincavam’ com as primas ou as vizinhas, a mãe reprovava mas o pai incentivava: *“o pai incentivava, né... O pai dizia: ‘Ela que cuide das filhas dela, meu filho é*

³⁷¹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

³⁷²Expressão que significava ‘ter relações sexuais com a moça’.

*homem'. Já a mãe pensava diferente: 'não, você tem irmã também, tem que se cuidar. O que você não quer pra sua irmã, não faça para as outras'.*³⁷³

As empregadas domésticas, ao mesmo tempo que estavam presentes no espaço da família, não eram *moças pra casar*, pois elas mesmas não tinham família. Longe de seus familiares e da cidade de origem, estariam vulneráveis aos rapazes. Na memória deles, pelo fato de elas geralmente morarem na casa das patroas e muitas vezes sofrerem maus tratos, se sentiam sozinhas e livres o suficiente para seguir apenas as próprias pulsões. Assim, iniciavam o filho da patroa, dentro da própria casa. *"Algumas pegavam o filho menor, de 13, 14 anos, e iniciavam o menino para transar. Que elas estavam lá sozinhas, eles iam lá brincar com elas, brincavam, aquelas brincadeiras, acabavam..."*³⁷⁴ Podemos supor que a própria família sabia desses acontecimentos mas tinha interesse em virilizar o rapaz. A empregada por sua vez poderia, nesse ato, estar exercendo uma autonomia que ela não tinha em relação ao comando da casa.

Quando buscavam uma namorada para casar, os depoimentos indicam que eles buscavam na família dela os mesmos valores de sua própria família. Por isso, namorar uma moça cuja família já fosse conhecida não era interesse dos pais apenas, mas uma maneira segura que o rapaz encontrava para não se enganar quanto a honra da moça. Quando um rapaz se interessasse por uma moça cuja família não conhecesse, ao se aproximar da família, durante o namoro, estaria avaliando também a família. *"Eu achei interessante que a família dela é mais ou menos igual à minha. O pai dela é brasileiro, a mãe italiana. Meu pai a mesma coisa: brasileiro e a minha mãe italiana. Então, eu entrei na família assim e gostei. Uma família que para mim serve... Eram boa gente... Pra casar tem que conhecer a família"*.³⁷⁵

³⁷³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³⁷⁴Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

³⁷⁵Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

Muitas vezes essa que seria a **mãe** de seus filhos – ao modelo de sua própria mãe – ficaria em um lugar tão idealizado que se tornaria difícil tomá-la como objeto sexual. Para NOLASCO, os homens “divinizam as mulheres, transformando-as em musas e rainhas, para assim poderem se enamorar de suas próprias fantasias. É um confinamento arbitrado para evitar entrar em contato com o desconhecido e o imponderável. A intimidade, o corpo e a erotização ficam de fora deste jogo, aliviando o medo da indiferenciação e da falta de intimidade”.³⁷⁶

Um fragmento de um dos depoimentos nos revela um pouco mais desse ‘olhar’ dos homens sobre as mulheres potencialmente esposas e, portanto, potencialmente mães:

*No nosso tempo, as mulheres eram idolatradas, as mulheres viviam num altar! Era coisa assim que se respeitava! A gente achava que as mulheres eram todas maravilhosas! (...) O sujeito pensava na moça, digamos, em termos de casar! Então até criava, às vezes, um certo problema, porque mesmo... ele às vezes não via bem aquela moça... do ponto de vista sexual, como poderia ver outra, né! As mulheres eram tão idealizadas, que isso até talvez atrapalhasse um pouco! Porque ele não a via como objeto sexual, e sim estava vendo como a futura mãe dos filhos dele.*³⁷⁷

O primeiro objeto de amor para qualquer homem é também a primeira mulher amada: a mãe. Estudos antropológicos mostram que, em diferentes culturas, essa mulher lhe será interdita – proibição do incesto. Pois, essa mulher pertence a outro homem, que na família tradicional se representa no pai. Para a formação da identidade num homem, uma das conseqüências que daí se depreende é que a mulher que seria escolhida para tornar-se a **mãe** de seus filhos poderia representar, como mãe, uma mulher interdita como objeto sexual. É o que aparece também

³⁷⁶NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.70.

³⁷⁷Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000. Freud se refere a um ‘protótipo materno de escolha de objeto’, dizendo que as escolhas do homem adulto podem derivar da fixação infantil de seus sentimentos de ternura pela mãe da infância. “...a **libido** que permaneceu ligada à mãe por tanto tempo, mesmo depois do início da puberdade, que as características maternas permanecem impressas nos objetos amorosos que são escolhidos mais tarde”. FREUD, **Um tipo...**, op. cit., p.152. Consultar também: **O tabu da virgindade – contribuições à psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v.11. (Obras Completas).

neste depoimento: *“O sujeito pensava na moça, digamos, em termos de casar! Então até criava, as vezes, um certo problema... as vezes não via aquela moça do ponto de vista sexual, como poderia ver outra... Porque ele não a via como objeto sexual, e sim estava vendo como a futura mãe dos filhos dele!”* As irmãs faziam parte igualmente das mulheres interditadas. MALINOWSKI discorre sobre o embaraço inicial de um rapaz diante das mulheres:

Em suas relações com pessoas de outro sexo, ocorre de início algo semelhante à sua atitude para com a mãe e a irmã; um certo embaraço e a polaridade de atração e repulsão. Sente que a mulher capaz de exercer profunda influência sobre ele o alarma, enchendo-o de suspeitas. Percebe nela um perigo para sua nascente independência e masculinidade.³⁷⁸

Na memória dos entrevistados, as mães, ao ‘educar’ os rapazes, costumavam utilizar uma frase bastante contundente: *“não, você tem irmã também, tem que se cuidar. O que você não quer para tua irmã não faça para as outras”*.³⁷⁹ O que pode ser pensado como uma estratégia para interditar o exercício do sexo com as ‘moças de família’ até o casamento. Desse modo, para os rapazes era a família que instituía o ‘respeito’ para com as moças casadoiras: *“naquele tempo tinha respeito”*³⁸⁰ ou, *“o comportamento era sempre dentro da ética e da moral. A gente respeitava muito as moças. A maioria, desse meu grupo, tinha irmãs, então a gente tinha um grande respeito, porque a gente não desejava para as outras o que não desejava para as nossas irmãs”*.³⁸¹

Nesse discurso inibitório, segundo a percepção dos rapazes, ficava a idéia de que eles não deviam desejar sexo com as mulheres de família. O que nos mostra

³⁷⁸MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis: Vozes, 1973. p.62

³⁷⁹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999. A rememoração desse dito materno foi recorrente entre vários entrevistados.

³⁸⁰Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

³⁸¹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

a afirmação da dupla moral em relação às mulheres que agora tornam-se objeto de desejo para os rapazes em tempo de iniciação sexual. O que de certa forma mais uma vez, mostra o quanto os prostíbulos eram necessários para a manutenção da figura da *'mulher de família'*.

Assim, a construção de gênero, para esses rapazes implicava na existência de um homem e duas mulheres: a *'prostituta'* e a *'honesta casadoira'*. Nos depoimentos eles não paralelizam condutas diferentes, dirigidas, em tempos ou momentos diferentes à mesma mulher, ao contrário, suas diferentes condutas estão destinadas a diferentes *'seres'*.

A família, tal como concebemos, funciona como grande fonte provedora e catalizadora dos afetos dos homens. Há sobre eles uma aura de santificação. Será à partir dessa percepção que os homens conceberão suas próprias famílias, sendo que à esposa estará reservado o lugar da mãe. (...) a mulher *'santa'* será utilizada como referência para o modelo de esposa, e a *'prostituta'* servirá para o prazer.³⁸²

Deste modo, com uma *'moça de família'*, um beijo no cinema era uma transgressão. E muitos deles que, nos ambientes *'de respeito'* (onde estavam as *'moças de família'*) desempenhavam o papel de *'bons meninos'*, levavam isso muito a sério: *"Eu nunca beijei no cinema. Nem a namorada, nada! Naquela época era um respeito, né? Tinha um respeito que os homens tinham pelas mulheres..."*³⁸³

Diante desse rigor, o risco de transgressão tornava-se grande. Justificava-se, assim, a necessidade de um certo distanciamento, e com isso, o *"respeito"*, funcionava como uma barreira às vorazes pulsões. Os modos civilizados esperados para um rapaz, nessa realidade de convivência com as *'moças casadoiras'*, exigiam porém, que seu desejo por uma moça aparecesse de forma discreta e não deflagrada.³⁸⁴

³⁸²NOLASCO, *O mito...*, op. cit., p.69 e 104.

³⁸³Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

³⁸⁴ELIAS, op. cit.

*Eu não digo que a gente não sentia atração pelas amigas da gente, pelas moças, né? Mas, naquela época o respeito era muito grande... (...) não se falava em sexo muito. Até entre homens... entre os homens se falava. Mas com mulher não tinha, com a moça não tinha... Era o maior respeito. Eu respeitava muito as moças porque eu tinha irmã. Agora os rapazes que não tinham irmã, que tinham mais liberdade, já saíam mais... com conversas diferentes...*³⁸⁵

O tão propalado 'respeito' dava conta da manutenção de uma imagem de homem. Fazia parte do papel masculino ser o 'guardador da honra' de uma mocinha. Deste modo ele sustentaria, diante de outros, sua própria imagem de homem honrado.

O sentimento de honra tem importância em relação aos outros e é a defesa de uma certa imagem de si destinada aos outros.³⁸⁶ A construção e a sustentação de uma imagem de si perpassam todo um jogo de interações que funcionam como diapasão deste valor de si. Considerando a memória dos entrevistados, para os valores de então, os "modos" de uma moça eram reflexo dos valores sustentados por sua família. Logo, a índole ilibada de uma moça escolhida para o 'namoro sério' ou para o casamento refletia a honra de um homem. O que os faz enfatizar o interesse dos homens na manutenção do respeito: *"as mulheres também respeitavam. Mas eu acho que o respeito maior partia dos homens para as mulheres"*.³⁸⁷ A imagem de uma mulher tinha interferência direta na imagem de um homem e sua família.

Para BOURDIEU, o sentimento de honra encontra sua razão de ser no senso de sagrado, e o sagrado não existe senão através do senso de honra.³⁸⁸ O que torna, então, um grupo ou um homem vulnerável é o que ele tem de mais sagrado. Se para o homem era a família, e principalmente a mulher, o que ele tinha de 'sagrado', era a 'vergonha' feminina que assegurava sua 'honra' masculina. Assim, os 'modos' da mulher ou da filha tornavam vulnerável a imagem do homem. Ou seja, sua imagem de

³⁸⁵Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

³⁸⁶BOURDIEU, Pierre. Senso de honra. In: CORRÊA, M. **Três ensaios sobre a Argélia e um comentário** (série "textos didáticos"). Campinas: IFCH/UNICAMP, 1995. p.63.

³⁸⁷Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

³⁸⁸BOURDIEU, op. cit., p.65.

homem tinha estreita dependência dos 'pudores' de sua mulher. PITT-RIVRES,³⁸⁹ diz que "os estudiosos dos pormenores das relações pessoais fazem notar que um dos tópicos de mais interesse que lidam consiste nas maneiras como as pessoas tentam obter doutros a ratificação da imagem que acalentam sobre si próprios".

Por isso quando um rapaz desejava propor namoro a uma moça, ele também considerava o modo como ela era vista pelos outros rapazes: "*normalmente ele perguntava 'você conhece fulana de tal?' 'É, ela namorou com fulano lá, mas ela sempre estava junto com a mãe, com a tia, com a irmã'. Então ele já sabia que ali era muito difícil de ter havido qualquer coisa*".³⁹⁰ Deste modo, no jogo de reconhecer e se fazer reconhecido pairava sempre uma ameaça: a perda de um lugar aos olhos daqueles que representavam a garantia deste lugar. Para o rapaz das décadas de 40 e 50, casar-se com uma moça virgem, por exemplo, era um valor a ser sustentado diante do olhar de outros homens. "*Era uma questão de honra. (...) Então Deus me livre o camarada daquela época dizer 'eu vou casar com uma mulher que já andou com outro', de jeito nenhum. 'Isso me desmoraliza'. Fico desmoralizado perante meus colegas, meus amigos, e tal*".³⁹¹

Para PITT-RIVERS,

a honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos mas também aos olhos da sociedade. É sua apreciação de quanto vale, de sua pretensão a orgulho, mas é também o reconhecimento dessa pretensão, a admissão da sociedade da sua excelência, do seu direito a orgulho. (...) O direito ao orgulho é o direito a certa forma de tratamento. O direito ao orgulho é o direito à posição social e a posição social estabelece-se pelo reconhecimento de uma certa identidade social. (...) A honra fornece, portanto, um nexo entre os ideais da sociedade e a reprodução destes no indivíduo através de sua aspiração de os personificar.³⁹²

³⁸⁹PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J.G. **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. p.13.

³⁹⁰Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

³⁹¹Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

³⁹²PITT-RIVERS, op. cit., p.13.

É por isso que no olhar ‘DELES’, não era muito aconselhável confiar nelas, uma vez que as condutas ‘DELAS’ representavam um risco em relação ao que eles tinham de mais precioso, sua honra. Conseguir manter sob controle as condutas desejáveis a uma mulher significava, para um homem, assegurar sua própria masculinidade; o contrário significava perder sua honra, ou seja, seu ‘ser’ de homem, sua masculinidade.

Como tem sido mostrado, um menino tinha que ‘provar’ que era homem encarregando-se de um ‘fazer’ na esfera pública: das aventuras de meninos até o trabalho que o transformaria em um provedor, ao modelo de seu próprio pai. Por outro lado, esse processo de virilização não estava alheio às regras da casa, ou seja, do que era sustentado na família.

Percebe-se, através da rememoração dos entrevistados, que os valores de sua família primária aparecem como balizadores para suas vivências juvenis e como estrutura modelar na constituição de sua própria família. Assim, pode-se dizer que o processo de masculinização para um rapaz se dava também na transição de uma família a outra. Um menino tornava-se homem durante um processo de travessia que implicava a saída da ‘casa da mãe’ e a fundação de sua própria casa. E, ao modo do pai, teria conquistado uma mulher e as ‘condições’ para sustentar sua nova família.

2.3.1 A Sociabilidade dos Jovens: os Rapazes e as ‘Moças de Família’

*O clima da juventude naquela época era mais por esporte, futebol, era cinema, não tinha assim esse negócio de droga, bebida alcoólica, bebia-se uma vez ou outra, mas era mais cinema, divertimento, bailinho, festa de aniversário – esse era o clima.*³⁹³

Para a época, as regras eram bem delimitadas e o universo da diversão não era muito amplo: “O meu tempo de juventude então a diversão era futebol e baile. Não tinha outra coisa. E a gente ia num cinemazinho, né?”

³⁹³Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

Para moradores dos bairros “*passar era só no centro, não tinha outra coisa... Ou na festa de Igreja, nos bairros*”. Para os moradores dos bairros mais distantes, desfrutar desse universo seria sinônimo de percorrer longos trajetos. Um entrevistado que na época de sua juventude era morador da rua Salgado Filho, por exemplo, além de frequentar os espaços de seu bairro, frequentava também os cinemas no centro e as festas na Igreja de Santa Felicidade.³⁹⁴

Esses longos trajetos eram percorridos de ônibus ou a pé – algumas regiões contavam também com bondes – isso não significava, porém, motivo de tristeza para esses jovens. Entre os amigos, tudo era motivo de ‘festa’! É assim no relato do morador da Salgado Filho: “*Vinha à pé, voltava à pé... era festa! Ainda mais em turma, assim... era uma beleza! Quando tinha festa, ia passear na festa. Reunia 4, 5 numa festa, ia lá paquerar as moças... Essas festas de igreja... Ah, uma beleza! Tinha churrasco, tinha doce...*”³⁹⁵

Vale dizer que as longas caminhadas a pé era para rapazes. Quando estavam acompanhando uma moça, tomavam ônibus. As moças eram cuidadas como criaturas frágeis. “*Moça não podia andar como a gente. A gente anda, moça não. A gente andava a noite inteira, mas a moça não, né?*”³⁹⁶

Já foi dito que uma moça ‘direita’ deveria estar sempre acompanhada em público. Mas, ao ‘dar-se a ver’ na saída do colégio, no *footing* na rua XV, nas festas, nos cinemas ou nos bailes, os rapazes tinham o direito de abordá-las. Numa posição pseudo-passiva elas se colocavam no lugar de objetos a serem apreciados e desejados. Caberia a eles a contrapartida: conquistá-las. Deste modo tanto eles quanto elas preservavam e asseguravam seus diferentes lugares, nas condutas

³⁹⁴Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

³⁹⁵Este entrevistado conheceu a esposa numa dessas festas. “*Conheci lá em Santa Felicidade. Morando na Salgado Filho. Para você ver como é que a gente andava, né?*” Conversou com ela pela primeira vez um mês depois, em outra festa: “*...eu estava numa festa lá no Barigüi, aqui no Seminário*”. Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

³⁹⁶Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

próprias de cada um. Sob o testemunho dos familiares, elas se colocavam disponíveis enquanto eles se empenhavam para conquistá-las. No flerte, eles diziam ‘gracejos’ para elas. Era o que acontecia quando elas passassem por eles no *footing* na rua XV, por exemplo. Esse ‘gracejo’ geralmente seria uma exaltação à beleza delas. “O *footing* era – os rapazes e as moças passeando na rua XV, ficavam passeando de lá para cá, o flerte, era assim...”³⁹⁷

Passear pela rua XV do novembro, na época, era como se colocar na ‘vitrine’ da cidade. Os rapazes poderiam ver as moças passando pela XV em duas oportunidades quase cerimoniais: de carro, freqüentemente acompanhadas de toda a família, após a missa dos domingos no final da manhã ou no *footing* nos finais da tarde, também nos domingos. Para o *footing*, as moças iam em grupos de moças ou com a própria família – as moças andavam na frente e os mais velhos vinham atrás. Enquanto elas passavam, eles, que estariam acompanhados de mais dois ou três amigos, ficariam parados perto das lojas vendo-as passar. “*Segurando a parede*”, dizia um entrevistado.

As sessões de matinê, entradas e saídas dos cinemas(noite); os bailes, nas Sociedades ou nos Chás da Engenharia eram outras oportunidades de encontro entre rapazes e moças na cidade da época.

Cinema: ‘matinês’, liberdade para as moças

O cinema – veiculador dos valores da classe média para todas as idades – para os rapazes tinha se tornado um local de encontro com as namoradas ou ‘possíveis’ namoradas. Nas sessões de matinê aos sábados e domingos eles poderiam tentar colocar em prática, agora com as “mocinhas” da realidade, o que anteriormente já teriam apreciado nas telas. Haveria, porém, uma acentuada diferença entre os vesperais e as sessões noturnas.

³⁹⁷Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

Os freqüentadores das sessões noturnas eram geralmente famílias ou turmas de rapazes: *ia só a gente*. “Quando tinha namorada ia ao matinê”, afirma um depoente.³⁹⁸ As moças, no horário noturno, deveriam estar acompanhadas da família ou alguém mais velho, ou seja, alguém da confiança dos pais. Geralmente uma tia ou uma vizinha: “A noite só acompanhadas dos pais”.³⁹⁹ Ao contrário, a moça deixaria de ser interessante para um rapaz, pois, significava que a família não estava desempenhando seu papel de sentinela da virgindade daquela moça.

Segundo a rememoração dos entrevistados, o cinema à noite não era muito freqüentado por jovens. Eles preferiam às matinês, pois o filme era de interesse secundário, uma vez que a motivação principal eram os “flertes” entre pretendentes e os encontros entre namorados.

De algum modo, as sessões de matinê representavam um pouco da liberdade que as moças da época podiam usufruir. Assim, era comum que as moças fossem à uma sessão de matinê, nas tardes de sábado e domingo, em companhia de amigas tendo marcado encontro com os namorados previamente. De praxe, ela chegava antes e guardava lugar para ele. “Elas não sentavam. Elas levantavam o acento, e ficavam de frente para a entrada do cinema, na cadeira delas. Ficavam encostadas ali. E a gente passava, né? Quando a gente tinha namorada, então o ponto de encontro era a matinê. Marcava tal hora, tal cinema, e tal lugar... ‘estou lá, você veja lá...’, guardava lugar para a gente...”⁴⁰⁰

Nesses ‘vesperais’ a família liberava um pouco mais, já que, para a época, o sexo estava associado à noite, ao escuro.

³⁹⁸Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

³⁹⁹Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

⁴⁰⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

Depois que já estava um namoro assim, mais ou menos firme, convidava a moça para o matinê do domingo! (...) Sim, porque veja, não era tão arriscado deixar a menina ir ao matinê com o namorado, porque era a tarde! E não tinha o que fazer! Primeiro que ninguém tinha automóvel! Um ou outro que podia dispor de um automóvel. Não tinha... mesmo que quisesse fazer alguma coisa, primeiro que a moça não ia querer, mas, segundo, não tinha onde levar! Assim se quisesse aprontar alguma...⁴⁰¹

Na memória dos rapazes, na época, pensava-se que durante o dia não haveria perigo de um envolvimento sexual entre namorados. *“Que era o dia... aí dependendo do tempo...[de namoro] como era a tarde, podia ir sozinho [o casal], às vezes ia uma prima, um ‘chaperone’ qualquer... uma vela! ...é o que se usava antigamente para acompanhar a moça solteira! Era a vela!⁴⁰²*

Algumas famílias permitiam, em caso de o namoro ‘firme’, que o casal fosse à matinê sem o “chaperone”.⁴⁰³ Caso não deixassem, as moças poderiam inventar uma “mentirinha” sem maiores consequências para sua reputação. *“No matinê era mais liberado, a família deixava. Ou dizia que ia com uma amiga e encontrava o namorado! Isso conforme o grau de intimidade, de avanço”.⁴⁰⁴*

Para outro entrevistado:

Tinha a matinê do sábado, a matinê do domingo, que já era uma coisa que os namorados iam, e tal, né? Mas em geral acompanhados. Era muito comum ir a moça com o rapaz e a irmã da moça, ou a amiga da moça, para acompanhar. Era muito mais raro ir só o casal. Mesmo na matinê... quando era noivo já tinha um pouco mais de liberdade, mas também não era muita.⁴⁰⁵

⁴⁰¹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁴⁰²Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁴⁰³Corruptela da expressão francesa ‘Chaperon’, deriva de ‘chape’, que tem sua raiz em ‘capuchon’, que no sentido comum significa “pessoa (geralmente de uma idade respeitável) que acompanha uma jovem ou uma jovem senhora para cumprir uma conveniência social”. O verbo, ‘chaperonner’, deriva de ‘chaperon’ (chapéu), quer dizer ‘cobrir com o chapéu’. O sentido figurado do verbo data de 1835, e significa: ‘Acompanhar uma jovem na qualidade de ‘chaperon’. Exemplo: “Jeune fille chaperonnée par sa tante”. ROBERT, Paul. **Le Nouveau PETIT ROBERT**. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

⁴⁰⁴Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

⁴⁰⁵Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

Nesse tempo em que a família exercia um controle bastante rigoroso sobre seus membros,⁴⁰⁶ para evitar que os jovens “passassem dos limites”, os casais de namorados deviam ir ao ‘cinema’ [entenda-se sessões noturnas] acompanhados. “*No cinema ia com minha sogra ou com minha irmã*”, afirma um depoente.⁴⁰⁷ Neste contexto, um beijo no cinema poderia significar falta de respeito para com uma moça. “*Eu nunca beijei no cinema*”, afirma categoricamente outro.⁴⁰⁸ Mesmo os produtores de Hollywood estavam assegurados por um código que limitava o tempo permissível dos beijos na tela (de boca fechada) a no máximo 30 segundos.⁴⁰⁹

É lembrado também que para que uma moça pudesse ser convidada por um rapaz para o cinema à noite sem quebrar o código do ‘respeito’, era necessário que o relacionamento já representasse um forte laço de compromisso, ou seja, ‘namoro sério’. “*Para marcar encontro e ir ao cinema, tinha que ser com namorado só. Já existia um relacionamento*”.⁴¹⁰ E, para os rapazes, sentar ao lado de uma moça no cinema não era apenas ocupar uma cadeira disponível, era uma conduta que tinha o significado de uma certa intimidade ou de pretensões a um possível relacionamento amoroso. Quando um rapaz encontrava uma amiga no cinema, “*podia encontrar, cumprimentar, mas não sentava ao lado dela*”. Já numa sessão de matinê era possível sentar-se perto dela, mas “*tinha que ser conhecido. A gente não era tão atirado assim de sentar do lado de uma desconhecida! (...) Eu não digo que a gente não sentia atração pelas amigas da gente, pelas moças, né? Mas, naquela época o respeito era muito grande*”.

⁴⁰⁶PROST, Antoine. A família e o indivíduo. In: PROST, Antoine; VICENT, Gérard (Org.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 5. p.77.

⁴⁰⁷Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁴⁰⁸Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

⁴⁰⁹HOBSBAWM, **Era dos extremos...**, op. cit., p.324.

⁴¹⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

Bailes: proximidade tutelada

Para os rapazes da época, os bailes tinham grande significado simbólico. Ter acesso ao baile significava ser reconhecido em seu direito de usufruir o mundo social adulto, freqüentado pelas famílias. Nos salões de baile eles se embeveciam com o 'glamour' das moças e senhoras e também com a imponência das instalações. "*O salão do Curitibano era uma maravilha! Cada reposteiro, cada cortina, o pé direito devia dar uns 10m de cortina!*"⁴¹¹ Alguns diziam que o baile já valia a pena só pelo privilégio de poder observar a *toilette* das moças e mulheres presentes num baile. "*As moças iam todas pintadas, bonitas, bem vistosas, e tal...*"⁴¹² Com efeito, uma publicação do Clube Curitibano descreve esse ambiente:

Nessa década [1950] a associação parecia curvar-se ao império da mulher, o Curitibano mostrava-se sensível aos encantos femininos, sua graciosidade, seu "charme". Dizia-se que grande parte dos freqüentadores do Curitibano o faziam para namorar suas instalações, gente que o freqüentava e para "ficar olhando" a beleza e a elegância impressionante das jovens ali presentes e das senhoras que ali aportavam, *como se assim alimentassem o próprio espírito*.

Principalmente para os bailes à rigor, a apresentação era impecável! "*Ninguém ia de qualquer jeito nos bailes*", conta um entrevistado. É importante fazer notar que a beleza da *toilette* de uma mulher nos bailes também remetia ao *status* da família, já que para os homens imperava a obrigação dos trajes sóbrios. "*E se faziam trajes de baile, vestido novo, que na época ninguém ia da camisa não, ia com indumentária oficial – traje completo*", conta outro. Preparar-se para o Baile da Primavera, por exemplo – baile famoso e dos mais importantes da cidade – era um acontecimento à parte: "*No Baile da Primavera era vestido longo e trajes feitos especialmente para ir ao baile*".⁴¹³

⁴¹¹Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

⁴¹²Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

⁴¹³Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

Geralmente eram os bailes comemorativos que exigiam traje à rigor, ocasiões especiais como a chegada da primavera, natal, *réveillon*, carnaval, aniversário da Sociedade. Dentre os mais procurados bailes de formatura, já assinalados anteriormente, estavam os bailes das três maiores faculdades da cidade: o da 'Safira', o da 'Esmeralda' e o do 'Rubi'. Além dos bailes comemorativos, que se davam mais raramente, haviam outros freqüentados com traje passeio. "*Esses bailes eram quase todos os sábados. Domingo tinha, as vezes a matinê para a criançada*".⁴¹⁴ Quando não tinha um baile importante no clube, tinha matinê para as crianças à tarde ou *soirée*, para os jovens, à noite. Começava no final da tarde e se estendiam até por volta de 22h. Eram também conhecidas como 'domingueiras vespertinas', realizadas nos principais clubes. Aconteciam no clube Curitibano, na Boate Encantada, na então chamada Sede Campestre Barão do Serro Azul, na avenida Getúlio Vargas; no Círculo Militar, em amplas instalações no Largo Bittencourt; na sociedade Thalia, também com amplos e belos salões na Comendador Araújo; todos atraindo suas respectivas alas jovens. Essas domingueiras tinham início às 16 horas e se prolongavam até às 22horas.⁴¹⁵

Paralelamente "*...tinha o famoso Chá dançante de Engenharia aos domingos na Sociedade Duque de Caxias que era ali na rua Dr. Muricy*".⁴¹⁶ Entre os outros chás-dançantes promovidos pelos órgãos de classe dos universitários,⁴¹⁷ era

⁴¹⁴Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁴¹⁵FRANÇA, A. T. A bela época dos chás dançantes. **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, v.63, n.40, 1999. Um entrevistado também se lembra do Chá Dançante do Curitibano. "Agora teve o Curitibano. Teve a época que ele tinha um chá, mas esse era assim, era chá às 5 da tarde. Você dançava das 5 às 8, por exemplo. Tinha um chá. Chá Dançante... até tinha chá e bolachina... No chá da engenharia não tinha nada de chá". (Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000).

⁴¹⁶Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

⁴¹⁷Também promoviam chás-dançantes o Centro Acadêmico Hugo Simas - CAHS, de Direito, na rua Marechal Floriano, entre as ruas Pedro Ivo e André de Barros; o Diretório Acadêmico Nilo Cairo - DANC, de Medicina, na rua Monsenhor Celso, quase esquina da praça Carlos Gomes (depois mudou-se para a rua Ébano Pereira) e o centro Acadêmico de Farmácia, na rua Coronel Dulcídio, entre as ruas Dom Pedro II e Comendador Araújo.

o mais badalado salão de danças nas noites dos domingos, iniciando-se às 20 horas, e estendendo-se até por volta de meia-noite. Depois do footing na rua XV ao cair da tarde muitos se dirigiam para os salões da Sociedade Duque de Caxias, na esquina das ruas José Loureiro com Dr. Muricy. O baile era tradicionalmente animado pela Orquestra do Genésio,⁴¹⁸ a maior e mais conhecida da cidade. *“Tinha mais de quinze músicos,”* conta um entrevistado e ainda completa: *“Então era tradicional porque era sempre a mesma orquestra, as moças tinham que pegar convite... e os rapazes pagavam um ingresso”*.⁴¹⁹

Para FRANÇA, “Mesmo debaixo da maior chuva ou invernada, a turma estava lá. Para os seus freqüentadores não havia mau tempo. De fato, era a coqueluche da época. Prosseguiu por muito mais de 10 anos, ininterruptamente, sob a insuperável cadência da Orquestra do Genésio, com mais de 20 figurantes”.⁴²⁰

Fosse num dos salões de um dos clubes, como o Círculo Militar, o Thalia, o Curitibano ou o Country, ou nas Sociedades destinadas à classe média como a Duque de Caxias, Juventus, Rio Branco, Internacional Água Verde, a do Batel ou a do Seminário, entre outras...⁴²¹ freqüentar os salões de baile, para os rapazes, funcionava como um importante ritual a ser vivido na liminaridade da passagem da infância à vida adulta. No salão, as moças ficavam sentadas nas mesas com seus familiares, enquanto os rapazes circulavam ou conversavam no grupo de amigos durante os intervalos. *“Porque a música não era contínua ela tocava e parava”*.

⁴¹⁸Outras orquestras estavam presentes e eram prestigiadas pelos curitibanos: Orquestra Manon, Orquestra Trianon, Orquestra Marajó, Orquestra Sumaré, Orquestra os Baturêtes, Orquestra Gerdal, entre outras. FRANÇA, op. cit. Para os entrevistados as Orquestras mais lembradas foram a do Genésio e a do Antonello, que era um pouco menor quanto ao número de músicos.

⁴¹⁹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

⁴²⁰FRANÇA, op. cit.

⁴²¹Muitos desses Clubes ou Sociedades foram fundados por imigrantes: *“O Concórdia era alemão, o Rio Branco era de alemão, o Juventus era de polonês, a Garibaldi de italianos... Muitas delas mudaram de nome com a Guerra, precisaram mudar de nome”*. Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

Quando a orquestra parava, às vezes, o rapaz e a moça que estavam dançando, ficavam conversando um pouco mais no meio do salão: “*Quando a dança satisfazia... senão ela pedia licença. Daí você já sabia que ela não gostou*”.⁴²²

Os rapazes que voltavam da dança gostavam de trocar comentários sobre as moças e sobre como eles estavam agindo com elas: “*‘o que você acha daquela?’, ‘aquela tem mau hálito’, ‘e aquela outra?’*. *‘aquela você tenta puxar um pouco e ela não vem’, aquela outra encoxa bem!*”⁴²³ Essa troca era uma maneira de obterem entre si o reconhecimento de que já sabiam o que fazer com uma mulher. Os bailes constituíam-se numa boa oportunidade para a convivência com as moças sérias – esposa em potencial –, nas décadas de 1940 e 1950.⁴²⁴ Era, principalmente, ali que as famílias davam a conhecer suas filhas em idade de encontrar marido. “*...as minhas irmãs arrumavam os maridos, nos bailes*”.⁴²⁵

Assim, para eles, o baile era o principal lugar para encontrar uma namorada. “*Normalmente se achava as namoradas em baile!*”⁴²⁶ Outro depoente confirma: “*É, os namoros, a maioria dos namoros surgiam nos bailes*”.⁴²⁷ Mas, enfatizando sempre: “*ali dentro a coisa era séria, as mães levavam as filhas, minha tia levava minhas irmãs...*”⁴²⁸ Ou ainda: “*O baile servia justamente para isso, para essa aproximação que não se dava de outra forma! Ou era difícil... Havia um flerte à*

⁴²²Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

⁴²³Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

⁴²⁴Nos anos 40, os bailes, tinham início às 20h finalizando às 2h, com o passar do tempo passou para as 21h chegando aos anos 50 com início as 22h e término as 4hs. Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴²⁵Entrevista 2, Curitiba, 04 fev. 2000.

⁴²⁶Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁴²⁷Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

⁴²⁸Entrevista 2, Curitiba, 04 fev. 2000.

*distância! Às vezes não chegava a se falar...”*⁴²⁹ Assim, muitos namoros iniciados num baile terminavam em casamento. Às vezes, o casal se conhecia num baile e iniciava namoro em outro baile: *“Eu a [a esposa] conheci em um baile, mas não iniciamos o namoro no baile. Foi num baile de casamento que começamos”*.⁴³⁰

O fato de rapazes e moças conhecerem-se melhor nos ‘bailes de Sociedade’, ou seja, na presença das famílias, tinha valor de reconhecimento mútuo em relação aos lugares de cada um. Era importante para a família tornar visível à sociedade que suas filhas estavam sendo bem cuidadas e ‘vigiadas’. Para as moças, estar em lugar público em companhia dos mais velhos era o mesmo que salvaguardar sua reputação, para os rapazes, uma oportunidade de fazer-se reconhecer pela sociedade, como ‘homem sério’. Assim, a vigilância dos mais velhos adquiria o valor de um reconhecimento: ali estavam moças e rapazes em idade de casamento. *“Era difícil a moça que fosse a um baile sozinha! Normalmente iam com os pais ou então com o vizinho, a família do vizinho e com a recomendação ‘cuida bem da minha filha!’”*⁴³¹ Conta um depoente. *“Você ia ao baile, você ia sozinho, as moças iam com as famílias delas, ou com as amigas, mas em geral sempre com um mais velho acompanhando... E você ia tirar a moça para dançar... Isso era uma maneira de você conhecer a moça. Você olhava, ia tirar, ia dançar”*.⁴³² Afirma outro. Muitas vezes, os entrevistados fazem questão de ressaltar a singularidade daqueles bailes de sua época de rapazes: *“Era baile diferente dos de hoje. Era a sociedade...”*⁴³³

⁴²⁹Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁴³⁰Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁴³¹Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁴³²Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁴³³Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000. Dizer que “era a Sociedade”, para os entrevistados, quer dizer que tratava-se de ambiente ‘sério’, ou seja onde a família estava presente.

O baile, ao mesmo tempo que mantinha a interdição em relação ao pleno direito ao sexo, também possibilitava um certo nível de experimentação. Assim, no exercício dessa aproximação, a hora da dança⁴³⁴ era o momento em que tanto a moça quanto o rapaz aproveitavam para perceber o nível da atração que sentiam um pelo outro:

Então, às vezes tinha uma certa empatia, as vezes não tinha. Quando não tinha, dançava uma [música], [ela] pedia para sentar, ia sentar e fim de papo. Às vezes ficavam conversando e tal, daí então se interessava um pouco mais... Ficava conversando no salão. Ficava dançando, aí parava a música, ficava ali batendo papo em pé, esperando que começasse outra vez a música. E eventualmente convidava para ir no bar do clube ali, tomar uma guaraná...⁴³⁵

Pagando um guaraná ele já mostrava sua 'pose' de homem provedor, e entre cochichos e toques... talvez um 'cheirinho'... podiam descobrir se dava 'vontade'... de casar!

Era onde a moça podia, assim, digamos, debaixo da vista da família, da mãe... a moça ia conhecer o rapaz, dançar com ele, conversar com o rapaz. Tinha um certo contato, e ao mesmo tempo, o rapaz ia abraçando a moça... sentindo o cheirinho da moça... tudo isso já favorecia... despertava a vontade... porque tinha que casar, né?⁴³⁶

As várias opções que o salão oferecia, segundo os entrevistados, estavam diretamente atreladas às atitudes das moças, que, de algum modo, não abriam mão do direito de fazer valer suas escolhas. Elas tinham a possibilidade de dizer "não" a um rapaz, ao recusar o pedido para dançar. Ela poderia "dar tábua", ou seja, recusar o pedido: "...até havia caso da moça dizer 'não'. Raros, mas havia. Chamava 'dar

⁴³⁴Os ritmos mais comuns nas "sociedades": Valsa, jazz, tango, bolero, folks... Nas "gafieiras" o ritmo era afro-brasileiro. Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999; Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁴³⁵Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000. Podemos hipotetizar, que este convite para um refrigerante significava mais que a possibilidade de continuar a conversa, era também uma maneira metafórica do rapaz demonstrar à moça – bem como à sua família – que já era possuidor das atitudes de um 'provedor'. Pagar a conta para uma moça era uma atitude esperada de um rapaz, para a época. Deste modo ele poderia começar a dar mostras de que no casamento poderia dar conta de sustentar a casa.

⁴³⁶Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

tábua'..." Isso deixava os rapazes um tanto desconcertados, um pouco 'sem jeito', porém, não desencorajados para novas tentativas. Eles sabiam que se não agradavam a algumas, agradariam outras. A cada novo final de semana... novas possibilidades de encontro, para aqueles que não tinham namorada. "*Quase todo sábado você ia ao baile. Uma festa!*"⁴³⁷

Os entrevistados lembram-se que na década de 1940 não se dançava de rosto colado, mas na década seguinte isso já acontecia com maior naturalidade. O que ainda não era usual era o beijo no salão. Porém, de acordo com alguns depoimentos, em alguns respeitáveis salões dos bairros, nessas décadas, havia inclusive um fiscal para não permitir rostos 'colados'!

*...Normalmente se achava as namoradas em baile! Mas eram bailes diferentes dos de hoje. Era a sociedade ... tinha Mestre-Sala para não permitir... certas coisinhas que hoje ninguém liga. Ficavam controlando né, para que o baile corresse... para que não destoasse... para que não houvesse abusos... Se dançasse muito juntinho, muito agarradinho, já chamavam a atenção... Era assim que a gente arrumava namorada...*⁴³⁸

Para fiscalizar a postura dos casais durante a dança, em cada baile havia um, dois ou três "mestres-salas".⁴³⁹

*E quando o rapaz estava colando o rosto na moça, a missão dele era ir lá, bater nas costas do moço e dizer 'estão te chamando na secretaria'. Aí era uma vergonha! 'O fulano e a fulana estão dançando de rosto colado... Na secretaria o presidente ou outros diretores diziam que não podia... Então, tinha que respeitar o máximo'.*⁴⁴⁰

Essa prática, porém, não acontecia nos salões mais elitizados. Ali a 'fiscalização' estava à cargo da própria moça: "*Aquela história que você começava a dançar assim, se ela permitia já cruzava a mão embaixo e já colava o rosto! E você*

⁴³⁷Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

⁴³⁸Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

⁴³⁹Era o caso da Sociedade do Seminário.

⁴⁴⁰Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

fazia isso longe da mesa dos pais dela!"⁴⁴¹ De todo modo, a 'fiscalização' encarnada na figura dos mestres-sala ou incorporada pela própria moça era uma estratégia para tentar exercer um controle sobre a pulsão sexual.⁴⁴²

Quando rapaz e moça viviam a aproximação física que um baile permitia, a *textura da pele* ou o *tom de voz*... poderia funcionar acendendo o desejo. A tendência seria 'colar'. Colar os rostos... colar o corpo... Deste modo pode-se pensar que o 'mestre-sala', um 'agente repressor' externo, era convocado para garantir o cumprimento de determinados 'códigos de civilidade' que logo também estaria em desuso. Pode-se também ter como hipótese de que a necessidade desse 'agente repressor externo' sinalizava o próprio desgaste desse modelo de comportamento.

Vale lembrar que não eram apenas os pais que se encarregavam da vigilância das moças da família. Os irmãos – principalmente os mais velhos – também encarnavam a figura do repressor externo. Ficavam bastante atentos ao que acontecia com suas irmãs e se sentiam autorizados a interferir diretamente caso julgassem necessário. Às vezes, apenas segurar uma moça pelo braço ao acompanhá-la até a mesa depois da dança, era motivo para deixar um irmão exaltado. E quanto mais jovem a moça, maiores seriam os cuidados.

⁴⁴¹Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

⁴⁴²Depois de, historicamente as crianças passarem a ser tomadas como objetos preciosos para os pais e que, em nome da saúde e da higiene os cuidados maternos com o corpo da criança passaram a representar intimidade marcada no corpo, restos dessas relações podem funcionar como matrizes para as relações amorosas vindouras. FREUD, em seu livro "Pulsões e destinos das pulsões", publicado em 1915, afirma que as primeiras experiências de satisfação, se fazem representar quando a mãe, ao tentar suprir supostas necessidades básicas da criança deixa a herança de traços que representam também seu amor, ou seja, que a criança ao ser tomada como objeto precioso para aquela que ocupa o lugar da mãe, se identifica com o objeto que também dá satisfação à mãe. Para LACAN a criança poderá expressar seu desejo em relação aos objetos, depois de ter sido tomada como objeto de desejo da mãe. A pulsão é a herança dessa relação. Também ELIAS, em seu livro '*O processo civilizador*' diz que a pulsão dava o tom do desejo, ou seja, aquilo que restara das relações mais carnis funcionaria como disparador para o desejo.

Ela tinha 14, estava entrando na puberdade, né? E eu já estava com 19 e pouco. E... era um dos primeiros bailes dela... aí teve uma música... peguei ela pelo braço e levei ela até a mesa onde ela estava... com a vizinha... Aí o irmão dela me chamou a atenção. 'ôo, não estou gostando desse negócio aí, quando termina a música você pega no braço da minha irmã e leva lá do salão lá, até o lugar lá, lá na mesa'. 'O que você quer que eu faça?' 'Não, eu não quero que você pegue no braço dela'. 'Para proteger eu pego no braço e levo. Para evitar que ela vá na frente e eu vá atrás...' E ele: 'não pode'. Não podia pegar no braço, você terminava a música, e não podia levar ela até a mesa...'⁴⁴³

Nesse depoimento temos a evidência de que o acesso ao corpo de uma mulher era uma questão discutida entre homens. Ser irmão também significava aprender uma dimensão do masculino: 'proteger' a mulher. Assim, aquele que tinha a irmã sentia-se obrigado a zelar pela interdição ao corpo da irmã como se fosse 'seu' próprio território. Aquele que assediava também reconhecia tal posição como legítima e assim não questiona os direitos do irmão, ao contrário, justifica-se dizendo que também ele fazia isso para 'protegê-la': *"Para proteger eu pego no braço e levo. Para evitar que ela vá na frente e eu vá atrás..."* Assim, os rapazes 'protegiam' também seus próprios interesses: moças virgens, opções para o casamento.

É importante ressaltar que quando um rapaz velava pela reputação da irmã, ele não tentava impedi-la de realizar-se como mulher, ao contrário, pois para os valores societários da época, esse era o caminho para que ela se tornasse uma mulher realizada, incluindo o sexo: no casamento. E estava claro que um homem não poderia dar o lugar de esposa a uma mulher que já tivesse tido uma experiência sexual. Caso acontecesse, não poderia admitir, tornar-se-ia um segredo absoluto. *"...porque o problema todo era... que todo mundo queria um carro novo! Ninguém queria comprar carro usado (risos) então tinha que manter o carro novo até vender (risos)!"*⁴⁴⁴ E 'manter o carro novo' era dever e obrigação de todos os membros da família.

⁴⁴³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁴⁴Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

Namorar ou casar com uma namorada que não fosse virgem significava desmoralização. Acontecia, porém, do casal ter sua iniciação sexual antes do casamento, mas isso se tornaria um segredo. Mas isso só podia acontecer quando a moça já tivesse dado todas as provas que não havia ‘pertencido’ a nenhum outro. No caso de a moça ‘se entregar’, o casamento estaria assegurado, geralmente já eram noivos com data definida para o casamento. Caso a moça se ‘entregasse’ ao namorado no início do namoro, isso significaria o fim do namoro e a difamação da moça, pois ele contaria o caso aos amigos que se sentiriam no direito de tentar conseguir o mesmo.

Quando uma moça tivesse “pertencido” a um homem ainda solteira e isso tivesse se tornado público, era certo que ela não seria mais aceita inclusive na convivência de alguns grupos sociais. Um dos entrevistados conta como uma dessas moças desafortunadas “*foi proibida de entrar em clube de sociedade*”:

A própria diretoria expulsava... Teve uma que era diretora do Grêmio feminino da Sociedade... e ia saindo de um baile, estava sozinha, o rapaz levou em casa e... foram sondar, porque ele falou que ia levar ela para casa e ia ver se conseguia alguma coisa... então pegaram os dois... ela negou e tal, mas ela foi infeliz porque ela engravidou nessa vez que ela foi. Daí expulsaram ela do clube. Não podia mais dançar...⁴⁴⁵

Não poder mais dançar significava, para a época, ser banida do lugar onde as moças iam para conseguir maridos. E, se era no casamento que a mulher, da época, tinha o seu lugar de valor e respeito, isso significava também perder esse lugar.

O arcabouço de regras vigentes tinha sua eficácia e dava conta de manter certa ‘ordem’, mas, como visto, não havia como aniquilar completamente as pulsões. Assim, para dar certa vazão aos desejos tão proibidos e cerceados, e driblar tantos cuidados, algumas oportunidades não deviam ser perdidas: o “escurinho” era uma boa forma de evitar olhares difamadores! Por isso, para os valores tradicionais, o sexo estava associado a uma coisa para se fazer no escuro, ou seja, de forma a que

⁴⁴⁵Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

ninguém visse. E assim pode-se entender melhor por que as sessões noturnas do cinema não eram para moças ou jovens casais de namorados desacompanhados.

Dessa maneira, aproveitar o intervalo de falta de “luz”⁴⁴⁶ no salão de baile era uma oportunidade que os rapazes não deixavam passar:

...não tinha luz naquela época, era luz na base do Petromax... Era um lampião, na base de pressão. Ele tinha uma capacidade de tantas horas. Depois de determinado horário, ele é tirado, e posto novamente querosene lá, e tal... Então o baile parava... Mas só que o dono do motor nessa época, era meu colega... Então o que a gente fazia? Dizia “olha, daqui dez minutos eu vou... vai parar o motor. Daqui cinco minutos...” Todo mundo ia para o salão...⁴⁴⁷

‘Todo mundo ia para o salão’, ou seja, os rapazes convidavam as moças para dançar e, nessa oportunidade, dependendo do nível de proximidade que o rapaz tinha com a moça, ela poderia ser surpreendida ou já ficava esperando pelo beijo!

Se a moça já fosse conhecida, se já tivesse amizade, você dizia “olha... a luz vai apagar, eu vou te dar um beijo”... Se não fosse conhecida você ficava aqui mas... ficava na guarda, né... ficava... Na hora que apagava a luz você... aproveitava, né? Pára a música... então ficava aquele alvoroço. Mas... você tirava uma casquinha da menina ali, dava uma juntada, né? “Tem medo do escuro?” ...então agarrava a moça.⁴⁴⁸

Quando eles conheciam a moça, podiam convocá-la a uma certa cumplicidade mas, quando não a conheciam, ela seria tomada no lugar de uma

⁴⁴⁶Apesar da energia elétrica ter sido implantada desde o final do século XIX, a exemplo de todo o território nacional, houve crises no abastecimento. Em Curitiba durante toda a década de 1930 a Companhia de Força e Luz do Paraná investia em propaganda para divulgar as possibilidades de uso da energia elétrica. Em 1945 criou-se até um mascote para explicar ao consumidor o que era um Kilowatt-hora. Porém paralelamente ao progresso, com a nacionalização e centralização do controle sobre as empresas de energia elétrica, ocorreu uma crise geral de abastecimento, resultado tanto de condições internas – como fatores climáticos – como externas. A eclosão da Segunda Guerra Mundial interrompeu a importação de material elétrico, do qual o país era dependente. (Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Um século de eletricidade do Paraná. Curitiba: Companhia Paranaense de Energia, 1994.)

⁴⁴⁷Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁴⁸Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

ingênua e, assim, eles é que sabiam das coisas.⁴⁴⁹ Ao creditar uma suposta ingenuidade às inexperientes moças de família, os rapazes podiam firmar a diferença de posição de rapazes e moças: elas 'ingênuas', eles 'espertos'. Assim, a figura da 'inexperiente mocinha' pode ser tomada como um contraponto para a afirmação da masculinidade neles. Diante de quem sabia tão pouco, o que eles sabiam se potencializava. Deste modo, eles poderiam 'tirar uma casquinha' fingindo 'protegê-las' do escuro.

O escuro, que para a época era tomado como convidativo ao sexo, também pode ser tomado como metáfora daquilo que do sexo não podia tornar-se claro ou evidente. Se a 'mocinha' parecia estar no 'escuro' quanto ao sexo, o rapaz teria que dar a entender que nesse assunto estava às claras, mas sua iniciação se daria com aquela que não poderia ser tomada como mulher, a prostituta, ou com aquela que não poderia ser tomada como a sua mulher, a 'empregadinha'.

Havia aí algo ainda 'escuro', obnubilado também para eles, como revelariam, em seus depoimentos. Pois ao casarem descobririam o quanto estar com uma mulher era ainda um mistério. Mesmo porque ter uma experiência sexual não é o mesmo que ter uma experiência de acesso ao outro sexo, ou seja, uma experiência de relação onde se é homem para uma mulher, que por sua vez é tomada como mulher para esse homem.⁴⁵⁰

Assim, antes do casamento, na maioria das vezes, somente era possível uma relação superficial entre o casal. Pois ele tendo que se manter 'durão', não poderia se entregar⁴⁵¹ e ela deveria assegurar sua virgindade. Na lembrança dos entrevistados, um beijo à vista de todos era 'caso de polícia' – a representação maior

⁴⁴⁹Para NOLASCO, há no Brasil, como herança do coronelismo e do tenentismo, um expectativa de que os homens sejam 'safos', 'espertos', 'tenham jogo de cintura', e 'consigam ser ludibriadores' – como atributos de suas identidades. NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.94.

⁴⁵⁰É o que Lacan chama 'relação vivível, temperada, de uma sexo ao outro'.

⁴⁵¹Para NOLASCO, um homem teme se entregar, porque isso faria com que entrasse em contato com uma experiência que pouco conhece: sua afetividade. E ainda: "Ao entregar-se, um homem se inscreve fora do campo que foi definido socialmente como masculino". NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.108.

da repressão para aquela sociedade. “*Beijar, beijar... era difícil... Você beijar em público naquela época era um caso de polícia*”.⁴⁵² O beijo até acontecia, mas jamais poderia ser público, deveria ser escondido e, de preferência, no escuro. Nada de acender a chama do desejo assim à vista de todos! “*Se desse um beijo no salão, também era suspenso, era expulso... Levavam o caso na diretoria, chamavam na secretaria, e os dois eram expulsos do salão...*”⁴⁵³

E desse desejo que todos deveriam defender-se, os rapazes esperavam que mesmo a ‘mocinha’, por mais inexperiente que fosse, também soubesse defender-se. Nos olhares vigilantes dos mais velhos, presentes no salão, se fazia representar o que já estava internalizado para moças e rapazes.

Mesmo assim, depois de claras as regras, elas podiam ser burladas, ou pelo menos parecia ser esse o lugar dos rapazes. Eles deveriam, ao mesmo, tempo afirmar sua masculinidade e por em teste a boa conduta das ‘moças de família’. Nos mais ‘malandros’ se fazia representar o que se esperava de um rapaz: tentar ‘avançar o sinal’, ou seja, tentar burlar o que estava convencionado. Assim, colocar o joelho entre as pernas dela ou deslizar a mão abaixo da linha da cintura, eram as tentativas mais ousadas, ao dançar. Mas, segundo eles, “elas sabiam se defender” ou pelo menos era o que eles esperavam.

*...tinha uns meio malandros, mas as moças conheciam os modos de defesa. Se o sujeito, digamos... porque tinha... vamos dizer, você está dançando e de repente, ele dá um passo para trás e trás a moça, e quando ela vem ele dá um passo para frente, né! Colocar o joelho entre as pernas dela! As moças tinham defesa contra isso. A posição da mão, também, do rapaz! Porque normalmente a mão ficava atrás, aqui nas costas. Não dava para baixar muito a mão. E a outra mão era a que guiava, então... e havia um espaço entre os dois...*⁴⁵⁴

Caso não tomassem uma atitude de defesa, deixariam de ser ‘confiáveis’ para eles. Pois, isso significaria que a moça já teria permitido tais ‘liberdades’

⁴⁵²Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

⁴⁵³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁵⁴Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

também a outros. Mesmo que ela ainda não tivesse tido uma relação sexual, eles teriam dificuldade em aceitar como namorada e futura esposa uma moça que já tivesse vivido determinadas intimidades com outros homens! Por isso, durante a dança um certo ‘espaço’⁴⁵⁵ entre o casal devia ser mantido, mas cabia à moça zelar por isso. Eles tinham que mostrar sua masculinidade tentando avançar.

Porém, uma moça só atrairia um rapaz para ‘namoro sério’ se, além de efetivamente se preservar, também soubesse dar sinais de estar se preservando. Afinal, a boa moça para o casamento deveria ser aquela que, mesmo nos bailes, pudesse se apresentar como uma ‘boa-futura-mãe’. Para isso dançando ou à mesa sempre deveria mostrar recato. Por isso, a vigilância dos pais, se estendia também para os ‘bons modos’: *“As moças também tomavam... mas bem pouco, muito raro tomarem um copo de cerveja. Pelo menos nas nossas relações na Sociedade do Seminário... as moças tomavam no máximo 1 ou 2 copos de cerveja. Mais que isso não tomavam. Porque os pais estavam juntos e reprimiam muito”*.⁴⁵⁶

Se faz importante ressaltar também que nos clubes de bairros, que geralmente eram sociedade beneficentes de operários,⁴⁵⁷ os conceitos de

⁴⁵⁵Um bom representante da distância que o casal deveria manter até o casamento.

⁴⁵⁶Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

⁴⁵⁷Os Clubes ou Sociedades muitas vezes apareciam classificados, pelos entrevistados, separando-os por classe, qualidade ou etnias. Assim, o Curitibano e o Country, sempre apareciam como clubes de elite, o Thalia, o Concordia e o Círculo Militar, por vezes apareciam classificados como classe alta, outras vezes, como classe média. Outra classificação comum era por etnia: Concordia (alemães); Rio Branco (alemães); Duque de Caxias (alemães); Thalia (alemães) Juventus (poloneses); Garibaldi (italianos); o Curitibano foi fundado por descendentes de portugueses. Havia também as Sociedades Benéficas de Operários, que eram tidas como sociedades de ‘gente de bem’, e que davam ajuda financeira em caso de doença ou morte do sócio. “Toda sociedade beneficente era boa, tinha de sócios homens de bem. Todas elas eram boas”. (Entrevista 2, Curitiba, 04 fev. 2000). Entre elas apareciam a Internacional Água Verde, Batel, Seminário, Portão, Vila Isabel, Mercês, dos barriqueiros do Ahu, Morguenau, 21 de Abril... Que juntamente com as Sociedades étnicas eram classificadas como classe média. Havia também as Sociedades de Operários de raça negra, segundo os entrevistados. “Eram as chamadas ‘gafieiras’, onde se dançava danças populares, ritmos afro-brasileiros (samba, maxixe): o Operário, a 27 de Janeiro, a 13 de Maio, a 14 de Janeiro, a Estrela da Manhã – essa era gafieira de branco” (Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999). O que este entrevistado denomina ‘gafieira’ eram os bailes onde qualquer um entrava se pagasse, os bailes públicos. Conforme já trouxemos no capítulo anterior.

moralidade aparecem como sendo mais rigorosos. A figura do ‘mestre-sala’, que já foi referida, por exemplo, só estava presente nessas sociedades. Assim pode-se perceber que o comportamento recatado que era esperado dessas moças tinha, na memória, um conceito diferente do que era exigido das moças que freqüentavam o Thalia, o Curitibano ou o Country. Claro que aqui elas também deviam saber ‘se comportar’, mas alguns depoimentos vão expor algumas manobras para ‘manter as aparências’. Enquanto faziam semblante de recato, ‘escondido’ faziam coisas menos convencionais ou aceitáveis para moças.

As cortinas do Clube Curitibano, aos olhos dos rapazes, tremiam, e as folhagens do Country Clube que acabavam amassadas ao final do baile denunciavam outros ‘amassos’. Com relação ao Curitibano: *“o pé direito daquilo devia dar uns 10m de cortina! Precisa ver o que aquelas cortinas tremiam depois de uma certa hora do baile! Iam para detrás das cortinas”*. E garante: *“eu estou te contando a realidade, se você está fazendo uma tese, eu não vou esconder esses detalhes que eu acho que são... importantes. São curiosidades e era realmente a vida”*. Já no Country: *“...terminava o baile as folhagens daquele canto [terraço] estavam todas no chão, todas amassadas! E o campo de Golfe era uma festa! Durante o baile as vezes dava uma fugidinha... decerto dizia que ia à toilette”*.

Isso é contado como um modo, ‘disfarçado’, de fazer o que era censurado. Mas também contam deixando claro que, para eles, isso era evidente. Mesmo porque era um tempo em que estavam muito atentos às formas de relacionamentos amorosos.

O mesmo depoente citado acima, freqüentador do Country conta como as moças faziam para fumar no clube às escondidas dos pais:

...as moças também fumavam. Pelo menos a turminha da minha atual mulher, todas fumavam, escondido, mas fumavam. A minha mulher, ela vinha aqui no Country Clube e comprava cigarro e mandava por na conta, porque só pagava no fim do mês, e mandava por na conta sorvete. Sempre diziam para ela assim quando pagavam a conta ‘mas que barbaridade, como você gosta de sorvete!’ E o garçom amigo, o Felix, punha como sorvete.”⁴⁵⁸

⁴⁵⁸Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.

Se tomando sorvete elas ainda lembravam a candura e a ingenuidade da infância, elas faziam parecer à família que tomavam sorvete. Mas aos rapazes elas não enganavam e nem tinham que enganar. Eles sabiam que a conta era de cigarro, e isso especificamente, não depunha contra a moral delas. Esse mesmo homem que namorou com uma moça que fumava, diz que ela se casou com ele virgem.

Se os rapazes fumavam para sentirem-se homens, e as moças... por que fumavam, pergunto. “Acho que porque achavam bonito! Charme!” E completa: “Admito que a grande maioria não fumava. Mas, já tinha um bom número que fumava escondido!”.

Mas o que, realmente importava, era preservar a imagem da ‘moça direita’. Os depoimentos mostram, inclusive, que os próprios rapazes se acumpliciavam às moças para manter a imagem delas junto aos mais velhos. Fosse de classe média ou da elite curitibana, a imagem da moça deveria lembrar mais a maternidade do que a sexualidade. Assim, as atitudes comedidas eram mais bem vistas e esperadas para as mulheres. Parecia ainda vigorar o modelo ‘vitoriano’, no qual a sexualidade não deveria estar às claras: “Ao mesmo tempo que aumentava entre a classe média o culto da domesticidade, celebrava-se a ‘verdadeira’ mulher burguesa como mãe e negava-se insistentemente a sexualidade feminina não reprodutora”.⁴⁵⁹

As atitudes arrojadas estavam reservadas aos homens. Deste modo, em qualquer baile da cidade, para os rapazes, rodopiar com uma moça pelos salões era um exercício de sua competência masculina. Afinal, na dança eles deveriam saber ‘conduzir’ a dama – uma forma explícita do ‘saber fazer’ masculino em relação ao corpo de uma mulher. A ela cabia se deixar conduzir. Assim como nos ideais da família, na dança, ele conduzia enquanto ela o acompanhava. Mesmo fora das ‘Sociedades’ eles não deixariam de aproveitar as oportunidades para dançar. Era um modo de ‘gozar a mocidade’:

⁴⁵⁹WALKOWITZ, op. cit., p.404.

*Fora da Sociedade, de vez em quando a gente se reunia na casa de um amigo ou de outro que tinha irmã, para dançar. Tinha aniversário, tinha festa, então sempre a gente ia para... era a diversão da gente. E às vezes eu saía para dançar. Ficava na rua até umas 10 horas, 10 e pouco, depois ia para o Curitiba, ou ia para o Thalia para dançar. Para a gente gozar a mocidade da gente.*⁴⁶⁰

2.3.2 Namoro 'Sério'

Nos bailes, nos flertes fortuitos no *footing* da rua XV, nas festas de igreja ou nas festas de aniversário... quando chegasse o tempo em que uma 'menina' despertasse o interesse de um rapaz, para possível namoro, isso a fazia 'moça'. E uma 'moça' de família só poderia ser cobiçada para namoro sério, ou seja, com perspectiva para um casamento futuro. O acesso a essa moça, geralmente, cumpria todo um ritual de aproximações gradativas. No início, um olhar... no final o casamento.

*Primeira coisa o que é? É um olhar. Se não existir um olhar, uma... atração visual... Depois o que é? Depois uma palavra, seria? Depois vem o amor que vai crescendo, né? Você vai... O teu sentimento vai despertando um interesse maior. Depois vem o namoro, vem o noivado, e vinha o casamento. E isso era a ordem cronológica das coisas. Naquela época se casava e se morria casado. Nem sempre, né? Eu fiquei 28 anos casado, e depois separei.*⁴⁶¹

Mesmo para quem se separou, o esperado para a época, aparece de forma clara: o casamento deveria ter a solidez de algo para durar a vida toda. E se o namoro era uma preparação para o casamento, devia ser coisa séria, pois, visava a um passo definitivo.

Depois dos 'olhares' numa primeira aproximação, ainda sem assunto e sem saber muito bem o que dizer, ele talvez pedisse à moça para acompanhá-la até em casa. Era uma forma de aproximar-se dela e também de sua casa. Nessa primeira oportunidade, muitas vezes não chegaria nem até o portão. Mas, de qualquer forma, o portão era o ponto mais próximo da casa que lhe seria permitido

⁴⁶⁰Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

⁴⁶¹Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000. Este entrevistado teve relacionamento sexual com a moça que se tornaria sua esposa antes do casamento.

chegar. *“A gente não chegava em casa no primeiro dia... Eu levei ela até perto de casa... Acho que eu levei quase um mês para entrar. Ficava no portão, e a velha de butuca. Aquelas italianas...”*⁴⁶²

Afinal, a moça deveria ser apresentada como um objeto difícil de conseguir. Assim, nem a família nem ela mesma se entregaria ao namoro sem mostrar certa dificuldade. Mesmo quando ela estava bastante interessada, não deveria deixar isso aparente. Deveria se revelar aos poucos, era preciso deixar que o rapaz também fizesse sua parte. E, além das condições financeiras, ele deveria se apresentar com ‘todo o respeito’ e como quem sabia dar valor a um tesouro muito caro. Os pais da moça estariam a postos e se colocariam como os ‘garantidores’ para que as coisas corressem dentro dos parâmetros.

Numa primeira fase, para que um rapaz pudesse acompanhar uma moça até o portão, pelo menos duas condições deveriam ser atendidas: primeiramente era preciso que a moça o autorizasse. O que, de certa forma, significaria, da parte dela, uma demonstração de interesse. Em segundo lugar, ela não poderia estar acompanhada dos pais. O que acontecia por ocasião de alguns passeios diurnos, quando as moças poderiam sair em companhia de amigas ou com irmãs, por exemplo, numa festa de igreja ou numa sessão de matinê. *“Terminava, trazia perto de casa. Daí ficava no portão, ficava uns dez minutos, daí ia embora”*.⁴⁶³ Mesmo no portão para que se desse um namoro era necessário um certo nível de proximidade entre o casal. *“[Era] depois de certo conhecimento que a gente ia namorar no portão. Ela consentia, era uma combinação das duas partes.(...) Precisava ser muito amigo já, com um certo conhecimento, pra você namorar no portão. Senão era assim na rua só, de vez em quando...”*⁴⁶⁴

⁴⁶²Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

⁴⁶³Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁶⁴Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

O namoro no portão, ao mesmo tempo que significava um certo compromisso com a moça, não era, ainda, assumido com a família dela. O que significava, para eles, poder ter outras namoradas ou, ainda, a possibilidade de mudar de namorada com mais facilidade. Para rapazes e moças, essa prática significava uma oportunidade de escolha, ainda sem grandes interferências da família, pois mesmo vigiando ainda não estava diretamente envolvida. *“Eu namorei um bom tempo no portão... pelo seguinte: porque a gente variava muito de namorada, né?”*

Os pais, por sua vez, desempenhavam o seu papel. E justamente porque o ‘namoro no portão’ não tinha o estatuto de um compromisso sério, eles não gostavam que esta fase se prolongasse. Na memória dos entrevistados, ficar no portão com a moça era o mesmo que contrariar o pai. Pois era papel dele desejar que o namoro fosse dentro de casa. O que significava ‘proteger’ a reputação da filha, atitude, aliás, esperada de um homem que tivesse uma filha em idade de namoro: fazer com que um rapaz que se interessasse por sua filha assumisse um compromisso sério. *“O rapaz entrou na casa da moça já era um compromisso que ele estava assumindo. Mas tinha pais que não... namoro no portão não tem. Namoro é dentro de casa, ou não tem namoro. Falava ‘olha, se o rapaz vem com boas intenções, ele entra, se ele vem com más intenções, ele volta do portão’”.*⁴⁶⁵

Desse modo, os pais toleravam o namoro no portão, mas não por muito tempo. Depois chegava o tempo para a decisão. Era o tempo de assumir. Caso o rapaz não decidisse ‘entrar’, o pai tomaria a iniciativa:

Daí passado um mês, mais ou menos, ‘e como é esse negócio? É brincadeira ou é namoro?’ Até aquela altura eu não sabia o que era, nem ela. Era uma amizade, né? Mas uma amizade já... eu digo ‘é namoro’. [Ele] queria saber se eu já estava trabalhando, quanto eu ganhava, o que eu fazia... Pretendia casar quando... eu digo ‘tô namorando aí, pode ser, mas eu pretendo casar logo. Não sei quanto tempo aí... Um ano dois anos. Ela é nova eu também sou novo’.⁴⁶⁶

⁴⁶⁵Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁶⁶Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

É possível pensar que era a pergunta do pai que viabilizava e oficializava o namoro. Antes disso o próprio casal ainda não nomeara, para si mesmos, o que faziam no portão. Para eles ‘parecia’ ainda amizade, diz esse depoente. Mas, diante da pergunta do pai, tornou-se possível dizer: é namoro! Nesse ato nascia, efetivamente, um namoro. A palavra que ainda não pudera ser proferida entre o casal, nasce como resposta ao pai: ‘É namoro!’ De homem para homem.

O rapaz sabia que, quando queria namorar uma moça deveria falar com o pai dela. Era uma esperada ‘atitude de homem’. Essa atitude sustentada para outro homem também o faria homem. Nessa oportunidade, ao pai – que também devia se bancar como homem – cabia certificar-se sobre as “intenções” do rapaz e suas reais condições para assumir uma vida de casado: *“...entrava e falava com o pai da moça. Quais eram as intenções e aquele negócio todo... A gente continuava, até que aparecia uma oportunidade, e eu pude ficar noivo. Terminei meus estudos me formei e comecei a trabalhar. Para casar tinha que ficar noivo e tinha que marcar uma data para o casamento”*.⁴⁶⁷

Passada a fase do portão, o namoro longo também não encontrava aval nos pais da moça. Entendia-se que, com o passar do tempo, a intimidade crescente colocaria em risco a reputação da moça. Deste modo, cabia ao pai zelar para que o namoro se encaminhasse ao casamento em tempo apropriado. Não devia ser muito breve, uma vez que o casamento era uma decisão para a vida toda, exigindo então que o casal se conhecesse o suficiente para não errar. Não podia também ser muito longo, para não cair na acomodação ou colocar a virgindade da moça em risco. Lembram que um a dois anos entre namoro e noivado era o tempo ideal.

O rapaz sabia que o pai da noiva esperava que se decidisse, quanto ao compromisso do casamento. Noivar significava comunicar ao pai da noiva uma data para o casamento, que, de preferência, não devia passar de um ano.

⁴⁶⁷Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

‘É porque minha outra filha casou com 17 anos... A outra é noiva já faz um ano e meio e o rapaz não se decide’. Aí o que eu fiz, propus depois de um ano de namoro a noivar. ‘Por quanto tempo?’ ‘Eu quero fazer uma casinha, quero... coisa de dois anos, mais ou menos.’ ‘Então vocês fazem o contrário. Em vez de ficar um ano de namoro e dois de noivado, fica dois de namoro e um de noivado.’ ‘Porque minha outra filha já faz mais de dois anos que é noiva, e o rapaz não tem condições. Então para mim é desagradável sair com as duas filhas do lado, as duas noivas e nenhuma delas se decide.’⁴⁶⁸

É visível que o pai da noiva não ficava em situação confortável quando o namoro e, principalmente o noivado, se estendessem. Mesmo porque, a partir do noivado, os pais da moça passariam a sentir-se na obrigação de dar um pouco mais de liberdade ao casal uma vez que o compromisso já estava firmado. Já os rapazes, de modo geral, tentariam prolongar o namoro o máximo possível, o que, para eles, significava usufruir da liberdade de solteiros. Era o que eles chamavam ‘aproveitar a juventude’. O que remete a uma idéia que não é incomum no imaginário dos homens: o casamento significando um cerceamento à sua ‘liberdade’, sinônimo de um prisão inevitável, mas que pode ser adiada. NOLASCO⁴⁶⁹ afirma que para os homens “o acesso a um sentimento de posse de si mesmo se desenha fora das guardas de uma ‘mulher opressora’”. O que também nos remete a BADINTER,⁴⁷⁰ quando coloca que um menino para se tornar homem deve se livrar da mãe da infância, que em essência é dominadora. Assim podemos pensar que o casamento para um homem pode remetê-lo a um lugar do qual teve que sair para se masculinizar: a proximidade de uma mulher e de uma casa, agora sua.

No desdobramento do significado do noivado, usar aliança, expressava para a sociedade como um todo que, definitivamente, o rapaz deixara de estar disponível para um compromisso sério. Para o rapaz isso se traduzia em diminuição do contingente de mulheres que se interessariam por ele. Não daria mais para fingir namoro com uma moça no portão ou com uma empregadinha, por exemplo. Para

⁴⁶⁸Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁶⁹NOLASCO, **O mito...**, op. cit., p.141.

⁴⁷⁰BADINTER, op. cit.

um rapaz que desde cedo foi educado a partir de uma ideologia cuja expectativa era de que tivesse muitas namoradas, iniciasse cedo sua vida sexual e fosse um excelente amante, escolher uma mulher e prescindir das outras poderia representar perda de uma parte de sua masculinidade.

Assim, um dos depoentes mostra-se aliviado quando o pai da moça diz que é melhor dois anos de namoro e um de noivado, ao invés de um de namoro e dois de noivado: *“Então eu fiquei satisfeito porque, eu estava livre mais um ano aí para... e sem argola no dedo, porque com argola já diminuía a contingência de pretendentes... então a gente tinha às namoradinhas da gente aí, tinha três quatro, né? Umas para dançar outras para beijar... Dizia amassar naquele tempo...”*⁴⁷¹

Se a grande preocupação de todos – e aí se incluía o rapaz – era manter a honorabilidade da moça até o casamento, algumas providências dos pais, com as quais o rapaz concordava, visavam manter uma certa distância entre o casal. *“Veja, o próprio namoro não era diário! A própria família, devido a uma política, que eu acho muito acertada, não facilitava muito. E alegava, como aconteceu comigo, que ela tinha que fazer as lições da escola, e não sei o que lá... eu acabei fazendo muitas lições para ela...”*⁴⁷² Como já apontado anteriormente, para o próprio rapaz essas medidas acertadas eram importantes, pois lhe davam uma garantia de que estava namorando uma moça bem cuidada. Outro entrevistado também diz que dia de namoro era normalmente *“sábado e domingo. Dia de passear, de namorar. Geralmente era mais domingo do que sábado. (...) E era horário rígido, né? Entre 7 e 9, vamos supor... e isso valia inclusive para o portão. Até 9 e meia, no máximo 10 horas”*.⁴⁷³ Outro depoente também explica sua concepção de ‘namoro vigiado’:

⁴⁷¹Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁷²Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

⁴⁷³Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

*Sentava num banco... em frente à casa. Tinha a varanda, tinha a área, né? Também o namoro era a maior parte dentro de casa... ou lá fora vigiado! Um namoro era sentado os dois um numa cadeira, outro na outra, e na mesa. Ou, as vezes, era no sofá, mas sempre tinha alguém junto olhando. Ou então um jogo de espelho. Então a gente volta e meia estava conversando, olhava lá... olhava no espelho que tinha na cristaleira, tinha alguém olhando... pelo espelho... para pegar na mão, às vezes, a gente usava um livro, ou uma revista, então um ficava segurando a mão do outro e... não estava lendo nada, só estava virando a folha e pegando na mão... olhando a revista juntos. No Domingo, né?*⁴⁷⁴

Além da contingência da virgindade, um modo, para a época, de tornar vivo o mistério que sempre cercou as mulheres em todos os tempos, havia também a lembrança de que o número de mulheres era menor do que o número de homens. Ficava então a idéia de que eram poucas as mulheres disponíveis. *“naquele tempo a proporção de mulher para homem era bem menor. Tinha mais homens do que mulher”*.⁴⁷⁵ Por vários ângulos, a mulher era vista como um tesouro raro. O que parecia incrementar, para os rapazes, o valor e o respeito que se devia ter por uma ‘moça de família’. Fosse na hora de dançar ou de namorar, parecia que não podiam perder aquela moça e todos os valores que ela significava. Que, como tem-se visto, remetia aos mesmos valores que vivenciava em sua própria casa. *“Naquele tempo tinha respeito. E tinha menos moça também, né?”*⁴⁷⁶

Uma moça seria respeitada por um rapaz quando ela própria sabia se dar ao respeito. Circular pela rua a trabalho não fazia dela uma moça “mal vista”. Mas, caso fosse vista passeando com o namorado, sem um ‘chaperone’, já não era a mesma coisa. *“...elas até eram bem vistas trabalhando, ajudando... O que dificultava, que dava mal nome às moças, era elas estarem sozinhas, sair junto com os namorados sozinhas...”*⁴⁷⁷

Mesmo fervilhante de desejo, ela devia mostrar-se como uma ‘recatada mocinha’. O rapaz deveria ‘mostrar-se’ na arte da conquista mas, a ‘arte’ primeira a

⁴⁷⁴Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

⁴⁷⁵Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

⁴⁷⁶Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

⁴⁷⁷Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

ser conquistada era aprender dosar ‘ousadia’ e ‘respeito’ – que devia demonstrar no trato com uma moça. A ele cabia a iniciativa, mas ‘com todo cuidado’, ou seja, sem deixar de respeitar as normas cabíveis. Assim, mesmo estando claro, por exemplo, que ambos desejavam um beijo, cabia a ele o ato para desencadeá-lo. Quando cada um estava bem situado em seus diferentes papéis, era a ele que cabia tomar a iniciativa. Ele beijava, ela... era beijada! Cada um fazia sua parte por um interesse em comum: preservar a imagem e reputação da moça “direita”. Mantido o cerimonial do “devido respeito”, ela, que também vivia sua cota de libido, “se fazia passiva”, se colocava no lugar de quem recebia. Enquanto ele conquistaria, ela se fazia conquistar. Depois ele fecundaria enquanto ela seria fecundada. Cada um no seu lugar. Mesmo ainda jovens já tinham incorporado uma lição importante para a convivência entre homem e mulher: papéis bem diferenciados.

Desse modo, para os rapazes, mesmo quando surgia alguma oportunidade de maior intimidade, as moças não deixavam ‘a coisa avançar’. E para isso elas tinham bons argumentos:

...a moça sempre alegava isso, ‘você pretende casar comigo?’ ‘Ah, lógico, eu gosto de você’, aquela história toda. ‘Bom, então vamos parar com isso, né? Se você vai casar comigo nós vamos ter muito tempo para essas coisas’. Então desarmava um pouco o galã... Então ele ficava meio assim... Mas a intimidade custava. Custava bastante. As moças assim, de família, tudo, ah, reagem mesmo. Tinham muito receio dos pais, né?’⁴⁷⁸

Eles sabiam que não podiam avançar o sinal: “*vou casar com ela mesmo, então vou respeitar*”, por uma questão de bom senso. E ela também por sua vez, ‘*vai ser meu marido...*’⁴⁷⁹ Isso porém, não significava que ele deixaria de dar suas investidas tentando justamente ‘avançar o sinal’. Essa era também uma forma de classificar as moças. Caso reagissem, seriam consideradas ‘moças direitas’, se não oferecessem resistência eram ‘vagabundas’.

⁴⁷⁸Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

⁴⁷⁹Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

Segundo os dados de memória, os rapazes, ao tentar ‘avançar o sinal’, contavam com a segurança de que as moças saberiam pará-los. Pois, elas sabiam que quanto mais ‘liberais’ fossem – quanto mais deixassem que o rapaz avançasse em relação à intimidade do corpo – mais estariam se desqualificando para o casamento: *“Ele casava mais com aquelas que não deixavam do que com aquelas que deixavam”*.⁴⁸⁰ Assim, confiantes no interesse delas no casamento, podiam apresentar seus ‘dotes’ masculinos. Tomariam a iniciativa, mas na verdade, não esperavam que elas cedessem. *“80% era a moça que desarmava. Mais ou menos, 80% era a moça que reagia. As moças de família assim, reagiam mesmo!”*⁴⁸¹ Deste modo enquanto elas demonstravam suas virtuosas qualidades de ‘moças sérias’, eles mostravam a exuberância de suas investidas. Firmavam sua masculinidade apresentando suas ‘potencialidades’ e ‘capacidades’ para seduzir uma mulher. Contariam sobre seus ‘dotes’ de conquistadores aos amigos. E, para eles, elas sabiam disso.

*A própria moça tinha interesse em estar acompanhada quando namorava, assim ela não correria o risco que ele a difamasse: Tinha os papudos, conversador que ‘ah, eu já passei a mão em fulana, já fiz isso, já fiz aquilo’. Às vezes ninguém queria namorar a moça porque o camarada contou que já... Só não tinha mantido relações com ela, mas o resto já fez tudo o que tem que fazer... Difamava a moça. Isso ocorreu. Eu conheci casos assim, de pessoas difamadas por... E as vezes não era tanto, era mais gabolice do indivíduo do que... Ele fazia uma coisinha assim... e já dizia que era desse tamanho.*⁴⁸²

A partir desse relato pode-se supor que, os rapazes, tomavam a si mesmos como fonte de perigo em relação às virtudes de uma moça. Pode-se hipotetizar que esse era um raciocínio essencialmente masculino atribuído às moças, pois, como já se viu, era para eles que contar aos amigos sobre suas conquistas era importante como forma de masculinização.

⁴⁸⁰Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

⁴⁸¹Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

⁴⁸²Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

Como a 'moça de família' oferecia resistência, 'avançar o sinal' com ela era signo de uma dificuldade vencida. Contar isso aos amigos era o mesmo que garantir-se de que sabia agir como um homem. Sabia convencer uma mulher a entregar-se.⁴⁸³ Mas, enquanto eles mostravam e reafirmavam seus valores de homens, aquelas que teriam sido objetos de suas conquistas, tornavam-se, a seus olhos, difamada em seus valores de mulher.

Era nisso que se fundava a atitude de consultar os amigos sobre as condutas de uma moça, quando se interessavam por ela. Como sabiam que todos testariam suas habilidades de 'rapaz sedutor' com as namoradas, era importante saber se ela tinha tomado as devidas precauções.

*Se tinha uma pessoa da família junto, é sinal de que o cara nunca avançou o sinal porque... quando ela ia arrumar um outro candidato, normalmente ele perguntava 'você conhece fulana de tal?' 'É, ela namorou com fulano lá, mas ela sempre estava junto com a mãe, com a tia, com a irmã'. Então ele já sabia que ali é muito difícil de ter havido qualquer coisa.*⁴⁸⁴

Ter a segurança de estar com uma moça que resistira em 'se entregar' a um namorado anterior, era uma questão de honra masculina!

*Era uma questão de honra. O homem, para ele casar, a mulher tinha que ser virgem. Se a mulher não fosse virgem, por mais correta que ela fosse... Porque às vezes ela podia não ser virgem, mas era uma mulher de peso, né? Mas intimamente, lá no eu do cidadão, era uma vagabunda. Desculpa a expressão, 'ela já deu para outro'. Então Deus me livre o camarada daquela época dizer 'eu vou casar com uma mulher que já andou com outro', de jeito nenhum. 'Isso me desmoraliza. Fico desmoralizado perante meus colegas, meus amigos, e tal'.*⁴⁸⁵

⁴⁸³"Seja quem for o primeiro a satisfazer o desejo de amor de uma virgem, longa e penosamente refreado, e que ao fazê-lo vence as resistências que nela foram criadas através das influências de seu meio e de sua educação, este será o homem que a prenderá num relacionamento duradouro, possibilidade esta que jamais se oferecerá a qualquer outro homem. Essa experiência cria na mulher, um estado de sujeição que garante que sua posse permanecerá imperturbada e que a torna capaz de resistir a novas impressões e tentações estranhas". Mas, acrescenta: "O defloramento não tem apenas a única e civilizada consequência de amarrar a mulher permanentemente ao homem; desencadeia, também, a arcaica reação de hostilidade para com ele..." FREUD, *O tabu...*, op. cit., p.179.

⁴⁸⁴Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

⁴⁸⁵Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

Trata-se de uma clara afirmação de que um homem se faz homem na relação com outros homens. *“Fico desmoralizado perante meus colegas, meus amigos...”* Seu ser de homem se faz na afirmação, para os outros homens, de que ele é homem.

Para os entrevistados, estar namorando era uma forma de dizer a outros homens que eram homens. A partir do momento que um rapaz arranjasse a primeira namorada, ‘ter namorada’ passava a fazer parte de sua condição de homem. Se terminava um namoro logo deveria arrumar outra namorada. Era um imperativo: *“Tinha que ter namorada, não podia passar sem namorada”*.⁴⁸⁶

A decisão pelo casamento⁴⁸⁷ era uma outra forma de dizer-se homem. Ato que também se balizava na decisão dos outros homens em tempo de casar. Quando os rapazes do grupo iam casando, também se tornava imperativo casar. *“Meus colegas começaram casar e eu digo ‘agora eu vou ter que casar. Eles estão casando e eu não vou ficar sozinho’. Aí casamos. É que a gente vivia passeando, passeando, sem interesse nenhum. Aí vem um casa aqui, outro casa ali, ‘vou ficar para titio’, né? Aí casei também”*.⁴⁸⁸

⁴⁸⁶Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

⁴⁸⁷Conforme a memória dos depoentes, a idade média para casamento para as moças era entre 16 e 21, para os rapazes, entre 22 e 28.

⁴⁸⁸Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrida a memória dos homens que viveram a Curitiba das décadas de 1940 e 1950, os depoimentos possibilitam constatar que, independente das origens socioeconômicas dos entrevistados e das posteriores trajetórias de vida, são muitas as semelhanças nas digressões a respeito das experiências que nortearam sua construção no gênero masculino. Ao privilegiarem o campo da 'diversão', os discursos revelam um padrão. E mesmo que as responsabilidades gradativamente fossem se colocando como algo inerente à vida, as festas, os bailes, as farras, o sexo, o namoro... eram os pontos em que se detinham com mais particularidades. E muitos rememoravam com 'gosto', com alegria.

A 'liminaridade' vivida na juventude foi marcada como um tempo para exorcizar a criança que tinham sido; para 'ser homem', eles não podiam mostrar que ainda não o eram. 'Ser homem' se configurava como um 'ideal de perfeição' a ser atingido. Os depoimentos sugerem que assegurar a masculinidade parecia constituir-se como um movimento contínuo de antecipação: ainda não se sentiam plenamente homens, mas bancavam – ou 'provavam'⁴⁸⁹ – que sabiam agir como tal.

Na construção da masculinidade, a memória deixa perceber uma série de valores⁴⁹⁰ sustentados pelos mecanismos sociais da época. Entre eles, a escola, que por meio do conhecimento e dos próprios mecanismos educacionais, instituíam determinados modelos de conduta; o direcionamento dado pela família seguia o modelo tradicional, fundado em princípios morais bem estabelecidos e esperados

⁴⁸⁹De acordo com autores como Badinter, Nolasco, Heilborn, Birman, entre outros, o menino para masculinizar-se deve empreender um 'esforço' no sentido de afastar-se do universo feminino. O que faz com que ele seja convocado a dar 'provas' dessa diferenciação. Para Badinter, um menino para tornar-se homem deve então 'provar que não é mais um bebê', 'que não é mulher' e 'que não é homossexual', ou seja, que entendeu que é homem.

⁴⁹⁰"A masculinidade não cai dos céus; ela é construída por práticas masculinizantes". CONNELL, R. W. Como teorizar o patriarcado. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.90, jul./dez.1990.

para a sociedade; o trabalho tinha em si um valor de responsabilidade que, para eles, aparecia inerente à condição de 'ser' homem... e assim as normas e os princípios da responsabilidade iam sendo assimilados.

Muitos aspectos da masculinidade juvenil, porém, seriam constituídos no campo da diversão. Das traquinagens de meninos às namoradas sérias, ser um rapaz era rememorado principalmente como um mundo de arrojadas aventuras... um universo de deliciosas descobertas... O cinema, por exemplo, à época um importante veículo de lazer, e assimilado como uma diversão para toda a família, tinha inserção suficiente para oferecer 'modelos' de condutas. A partir dos depoimentos fica perceptível que nas farras ou desafiando as normas, estavam assimilando valores societários importantes para a época.

Os primeiros aprendizados de como se portar como homem entre os homens ou de como lidar com as mulheres eram assimilados na companhia de outros homens (com idades similares) e rememorados como pertencentes ao campo do lúdico. Assim, até mesmo as instituições mais tradicionais, portadoras dos valores da família, como a escola ou a Igreja, aparecem nos depoimentos pelo viés do lúdico e da diversão. A escola, por exemplo, foi mais rememorada como o palco dos 'primeiros namoricos', do que como o lugar da 'obrigação' por excelência. O próprio namoro era uma diversão, um motivo para passear, para se mostrar homem junto aos amigos; somente às vésperas do casamento se tornaria sério e, geralmente, depois de uma conversa com o pai da moça. Até a Igreja, nas raríssimas vezes em que é lembrada, foi trazida pelo viés da diversão: das 'festas de igreja', lugar para passeio e, principalmente, para 'ver as moças'. Em um único depoimento há referência à missa, mas o entrevistado contava sobre levantar cedo no domingo para acompanhar a namorada à missa depois de ter passado a noite toda em um baile (público), sem que ela soubesse.

O tempo de vivência de 'liminaridade' também tinha que ser 'aproveitado'. Assumir a juventude significava, a um só tempo, não ser mais criança, mas também não ser ainda adulto. Sendo jovens, eles se preparavam para se tornar futuros

provedores, mas ainda não o eram. Se o tempo era de 'passagem', é possível pensar que eram um pouco crianças e um pouco adultos. Assim parece que viver a juventude era, para eles, ao mesmo tempo assimilar coisas do mundo adulto (do homem adulto), mas ainda brincar com elas. Se o que se considerava sério nos códigos societários era sustentado pelos adultos, brincar com isso constituía uma forma de construção da autonomia necessária para tornar-se um homem.

A frase 'a gente tinha que aproveitar a juventude', repetida pelos depoentes, pode ser pensada como expressão de uma juventude assumida como tal. Era tempo de ser jovem e isso significava uma certa liberdade que, para eles, o mundo adulto parecia não comportar. Ser um tanto irresponsável, na juventude, podia ser uma maneira de adiar a responsabilidade que eles tinham como certa para os homens. Assim como chegar ao casamento era uma certeza, também era certo que depois do casamento 'adeus liberdade!' Ou seja, depois do casamento é que a coisa ficava séria! Então, era melhor aproveitar a juventude, preparar-se bem, amadurecer...porque depois era sério!

A memória indica que as aquisições das insígnias de masculinidade, e a absorção dos padrões masculinos de conduta eram aprendidas de um modo sempre mais rigoroso, mais inflexível e até mais rígido do que os padrões que eles mesmos esperavam para as moças. Da memória pode-se extrair que o homem deveria agir de um determinado modo, e isso era fixo e unívoco, caso contrário a masculinidade seria posta em dúvida.

Assim, não podiam 'escorregar', tinham sempre que parecer seguros, fortes, destemidos e vencedores! Já um 'pequeno escorregão' das moças⁴⁹¹ só reafirmaria a representação que eles tinham da mulher: frágil e ingênua. A instabilidade era considerada inerente à própria condição feminina. Enquanto de si mesmos exigiam 'provas', para elas tinham um olhar indulgente e generoso. As artimanhas femininas para tornarem-se visíveis, a resposta à pressão aos apelos dos noivos para uma certa

⁴⁹¹Representante do outro sexo, na representação que eles tinham do próprio sexo.

intimidade sexual, os subterfúgios para fumar escondido dos pais... eram tomados por eles como pequenas e inofensivas transgressões. Agiam como se isso fosse 'natural' nas mulheres. Se eles escapavam dos padrões esperados para os homens, sua masculinidade tornava-se duvidosa; certos escorregões femininos faziam parte de seu charme... 'olha só como elas eram bobinhas...'

Na memória deles, ao homem cabia uma trajetória linear, firme e inequívoca⁴⁹² na construção e afirmação de sua masculinidade, já as mulheres detinham a prerrogativa da instabilidade. Eles não podiam chorar, mas elas choravam como condição de sua feminilidade. Daí depreende-se outro aspecto marcadamente diferente para homens e mulheres: a juventude para um rapaz, funcionava como uma convocação para que passasse a responder por si mesmo; já para as moças esses parâmetros norteadores deviam vir de fora, elas deviam ser tuteladas e 'protegidas' pelos cuidados de sua família.

Assim, em seus depoimentos, a retidão feminina não estava determinada por sua mera submissão aos parâmetros familiares, mas sim pela indicação de que ela tinha uma família que zelava por sua honra. O que implicava não deixá-las desacompanhadas, fosse em casa ou ao sair, e, de preferência, que a companhia fosse de quem tivesse idade similar à dos pais.

Um homem poderia circular pelo mundo sozinho, tinha 'trânsito livre'... da casa da mãe à casa da prostituta... e ainda assim não deixaria de ser reconhecido como um 'homem de respeito', já no caso dela, acompanhada da família seria tida como 'uma moça séria', mas sozinha seria uma 'vagabunda'.

⁴⁹²A masculinidade passa pela 'afirmação da masculinidade'. Para Lacan, o 'tornar-se homem' pode ser pensado na forma da asserção subjetiva antecipatória, ou seja, nos três tempos que se seguem: no primeiro tempo, um homem sabe o que não é um homem; no segundo tempo os homens se reconhecem entre si como sendo homens; no terceiro tempo um homem afirma ser homem, por medo de ser convencido pelos outros homens de não ser homem. Movimento que fornece a forma lógica de toda assimilação 'humana'. LACAN, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.213.

Portanto, cabia aos homens tanto a responsabilidade por seus atos, quanto pelos atos das mulheres da família. Se ela fosse casada, seria tutelada pelo marido, se fosse solteira, pelo pai e pelo irmão. Então, mesmo solteiros, os rapazes tinham uma certa responsabilidade sobre a honra de suas irmãs, caso as tivesse.

A retidão exigida de um homem seria proporcional ao tamanho do seu encargo. A positividade própria da masculinidade parecia delegada aos homens, as mulheres 'de valor' eram aquelas que estavam sendo tuteladas. Deste modo, a feminilidade era sinônimo de passividade, lugar idealizado para as mulheres. Os homens tinham que provar sua masculinidade, pois ninguém se encarregaria disso.⁴⁹³

Ao se casarem, os rapazes não pareciam valorizar uma moça por sua individualidade, o que realmente contava era o conjunto de valores e virtudes, ou a síntese de insígnias que nela se fazia representar, absolutamente indissociável de sua trajetória de vida com sua família. Essa lógica de funcionamento talvez lance uma luz sobre o fato de que, ao longo dos depoimentos, esses homens, que puderam abordar toda uma trajetória de 'provas' de virilidade, não tivessem conseguido mencionar o 'amor'. Sempre mostraram-se empolgados para contar sobre suas aventuras viris... sobre um mundo de diversões... ou sobre o rigor das normas para o 'namoro sério', porém em nenhum momento se lembraram do amor. E quando alguma pergunta lhes era dirigida nesse sentido, davam pouca importância e logo mudavam o rumo do assunto.

O mais importante parecia mesmo a 'virilidade', e sua contínua afirmação. Pois no lugar de 'provedores', que o futuro lhes reservava, deviam cuidar de si mesmos, mas também delas. E por isso deveriam ser responsáveis! Deveriam ser provedores não só do sustento econômico da casa, mas também dos valores a serem preservados. Talvez por isso tinham de se sentir vencedores.

⁴⁹³"Nessa moral de homens feita para homens, a elaboração de si como sujeito moral consiste em instaurar de si para consigo uma estrutura de virilidade". FOUCAULT, op. cit., p.77.

No casamento⁴⁹⁴ – que era ‘para sempre’ –, eles sustentavam uma função referencial para toda a família. Um dos depoentes, que havia se separado da esposa depois de 28 anos de casado, continuava afirmando – a despeito do seu casamento que, para ele, ‘não havia dado certo’ – que, no seu tempo, ‘casamento era para a vida toda!’ Ou seja, para ele tinha mais peso a representação do casamento do que a própria realidade que ele vivia. Vale dizer que de nenhuma maneira ele deu a menor indicação de que a separação teria sido uma boa coisa em sua vida. Mas, quanto ao casamento, ele não tinha a menor dúvida de que havia feito o que todo homem tinha que fazer: casar! E para toda a vida.

A força e retidão apresentadas como sendo atributos daqueles rapazes/homens podem ser igualmente entendidas como parte de uma realidade ou, na reconstrução, como uma idealização cuja função seria, novamente, masculinizar? Afinal, se para o homem é tão imperativo afirmar sua masculinidade, seria diferente ao rememorar os tempos de sua juventude? Certamente que não estavam sendo convocados a se exibir a um outro homem, mas um deles queria inclusive me ‘mostrar’ o prédio onde ficava o Burro Bravo.⁴⁹⁵ Queria me mostrar que o prédio já estava em ruínas... escorado... mas ainda estava lá! Velho... mas estava lá!

⁴⁹⁴Instituição por excelência, para a sociedade da época.

⁴⁹⁵Conforme já apresentado, era um local de encontro. Para lá os homens levavam as mulheres dos amores ilícitos. Alguns ficavam nos carros, outros entravam para encontros reservados. ‘Um prenúncio de motel’, dizia um deles.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, Fernando. Sexualidade e ciências sociais: perspectivas e paradigmas no fim do milênio. In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- AGO, Renata. Jovens nobres na era do absolutismo: autoritarismo paterno e liberdade. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claud. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v.1.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/feminino: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: ANUÁRIO Antropológico/95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. Controle e obediência: vida de moças imigrante. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro.; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.
- ANREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias, um estudo da imigração ucraniana**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- ARCHANJO, Léa Resende. **Gênero e educação - relações de gênero no Colégio Estadual do Paraná (1950/1960)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- ARCHANJO, Léa Resende. Ser mulher na década de 50 – representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.) **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.3.
- ARMONY, Nahman. Van gogh, anunciador de uma nova masculinidade. In: NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARRETO, Rosa. Curitiba. Monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1952. In: SUTIL, Marcelo S.; MARCHETTE, Tatiana D. **Faculdade de direito de Curitiba - 50 anos**. Curitiba: Associação de Ensino Novo Ateneu, 2000.
- BATAILE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre, L&PM, 1998.

BENATTI, Antônio Paulo. As ambigüidades da tolerância: prostituição feminina nos anos 50. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro.; MARTINS, Ana Paula Vosne; (Org.) **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

BENATI, Antonio Paulo. **O centro e as margens**: prostituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BERMAM, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BERNOS, M.; LÉCRIVAIN, P.; LA RONCIÈRE, C. **O fruto proibido**. Lisboa: Edições 70, 1985.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BLOS, Peter. **Transição adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOSCHILIA, Roseli. **Condições de vida e trabalho**: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná.

BOSCHILIA, Roseli. Mulheres descendentes de imigrantes e o espaço fabril. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (Org). **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: UFPR. Departamento de História. 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Senso de honra. In: CORRÊA, M. **Três ensaios sobre a Argélia e um comentário** (série "textos didáticos"). Campinas: IFCH/UNICAMP, 1995.

BRAGA, Ney Aminthas de Barros. **Ney Braga tradição e mudança na vida política**. Curitiba: Ed. do Autor, 1996. p.75-77. Entrevista a Adherbal Fortes de Sá Jr.

BURGUIÈRE, André et al. El futuro de la familia. In: _____. **História de la familia - el impacto de la modernidad**. Madrid: Alianza, 1988.

CARRARA, Sérgio. Sexualidade e juventude. In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.148.

CASEY, James. **História da família**. Lisboa: Teorema, 1989.

CONNELL, R. W. Como teorizar o patriarcado. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez.1990.

COSTA, Rosely Gomes. De clonagens e de paternidade. **Cadernos Pagu – trajetórias de gênero, masculinidades...**, Campinas: Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, n.11, 1998.

DAUMARD, Adeline. **Os burgueses e a burguesia na França**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ERIKSON, Eric. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FLADRIN, J. L. **Familles. Parenté, maison, sexualité dans l'ancienne société**. Paris: Hachette, 1976.

FLADRIN, J. L. **O sexo e o ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRAISSE, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. São Paulo: Ebratil, 1991. v.4.

FRANÇA, A. T. A bela época dos chás dançantes. **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, v.63, n.40, 1999.

FREUD, S. **A negativa**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Obras Completas).

FREUD, S. **A organização genital infantil (1923)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras Completas).

FREUD, S. **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. A organização genital infantil**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972. (Obras Completas).

FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do eu**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras Completas).

FREUD, S. **O tabu da virgindade – contribuições à psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v.11. (Obras Completas).

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972. v. 7. (Obras Completas).

FREUD, S. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v.11. (Obras Completas).

GANZ, Ana Maria. Vivências e falas – trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **Mulheres na história: Paraná - séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

GONÇALVES JR., Antonio. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, v.24, n.122, dez. 1997.

GREIN F.º, Lauro. **Hora de lembrar: crônicas**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Catherine. Sweet home. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.4.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M.L. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. Corpo, sexualidade e gênero. In: DORA, Denise Dourado. **Feminino/masculino: igualdade e diferença na justiça**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. J. **Pessoa extraordinárias: resistência, rebelião e jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOERNER Júnior, Valério. **Ruas e histórias de Curitiba**. Curitiba: Artes & Textos, 1989.

JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KNOBEL, Maurício; ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

KRISTEVA, Julia. **Histoires d'amour**. França: Éditions Denoël, 1983.

LACAN, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, Jacques. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Livro 11.

LAFONT, Hubert. Os bando de jovens. In: FOX, Robin; FOUCAULT, Michel; VEYNE, Paul et al. **Sexualidades ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983.

LEAL, Ondina Fachel. **Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha**. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves; ORO, Ari Pedro (Org.). **Brasil e França: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

LEANDRO, José Augusto. **Palco e tela em Castro: teatro, cinema e modernidade – 1896-1929**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

LEBRUN, Françoise. O sacerdote, o príncipe e a família. In: BURGUIÈRE, André et al. **História da família**. Lisboa: Terramar, 1998. v.3.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. 2 ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LHOMOND, Brigitte. Sexualidade e juventude na França. In: HEILBORN, M.L. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MACHADO, Cacilda da Silva. **De uma família imigrante: sociabilidades e laços de parentesco**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da masculinidade. **Cadernos Pagu – trajetórias de gênero, masculinidades...**, Campinas: Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, n.11, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARCHETE, Tatiana Dantas. Umbará: o bairro na história da cidade. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, v.23, n.117, dez. 1996.

MARIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.4.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Memória femininas, In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. (Org.) **Mulheres na história**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

MATOS, Maria Isilda S. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros - percursos e possibilidades. In: **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.

MONTEIRO, Simone. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: HEILBORN, M.L. **Sexualidade, o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAES, Marieta de (Org.). **História oral**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda., 1994.

MOSSE, George L. Masculinidade e decadência. In: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (Org.) **Conhecimento sexual, ciência sexual. A história das atitudes em relação à sexualidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (UNESP/Cambridge).

NADALIN, Sérgio Odilon. Cidade, ciclos matrimoniais e etnicidade: imigrantes e descendentes de origem germânica e luterana em Curitiba (1866-1939). **História: Questões e Debates**, ano 16, n.30, jan./jun. 1999. Publicação semestral da Associação Paranaense de História (APAH) e do Programa de Pós Graduação em História da UFPR.

NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização da violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**: Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso**: (ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense, 1829-1889). Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

PILOTTO, Osvaldo. Sinopse histórica do Paraná. In: **1.º centenário da emancipação política do Paraná (1853-1953)**. [Curitiba]: Câmara de Expansão Econômica do Paraná, 1953.

PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J.G. **Honra e vergonha**: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

PROST, Antoine. A família e o indivíduo. In: PROST, Antoine; VICENT, Gérard (Org.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 5.

PUPPI, Ildefonso. A cidade paranaense: a evolução urbana. In: **1.º centenário da emancipação política do Paraná (1853-1953)**. [Curitiba]: Câmara de Expansão Econômica do Paraná, 1953.

PY, Lúcia. **Testemunhas vivas da história**. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: SANTOS, Antonio César de Almeida. **Memórias e cidade, depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)**. 2.ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

RAGO, Margareth. Modernizar para conservar: relações de gênero em São Paulo nas décadas iniciais do século vinte. **Cadernos Pagu - trajetórias do gênero, masculinidades...** Campinas: Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, n.11, 1998. Resenha.

RAMIREZ, Rafael L. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROBERT, Paul. **Le Nouveau PETIT ROBERT**. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Antonio César de Almeida. Curitiba cresceu e eu não cresci junto com ela. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **Mulheres na história**: Paraná - século 19 e 20. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

SANTOS, Antonio César de Almeida. **Memórias e cidade, depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)**. 2.ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

SARACENO, Chiara. **Sociologia da família**. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1997.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claud. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEGALEN, Martine. A Revolução Industrial: do proletário ao burguês. In: BURGUIÈRE, André et al. **História da família**. Lisboa: Terramar, 1999. v.4.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHORTER, Edward. **A formação da famílias moderna**. Lisboa: Terramar, 1975.

SIQUEIRA, Márcia D. et al. **Um século de eletricidade do Paraná**. Curitiba: Companhia Paranaense de Energia, 1994.

STONE, Lawrence. **Familia, sexe y matrimonio en Inglaterra**. México: CFE, 1989.

STRATHERN, M. The Gender of the Gift. Problems with women and problems with society in Melanesia. In: COSTA, Rosely Gomes. De clonagens e de paternidade. **Cadernos Pagu – trajetórias de gênero, masculinidades...**, Campinas: Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, n.11, 1998.

SUTIL, Marcelo S.; MARCHETTE, Tatiana D. **Faculdade de direito de Curitiba - 50 anos**. Curitiba: Associação de Ensino Novo Ateneu, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Ri de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIBA, Içami. **Adolescência**: o despertar do sexo. São Paulo: Ed. Gente, 1994.

TOMPSON, E. P. **Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TREVISAN, Dalton. **Em busca de Curitiba perdida**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná na virada do século. **História: Questões e Debates**, ano 16, n.30, jan. /jun. 1999. Publicação semestral da Associação Paranaense de História (APAH) e do Programa de Pós Graduação em História da UFPR.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Departamento de História. **Um século de eletricidade do Paraná**. Curitiba: Companhia Paranaense de Energia, 1994.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, Vozes, 1977.

VERENNE, Hervè. Love and liberty: la familia americana contemporánea. In: BURGUIÈRE, André et al. **História de la familia – el impacto de la modernidad**. Madrid: Alianza, 1988.

WALKOWITZ, Judith R. Sexualidades perigosas. In: FRAISE, Genevière; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - o século XX**. São Paulo: Ebradil, 1991. v.4.

WISSENBACH, Maria Cristina C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3.

FONTES

Entrevista 1, Curitiba, jul. 1999.

Entrevista 2, Curitiba, 04 fev. 2000.

Entrevista 3, Curitiba, 07 fev. 2000.

Entrevista 4, Curitiba, 10 fev. 2000.

Entrevista 5, Curitiba, 11 fev. 2000.

Entrevista 6, Curitiba, 13 fev. 2000.

Entrevista 7, Curitiba, 14 fev. 2000.

Entrevista 8, Curitiba, 15 fev. 2000.

Entrevista 9, Curitiba, 17 fev. 2000.

Entrevista 10, Curitiba, 18 fev. 2000.

Entrevista 11, Curitiba, 19 fev. 2000.

Entrevista 12, Curitiba, 20 fev. 2000.

Entrevista 13, Curitiba, 21 fev. 2000.